

A close-up portrait of Paulo Freire, an elderly man with a long white beard and glasses, looking slightly to the right. He is wearing a red shirt. The background is a wooden bookshelf filled with books.

*Cartas a
Paulo Freire*

Denúncias e Anúncios do Cotidiano da EJA

Organizadoras:
Maria Eurácia B. de Andrade
&
Sineide Cerqueira Estrela



Sineide Cerqueira Estrela. Doutora em Educação, com atuação Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/ Parfor/Turma Castro Alves-BA. Coordenadora Pedagógica SEC/BA. Pesquisadora do Núcleo Carolina Maria de Jesus: Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Popular, Agroecologia e Alfabetização da Classe Trabalhadora (UFRB).



Maria Eurácia Barreto de Andrade. Prof^a Dr^a da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com atuação no Cento de Formação de Professores (CFP) no curso de Licenciatura em Pedagogia e na pós-graduação em Educação e Interdisciplinaridade. Pesquisadora e líder do Núcleo Carolina Maria de Jesus: Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Popular, Agroecologia e Alfabetização da Classe Trabalhadora (UFRB), vinculada ao Programa de Extensão Tecelendo (UFRB/CFP).

Cartas a Paulo Freire:

Denúncias e Anúncios do Cotidiano da EJAI

Maria Eurácia Barreto de Andrade

Sineide Cerqueira Estrela

(Organizadoras)

Editora Kelps, 2022

| Goiânia - GO |

Copyright © 2023 by Maria Eurácia Barreto de Andrade

EDITORA KELPS

Rua 19 nº 100 – St. Marechal Rondon

CEP 74.560-460 – Goiânia-GO

Fone: (62) 3211-1616

E-mail: atendimento@kelps.com.br

Revisão

Maria Eurácia Barreto de Andrade

Programação visual

Pedro Henrique Barros

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte

Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região)3294

B433 Maria Eurácia Barreto de Andrade e Sineide Cerqueira Estrela
Cartas a Paulo Freire: Denúncias e Anúncios do Cotidiano
da EJAI / Maria Eurácia Barreto de Andrade Goiânia: Kelps, 2023.

208 p.

ISBN: 978-65-5370-470-1

1. Literatura brasileira. 2. Educação. 3. Ensaios . I.Título.

CDU: 376

O conteúdo e revisão deste livro são de total responsabilidade dos autores.

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra,
de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a
autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos
Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido
pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2023

Sumário

Prefácio - Fátima Freire	9
Anúncios Iniciais - Maria Eurácia B. de Andrade / Sineide Cerqueira Estrela	13
Primeira Carta - Educação de Jovens, Adultos e Idosos: Anunciando o Vivido - Maria Eurácia B. de Andrade	16
Segunda Carta - Itinerários Formativos na EJAI: Saberes e Fazeres - Sineide Cerqueira Estrela	34
Terceira Carta - Quem não se senta para aprender, não se levanta para ensinar: A práxis na modalidade de educação EJA - Sávio Oliveira da Silva Santos	56
Quarta Carta - “Escrevivências” da EJAI ao maestro Paulo Freire - Renê Souza Andrade	70
Quinta Carta - Aspirações Freireanas na educação profissional para Jovens e Adultos - Kelen Bispo Pinto	84
Sexta Carta - O fim da educação de Jovens, Adultos e Idosos - Heloísa de Jesus Muniz	94
Sétima Carta - O mestre é ignorante quando não se vê - Anderson Farias Teixeira Silva	104
Oitava Carta - Educação de Jovens, Adultos e Idosos, trajetórias de sonhos alcançados com esforços diários - Caminhos que não se esgotam - Andréia Xavier França	114
Nona Carta - Carta Pedagógica: Viver e Sonhar - Viviane Rodrigues Novais	124
Décima Carta - A Cons(descons)trução do ser professor - Aline dos Santos Brito	134
Décima Primeira Carta - Educação de Jovens, Adultos e Idosos: Refletindo experiências à luz de Paulo Freire - Thaís Aline da Silva dos Santos	144

Décima Segunda Carta - As relações Étnico-Raciais de Jovens, Adultos e Idosos - Lucas dos Santos Gois.....	156
Décima Terceira Carta - Um diálogo com Freire: Os saberes e dissabores de ser professor da EJA - Eliana Costa Moraes.....	164
Décima Quarta Carta - Carta a Paulo Freire: Experiências, diálogos e apontamentos na educação de Jovens, Adultos e Idosos - Marineide José dos Santos	172
Décima Quinta Carta - Juvenizações da educação de Jovens e Adultos - Nadilza da Silva Cruz	182
Décima Sexta Carta - Carta: Um diálogo sobre alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos - Juliana Lacerda de Brito da Silva	192
Sobre Os Autores	199
Anúncios Finais - Maria Eurácia B. de Andrade / Sineide Cerqueira Estrela.....	205



Conselho Editorial

Presidente

Antonio Almeida (in memoriam)

Coordenação da Editora Kelps

Waldeci Barros

Leandro Almeida

Conselho Editorial

Prof. Dr. Angel Marcos Dios (Universidad Salamanca – Espanha)

Prof. Dr. Antonio Donizeti Cruz (UNIOESTE, PR)

Profa. Dra. Bertha Roja Lopez (Universidade Nacional do Peru)

Profa. Dra. Berta Leni Costa Cardoso (UNEB)

Escritor Brasigóis Felício (AGL)

Prof. Dr. Divino José Pinto (PUC Goiás)

Profa. Dra. Catherine Dumas (Sorbonne Paris 3)

Prof. Dr. Francisco Itami Campos (UniEVANGÉLICA e AGL)

Prof. Dr. Iêdo Oliveira (UFPE)

Profa. Dra. Ivonete Coutinho (Universidade Federal do Pará)

Profa. Dra. Lacy Guaraciaba Machado (PUC Goiás)

Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC Goiás e AGL)

Profa. Dra. Maria Isabel do Amaral Antunes Vaz Ponce de Leão

(Universidade Fernando Pessoa. PT)

Escritora Sandra Rosa (AGNL)

Profa. Dra. Simone Gorete Machado (USP)

Escritor Ubirajara Galli (AGL)

Escritor e Revisor Prof. Drº Antônio C. M. Lopes

Prefácio

Sempre acreditei que escrever um prefácio para um livro, enquanto educadora que tento ser, é um desafio que ao mesmo tempo gera no meu corpo muita alegria e um forte sentimento de responsabilidade. Alegria pelo prazer de ter o privilégio e a oportunidade de convidar a esse outro, que me é desconhecido, à leitura do livro, e a responsabilidade inerente ao ato de realizar o convite. Então, é vestida destes dois sentimentos que ousou continuar com o convite com o qual fui presenteada.

Contudo, gostaria ainda de assinalar a presença constante de um outro sentimento, que vestiu o meu corpo ao longo de toda a minha leitura das dezesseis cartas: um sentimento de profunda emoção por se tratar de cartas dirigidas ao meu Pai.

A leitura das cartas exigiu de mim um desafio que não foi fácil: o de estar constantemente me perguntando, à medida que avançava na leitura: de qual lugar eu estava lendo aquelas cartas? Do lugar de filha dele, ou do lugar de mais uma educadora, que acredita e comunga com a sua filosofia de educação? Faço questão de socializar aqui, com vocês possíveis futuros leitores, a minha descoberta.

Descobri que quando lia do lugar de filha dele, me reconhecia profundamente enquanto uma educadora tendo tido o privilégio de ter sido educada por ele. E, quando lia do lugar de educadora, reconhecia a profunda alegria e gratidão de ser filha dele. Daí, concluí que estes dois lugares dialogaram constantemente entre si, ao longo de toda minha leitura.

Ao longo da construção do meu caminho na tentativa de ser educadora, sempre procurei, e ainda procuro, o fio vermelho que estrutura as pessoas, as coisas, as relações, os grupos de pessoas, as escolas, instituições e, principalmente, o fio vermelho que estrutura o desejo de cada um de nós. Durante toda a minha leitura do livro “Cartas a Paulo Freire: Denúncias e Anúncios do cotidiano da EJAI”, estive inteiramente como que guiada pela busca, pesquisa da descoberta/localização do fio vermelho do livro.

Meu corpo mais uma vez foi vestido, e desta vez, pelos diferentes dezesseis fios vermelhos que teceram o texto de cada uma das dezesseis cartas escritas ao meu Pai.

Fios vermelhos, todos eles, constituídos por uma clareza político/pedagógica advinda de uma profunda compreensão da filosofia de educação Freiriana.

A alegria que foi invadindo meu corpo à medida que eu avançava na leitura das cartas foi a de descobrir a existência de um diálogo intenso entre todas elas, propiciado pelos diferentes aspectos abordados e bordados por cada uma das autoras e cada um dos autores, em suas respectivas cartas.

Aqueles e aquelas que escolherem ler este livro serão desafiados a estar em contato com conceitos chaves e fundamentais do pensamento do meu Pai.

Não vou anunciar/denunciar aqui quais conceitos chaves e fundamentais são estes, pois gostaria muito que os mesmos fos-

sem localizados, descobertos, por aqueles que lerão este precioso livro de cartas.

Sempre acreditei que por sermos seres de linguagem, forçosamente somos seres simbólicos, e portanto, somos seres habitados por pessoas, linguagens e livros.

Sempre acreditei que da mesma forma como não aprendemos com qualquer um... também não somos habitados por qualquer pessoa ou por qualquer livro, ou muito menos por qualquer linguagem.

E, desta forma, que gostaria de concluir este pequeno e simples prefácio, cujo objetivo é o de convidar aos leitores para que este belo livro de cartas - que anunciam/denunciam incríveis experiências de ensino-aprendizagem, todas elas impregnadas de amor, coragem, generosidade e clareza pedagógica - possa fazer parte dos tantos outros livros que, seguramente, já habita a cada um(a) de vocês.

Desejo excelente leitura para todas/os aqueles que mantêm a curiosidade e o desejo de sempre aprender mais do que já sabe, para poder saber mais do que já sabia.

Fátima Freire
Rio de Contas.
Novembro, 2022

Anúncios Iniciais

Esta obra coletiva, intitulada *Cartas a Paulo Freire: denúncias e anúncios do cotidiano da EJAI*, é fruto de uma proposta de trabalho realizada no âmbito do curso de Pós-graduação em Educação e interdisciplinaridade, no Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e busca contemplar, por meio de cartas pedagógicas, diferentes temáticas relacionadas à Educação de Jovens e Adultos, nas suas diversas abordagens, considerando as implicações que atravessam a vida-formação dos cursistas em articulação com as leituras e discussões realizadas no componente PGLS0074 Educação de Jovens e Adultos.

E por que *Cartas a Paulo Freire*? Porque, considerando este momento de negação e ataque ao seu legado e toda a sua trajetória que ultrapassa os cem anos de existência, e por todos os estudos e reflexões realizados no âmbito do componente supramencionados ter como centralidade os estudos de Paulo Freire, definimos este formato de modo a homenageá-lo por todas as contribuições fornecidas à Educação de forma geral, principalmente no que se refere à modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

A ideia é que as abordagens contempladas nesta obra possam fortalecer as discussões acerca desta temática que é muito cara para o cenário da educação brasileira, sobretudo em tempos de resistência, além de fomentar as reflexões formativas sobre as abordagens contempladas em cada produção, as quais são re-

sultado de amplas leituras, reflexões e vivências no âmbito da modalidade.

O principal foco desta obra é apresentar um panorama dos saberes e das experiências desenvolvidas, denunciando e enunciando questões forjadas no cotidiano dos autores no campo da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Nesse sentido, a presente obra agrega dezesseis capítulos compostos pelas cartas pedagógicas que abordam importantes ponderações relacionadas à modalidade em pauta no seu movimento político, conceitual, bem como seus processos de construção.

Assim, as discussões contidas refletem alguns aspectos que permeiam a constituição e a prática no contexto da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, contemplando os principais desafios apresentados no exercício da sala de aula. É neste contexto que a obra *Cartas a Paulo Freire: denúncias e anúncios do cotidiano da EJAI* agora se materializa nesta produção coletiva, sendo construída por diferentes mãos de homens e mulheres que buscam refletir sobre práticas, defender concepções e anunciar ideias em torno da Educação de Jovens e Adultos.

A obra contempla dezesseis cartas pedagógicas, todas direcionadas a Paulo Freire, com diferentes autorias e reflexões em torno de temáticas relevantes referentes à Educação de pessoas jovens, adultas e idosas. Os autores que compõem esta obra convidam-nos a refletir criticamente sobre as questões contempladas nos diferentes capítulos/cartas-pedagógicas e lançam o desafio de que outras cartas sejam escritas com novas abordagens aqui não contempladas ou com a ampliação dos apontamentos aqui anunciados.

Espera-se que esta obra coletiva inspire outros educadores, pesquisadores e estudantes a anunciarem e denunciarem a realidade vivida, os desafios e as proposições para o fortalecimento da Educação de Jovens, Adultos e Idosos neste contexto que inspira cuidado e, sobretudo, que tenciona movimento de luta em favor da Educação para todos, especificamente os que foram silenciados historicamente e tiveram seus direitos usurpados. Que esta obra seja farol para aqueles que ainda defendem a exclusão da maioria em prol de uma minoria privilegiada. Que possamos denunciar a perversa realidade que exclui e nega direitos e anunciar novas possibilidades de fazer educação para todos, que acolha, que substitua os pactos de exclusão pelos pactos da solidariedade, do respeito, da coletividade.

Espera-se, ainda, que as abordagens aqui refletidas possam contribuir para a ampliação do debate e da reflexão das temáticas, bem como fomentar inquietações para novas produções, de modo a ampliar o debate e as referências ainda escassas neste campo. Além disso, que estas cartas aqui anunciadas ganhem dimensões mais amplas e consigam alcançar o maior número possível de leitores.

Que a leitura seja prazerosa!

Maria Eurácia Barreto de Andrade
Sineide Cerqueira Estrela

Organizadoras da obra



Primeira Carta

Educação de Jovens, Adultos e Idosos: Anunciando o Vivido

“Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”.

Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido

Prof^ª Maria Eurácia B. de Andrade

Amargosa, 16 de setembro de 2022

De: Prof^a Maria Eurácia B. de Andrade

Ao mestre Paulo Freire

Estimado mestre Paulo Freire, quanta alegria em escrever esta carta neste momento tão importante para o nosso país. Um momento nutrido por muita esperança de valorização da democracia, do respeito ao outro, a natureza, a ciência, a Educação, a classe trabalhadora... respeito a todo o teu legado para a educação não apenas no Brasil, mas no mundo.

No momento da escrita desta carta, num lindo sábado de primavera, ouvindo os cantos dos pássaros, vendo o voo das borboletas que se aproximam e alcançam as flores, numa incansável dança de alegria e esperança, apreciando o verde das árvores, o canto dos animais que comemoram o alimento disponível e cantam a liberdade de correr, saltar e viver, estou aqui com o meu coração tomado de emoção e esperança da possibilidade de um novo Brasil, um país que volte a valorizar a educação, a democracia, a ciência, a vida. Um país sem negacionismo, sem ódio, “um mundo [país] menos feio, menos cruel [...] diferente do que aí está e ao qual precisamos dar forma” (FREIRE, 2005, p. 39). Um país em que as armas sejam trocadas pelos livros, que a democracia seja vivida na sua essencialidade. E, como você destaca ao concluir a sua brilhante obra *Pedagogia do Oprimido*, a nossa

esperança é de um país com “[...] confiança no povo. [...] nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (FREIRE, 2005, p. 213).

Quero e luto por um Brasil que volte a estimar o teu legado, que as lições anunciadas em todas as suas obras sejam respeitadas como referência clássica para uma verdadeira educação humanizadora e libertadora e para a formação de pessoas politizadas que compreendam criticamente a realidade social e possam intervir positiva, responsável e democraticamente. O patrono da Educação brasileira sempre será aquele que se definiu como um homem que viveu, amou e tentou saber. Um homem que nos deixa o legado da esperança, do amor como ato de coragem, da capacidade de sonhar com um mundo melhor. O legado de uma educação que é feita por gente e para gente e que se sobressai porque existem educadores e educandos que sonham com um mundo possível, sonham com uma escola alegre, diversa, justa e por ela lutam. Acredito que nós podemos, sim, dar continuidade ao teu grande sonho: mudar a face da escola, da Educação. “O sonho de democratizá-la, de superar o seu elitismo autoritário, o que só pode ser feito democraticamente” (FREIRE, 1991, p. 74). O sonho que “tem que ver com uma sociedade menos injusta, menos malvada, mais democrática, menos discriminatória, menos racista, menos sexista” (FREIRE, 1991, p. 118).

Assim como você, eu também não acredito em educação sem afeto, sem amorosidade, sem busca, pois a educação é essen-

cialmente “um ato de amor e de coragem” (FREIRE, 1983, p. 93). Você nos ensinou que não tem medo de ser amoroso. Nas tuas palavras, em depoimento à série de programas radiofônicos da Rádio Nederland, da Holanda, você anunciou: “Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade¹”.

É acreditando nestas grandes lições anunciadas por você que nutro o desejo e busco cotidiana e incansavelmente uma educação que possa reverberar na formação de pessoas felizes, afetivas e comprometidas com a realidade social, de modo que sejam autorizadas a transformá-la no seu fazer cotidiano. Luto por uma educação atravessada pelo amor, porque conforme anunciado por você, professor Freire, “[...] amar [...] é um ato de coragem, nunca de medo. O amor é compromisso com os homens. [...] o ato de amar está em comprometer-se com a causa” (FREIRE, 2005, p. 210-211).

Com base neste comprometimento com as pessoas, com a causa da Educação, sobretudo com a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, realizamos uma ação de muita potência, no âmbito do curso de Pós-graduação em Educação de Interdisciplinaridade do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no componente optativo Educação de Jovens e Adultos, que aspiro compartilhar com você nesta carta.

1 Depoimento de Freire à série de programas radiofônicos da Rádio Nederland, da Holanda, intitulada Paulo Freire: o andarilho da utopia.

Inicialmente é importante destacar, professor Paulo Freire, que o componente foi forjado por um intenso processo de reflexão sobre o contexto político, social, econômico e, sobretudo, educacional, tendo como centralidade as suas ideias contempladas nas mais diversas obras. Por toda a conjuntura que o país atravessa atualmente, buscamos realizar uma ação transgressora de modo a problematizar os ataques severos à democracia, a Educação Pública (sobretudo a Educação de Jovens e Adultos) e a todo teu legado para a Educação. Assim agimos porque temos, assim como você, um “compromisso com os destinos do país. Compromisso com o seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem” (FREIRE, 2007, p. 25).

Mesmo sendo realizado sem a presencialidade, considerando o momento pandêmico que o mundo vive e em obediência às normas estabelecidas pela instituição, o trabalho foi realizado de forma responsável, com respeito à ciência e a tecnologia, pois concordamos com a tua afirmação ao destacar que “se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa” (FREIRE, 2007, p. 22).

Quando destacamos a experiência como transgressora é porque fugimos de uma lógica de conformismo e buscamos dar centralidade epistemológica a tua teoria que, na nossa compreensão, segue na contramão das políticas atuais que negam a ciência

produzida ao longo dos anos e o seu convite a uma prática libertadora, desconstruindo uma lógica de educação que fragmenta, que nega a dimensão política do processo de educar/alfabetizar e que retrocede décadas de pesquisas intensas na área, tendo sempre o seu legado epistemológico como balizador do processo.

A nossa intenção foi refletir, problematizar, aprofundar o debate e ampliar a discussão sobre a Educação de Jovens, Adultos e Idosos pensando na sua materialidade histórica, na sua razão de existir e destacando tópicos especiais com ênfase nos sujeitos e as condições histórico-sociais que produziram a baixa escolaridade de jovens e adultos no nosso país. Além disso, buscamos tencionar reflexões provocativas sobre os princípios e os fundamentos da educação de jovens, adultos e idosos e a sua relação com o trabalho, por se constituírem como trabalhadores estudantes e não o contrário. Provocamos problematizações profícuas sobre um novo sentido para o currículo da EJAI, tendo os estudantes como centralidade e suas ações mediadas por meio de uma prática articulada, contextualizada e conectada com situações sociais vivas em que estes são inseridos no seu cotidiano. Um currículo interdisciplinar em que os conhecimentos sejam atravessados pelas diversas áreas.

Ao colocarmos o sujeito como centralidade e ponto de partida das discussões, iniciamos o trabalho buscando compreender o perfil, os contextos, as trajetórias e suas marcas de exclusão. Neste momento, problematizamos sobre as negações sofridas pelos estudantes, a omissão do Estado e todos os direitos constitu-

cionais usurpados ao longo da trajetória de vida destas pessoas. Toda essa reflexão inicial desencadeou outras discussões e problematizações importantes, como os princípios e fundamentos da Educação de Jovens e Adultos, em articulação com algumas das categorias conceituais e os processos alfabetizatórios na perspectiva libertadora, amplamente defendida por você em tuas obras e ações formativas.

Todas estas abordagens foram trabalhadas no contexto do componente Educação de Jovens e Adultos por meio de estratégias didáticas que buscaram valorizar a dinâmica relacional e a troca de experiências no aspecto da construção de conhecimentos colaborativos. Nesse sentido, foi preocupação metodológica do componente curricular romper com a dicotomia teoria/prática e ensino/pesquisa. Dessa forma, valorizamos estratégias que privilegiaram as práticas e conhecimentos da turma, num constante processo de interação com os conteúdos.

Nessa direção, lançamos mão de exposições colaborativas, leituras e debates de materiais referentes aos temas de estudo, análise crítica, síntese e apresentação das ideias principais de textos relacionados às temáticas priorizadas no componente, sistematização do conhecimento por meio de produções individuais e grupais e produção de carta pedagógica como forma de anunciar, refletir e aprofundar sobre temáticas evidenciadas no âmbito do componente e que são atravessadas pelas trajetórias de vida-formação dos estudantes do curso.

Quanto à forma de avaliação, defendemos que esta, assim como todo o processo formativo, deve ser redesenhada, de modo que atenda os estudantes por meio de um processo que garanta a aprendizagem. Assim, na condição de processo contínuo, dinâmico, investigativo e elemento intrínseco ao ensinar e aprender, a avaliação, no contexto do componente, buscou propiciar aos envolvidos produções e reflexões em caráter formativo, que ultrapassou a mera classificação e atribuição de notas. Nesse sentido, foi realizada de forma contínua, no decorrer do componente, levando-se em consideração o nível de comprometimento em todas as atividades realizadas, bem como o cumprimento dos objetivos propostos. Os estudantes, portanto, foram avaliados a partir da produção de conhecimentos individuais e coletivos dos conteúdos trabalhados nas aulas, além dos conhecimentos construídos e sistematizados na produção das cartas pedagógicas que juntas compõem esta coletânea intitulada *Cartas a Paulo Freire: denúncias e anúncios do cotidiano da EJAI*.

O processo de avaliação do componente também observou alguns aspectos qualitativos, como: envolvimento e participação nas atividades planejadas, consolidação de conceitos, desempenho e cumprimento das atividades propostas, compromisso com a disciplina, produção escrita (consistência na fundamentação teórica e articulação com as práticas, concatenação de ideias e articulação com a temática escolhida).

Iniciamos o trabalho do componente conhecendo os estudantes, suas trajetórias de vida-formação, bem como suas impli-

cações e atravessamentos com a Educação de Jovens e Adultos. Além disso, socializamos a proposta do componente e realizamos colaborativamente os ajustes necessários, no intuito de contemplar as discussões mais relevantes para o coletivo, sem desconsiderar o ementário. Logo em seguida, iniciamos as discussões e apontamentos sobre os sujeitos, o currículo e os contextos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Estas possibilitaram um amplo debate com contribuições propositivas da turma, sempre com reflexões ancoradas no seu legado para a Educação, especificamente para a modalidade da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Neste momento problematizamos, discutimos, anunciamos, denunciemos sobre as temáticas de forma colaborativa, tomando como parâmetro as experiências formativo-acadêmicas da turma, forjadas por tuas ideias expressas nas mais diferentes obras.

Neste mesmo encontro, buscamos trazer à tona a relação entre a Educação de Jovens, Adultos e Idosos e o mundo do trabalho, compreendendo que as pessoas inseridas nesta modalidade são, na sua grande maioria ou quase totalidade, trabalhadoras que buscam na sala de aula, dentre muitas outras motivações, uma possibilidade para melhoria da vida profissional. Foi muito relevante discutir sobre esta temática, porque tivemos possibilidade de refletir criticamente sobre os estudantes inseridos e seus contextos de vida e profissão ou ocupação, as suas necessidades de escolarização e tivemos possibilidade de pensar colaborativamente alternativas pedagógicas para a modalidade, principalmen-

te no que se refere ao processo inicial, de modo a atender os trabalhadores estudantes que estão ocupando os bancos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

A organização curricular frente à especificidade dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos também foi contemplada de forma bastante interessante, com as ricas contribuições da turma, sempre problematizando a realidade social, o papel do Estado, as invisibilidades e negações que a modalidade vem sofrendo, especificamente no momento atual com tantos ataques à Educação brasileira e, principalmente, a Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

Também foram priorizadas discussões e reflexões sobre algumas categorias conceituais apresentadas no Dicionário Paulo Freire. A proposta foi que cada estudante escolhesse uma das categorias conceituais, realizasse sinais de leitura na intenção de se apropriar dos apontamentos contemplados pelos(as) autores(as) para um círculo de cultura. É importante destacar a riqueza deste momento pelas inúmeras abordagens apresentadas, todas nutridas de muita criticidade e reflexões aprofundadas.

Dentre tantas categorias disponibilizadas no dicionário, sugerimos algumas que estão diretamente relacionadas às discussões do componente, como, por exemplo: Alfabetização, Analfabetismo, Apreensão da Realidade, Autonomia, Boniteza, Cidadania, Círculo de Cultura, Conscientização, Criticidade, Cultura Popular, Diálogo/dialogicidade, Educação problematizadora,

Educação de Adultos, Emancipação, Esperança, Interdisciplinaridade, Intervenção no mundo, Leitura do mundo, Libertação, Metodologia do trabalho popular, Marchas, Movimento Popular, Problematização, Resistência, Ser mais, Tema gerador e Utopia. Mesmo com estas sugestões apresentadas, os estudantes ficaram livres para escolher dentre as diversas elencadas no dicionário a que mais chamou a atenção, de acordo com as suas trajetórias formativas e suas temáticas de pesquisa. Nesse sentido, os estudantes realizaram as suas escolhas, seguidas de leitura prévia e os devidos sinais de leitura no intuito de socializar com os demais colegas as reflexões apresentadas pelos autores e destacadas por eles.

Este foi um momento ímpar, visto ter sido marcado por ricas reflexões traduzidas em amplos debates formativos de todos os participantes, os quais, de posse dos sinais de leitura realizados, tiveram oportunidade de socializá-los e abrir espaço para que o coletivo pudesse aprofundar o debate. Foi uma participação bastante intensa de todos os estudantes, que conseguiram refletir, problematizar e aprofundar compreensões sobre as diferentes categorias conceituais escolhidas.

Depois de todas estas discussões e reflexões nutridas de muitos diálogos colaborativos, foi necessário abrirmos uma ampla abordagem sobre os princípios e fundamentos da Educação de Jovens e Adultos e os Itinerários formativos na EJAI, destacando os seus saberes e fazeres. Estas temáticas foram amplamente apresentadas por uma convidada especial, Sineide Estrela, que,

com toda sua experiência profissional e de pesquisas realizadas na área, conseguiu mobilizar a turma ao apresentar cuidadosamente a temática, evidenciando a experiência vivenciada no projeto de Extensão Alfagaris, realizado em parceria da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e a Sustentare Saneamentos S.A., empresa de limpeza pública também de Feira de Santana.

Depois deste momento tão significativo, em que pudemos contar com a participação efetiva de toda a turma, com questionamentos, problematizações, reflexões e relatos de experiências formativas com pessoas jovens, adultas e idosas, chegou o momento de discutirmos sobre os processos de alfabetização para a referida modalidade. Este foi um momento de muitas tessituras e problematizações sempre forjadas a partir do seu legado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos não alfabetizados ou pouco escolarizados. Ponderamos colaborativamente sobre a necessidade de intensificar o debate e lutar por políticas públicas que garantam a apropriação da leitura e da escrita para estas pessoas que foram historicamente silenciadas e vítimas de um sistema social perverso, excludente que nega direitos constitucionais básicos, como o de ler e escrever com autonomia. Debatemos sobre o momento atual, as negações epistemológicas de um governo que desconsidera a principal referência no campo da alfabetização de jovens, adultos e idosos não só no Brasil, mas no mundo, que é reconhecido como o patrono da educação brasileira por meio da Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012, sancionada por Dilma Russeff, em homenagem ao seu legado na qualidade de *ethos* de

toda educação do nosso país e com suas obras reconhecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) como patrimônio Documental da Humanidade. Um governo que segue na contramão das tuas ideias e proposições e de tantos pesquisadores brasileiros que, bebendo da tua fonte epistemológica, propõem um processo alfabetizador que garanta a politicidade e libertação por meio de um processo problematizador, provocador, em que os professores lançam mão dos conhecimentos prévios dos seus estudantes, das vivências cotidianas para iniciar o processo de produção do conhecimento, sempre de forma articulada com a trajetória de vida/formação da sua turma.

Vivemos um momento em que se desconsidera o que você tanto ensinou, que o processo deve ser iniciado tendo como centralidade o estudante, para que, a partir dele, do seu contexto e das suas vivências, possa-se avançar no seu conhecimento e ampliar as possibilidades, sempre em uma perspectiva política, questionadora e problematizadora. Desconsideram-se, também, os estudos realizados pelos grupos de pesquisa consolidados no Brasil e retrocedem-se muitas décadas ao trazer à tona o debate sobre o método fônico, evidenciando-o como base para o processo de construção da alfabetização no país.

Como forma de estudo e aprofundamento de temáticas necessárias para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, os estudantes foram convidados a realizarem leituras e discussões em dupla de artigos com diferentes abordagens sobre questões que atravessam o componente em pauta. Estes artigos foram escolhi-

dos e disponibilizados com antecedência a fim de que todos tivessem tempo para leitura, sinalizações, apontamentos e reflexões, seguidos de socialização no coletivo. Sete artigos foram disponibilizados e depois debatidos na aula pelas duplas responsáveis pela socialização. Todas as duplas apresentaram com profundidade as temáticas de cada artigo, como forma de convite para que os demais pudessem ler em outro momento, para maior fundamentação sobre as temáticas priorizadas. Várias temáticas foram contempladas nestes momentos, desde experiências formativas no âmbito da EJAI até reflexões mais profundas sobre analfabetismo da população adulta e idosa, currículo, cultura, Educação de Jovens, Adultos e Idosos na pandemia, Política Nacional de Alfabetização (PNA), dentre outros.

Depois de todos estes estudos realizados no âmbito do componente optativo Educação de Jovens e Adultos, foi possível uma avaliação do coletivo, trazendo as impressões e percepções de todo o processo. As avaliações foram as mais positivas possíveis, considerando o nível de envolvimento da turma em todas as ações propostas e temáticas priorizadas para as reflexões, estudos e debates promovidos durante o processo. No último dia de atividade, dedicamos um momento para que pudessemos pensar nos pontos positivos, negativos e proposições para a melhoria do trabalho em ocasiões posteriores. Foi bastante significativo este momento de escuta sensível, cuidadosa e aberta, pois conseguimos o *feedback* do trabalho desenvolvido no componente e percebemos o quanto as discussões e reflexões tecidas impactaram

positivamente os estudantes. Isso foi revelado desde as narrativas de avaliação até as reflexões apresentadas nas cartas pedagógicas produzidas por todos os participantes. Estes destacaram diferentes abordagens que atravessam a Educação de Jovens, Adultos e Idosos e suas vivências, tanto no âmbito pessoal quanto profissional, além dos diálogos reflexivo-formativos construídos nas trinta e quatro horas dedicadas ao componente em pauta.

Por todo o teu legado para a Educação do Brasil e do mundo, principalmente para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, quero te agradecer, professor Paulo Freire. Teus ensinamentos estão vivos, ultrapassaram as fronteiras do tempo e toda tentativa de negar o teu patrimônio epistemológico para a humanidade. Tuas ideias estão ainda ecoando nos mais diversos cantos como uma chamada para o esperançar. Esse esperançar que é cantado na música *Esperançar por esse chão*, como uma homenagem a você, e que, segundo informações destacadas no Espaço Ciência Viva², teve a participação direta do professor Eduardo Souza, do Departamento de Artes e Comunicação da UFSCar.

2 Pode ser acessado por meio do link: <http://cienciaviva.org.br/index.php/2021/06/29/esperancar-por-esse-chao/>

*O menino lê o mundo,
Olha o céu e risca o chão.
Traça a linha do horizonte.
Silencia, vai à fonte.
Dança solto na amplidão
Brinca, canta, segue, vive
Vai crescendo o homem livre
Sob o sol de Jaboatão.
No Recife, se fez mestre.
Em Angicos, ele acende
Um farol que vai bem fundo
Uma luz feita pro mundo.
De uma nova educação
Canta a bela melodia
Traz a velha fantasia
Rompe com qualquer prisão.
Sua voz se faz canção
Seu olhar abre horizontes
Guarda a fonte da semente
Vive o mestre em quem aprende
“esperançar” por esse chão.
Vamos reaprender o Brasil
(“esperançar” por esse chão)
Vamos reencantar a nação
Vamos cantar a vida de novo
Paulo Freire, morre não!*

É justamente esse esperar que nos mobiliza neste momento tão difícil. É esse esperar que nos faz buscar a construção de uma nova realidade para a Educação brasileira e esta não é possível sem as tuas contribuições, sem teus ensinamentos que nos convidam a lutar, a acreditar no outro e na sua possibilidade de mudança. Mobilizam-nos a buscar incansavelmente uma educação para todas as pessoas por meio de um movimento dialógico em que o sujeito e seus contextos de vida, cultura e existência ocupam lugar de centralidade no processo. Convida-nos a “traçar a linha do horizonte”, a “cantar a vida de novo”, a “reaprender o Brasil”, a “reencantar a nação” e a “esperar por esse chão”.

É nessa perspectiva que continuamos na militância, na marcha, na luta cotidiana para a construção de uma sociedade e de uma educação cada vez mais bonita, justa, qualificada por meio de uma prática afetuosa e comprometida. Não acredito em educação sem afeto, sem alegria, sem amorosidade, sem a busca por uma sociedade melhor. A “capacidade científica e o domínio técnico a serviço da mudança” (FREIRE, 2003, p. 143) são legitimados por meio de um processo que assume o compromisso com a causa.

Sigamos na luta!

Com muito carinho,

Prof^a *Maria Eurácia Barreto de Andrade*

Referências:

FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática da Liberdade*. 15. ed. Editora: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.



Segunda Carta

Itinerários Formativos na EJA: Saberes e Fazeres

“Ninguém pode conhecer por mim, assim como não posso conhecer pelo aluno. O que posso e que deve fazer é, na perspectiva progressista em que me acho, ao ensinar-lhe certo conteúdo, desafiá-lo a que vá percebendo na e pela própria prática, sujeito capaz de saber [...] ajudá-lo a reconhecer-se como arquiteto de sua própria prática cognoscitiva”

FREIRE, Pedagogia da autonomia

Sineide Cerqueira Estrela

Feira de Santana - BA, 20 de agosto de 2022

De: Sineide Cerqueira Estrela

Ao: estimado Paulo Freire

Rememorar a experiência formativa ocorrida no contexto de uma formação do professor de uma universidade pública, entrelaçada a um projeto de extensão de alfabetização de jovens e adultos, permite-nos vislumbrar, aqui, esse lugar de educadora que se posiciona como uma eterna aprendiz. Uma educadora que, apesar de tantos retrocessos e negacionismos de um governo que não se importa com a educação, nunca perdeu a esperança.

Nesse momento de escrita ao patrono da educação brasileiro, Paulo Freire, emocionono-me ao revisitar/rememorar aquela ação político-pedagógica, amorosamente vivida com estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia e estudantes da alfabetização inicial, dos sujeitos jovens, adultos e idosos marginalizados do seu direito fundamental: o direito de ler e de escrever. O direito de poder agir no mundo com autonomia. Ainda, ao reviver na memória os passos, o caminho percorrido, recordo-me, com os olhos banhados em lágrimas, a alegria que senti ao presenciar duas alfabetizadas anunciarem a “boa nova”. Anunciarem a alegria da sua libertação. A alegria de ler.

Ali, na calçada de uma das grandes avenidas de uma cidade do interior da Bahia, as duas alfabetizadas contagiavam a todos que passavam com a alegria de se perceberem lendo os letreiros dos ônibus que poderiam conduzi-las às suas casas. Elas

gritavam: “Asa branca, Viveiros, Sobradinho...” e abraçando-me gritavam, festejavam a sua liberdade: “Professora, veja, eu já sei ler!”. E liam, liam... Aquela alegria do sonho realizado. Uma alegria que me fez vivenciar, sentir na pele o significado da Canção para os fonemas da alegria, de Thiago de Mello, pois sobre aquele chão, aquela avenida, parafraseando Mello, reinavam ali duas mulheres diferentes, que acabavam de nascer:

[...]porque unindo pedaços de palavras
aos poucos vai unindo argila e orvalho,
tristeza e pão, cambão e beija-flor,
e acaba por unir a própria vida

no seu peito partida e repartida
quando afinal descobre num clarão
que o mundo é seu também, [...]

Nesta carta, peço licença ao poeta para reflexionar ao teu gosto, Mestre Paulo Freire, sobre uma experiência formativa, após aceitar o convite para a peleja, juntamente com outros companheiros [estudantes de pedagogia], para pelejarmos [alfabetizar] e vivermos sessenta e oito horas de total ternura: alfabetizando, estudantes de pedagogia e professora em processo contínuo de aprendizagem. Com essa vivência amorosa e com a licença poética, também eu
Peço licença para [começar]
soletrando a canção de rebeldia
que existe nos fonemas da alegria:

canção de amor geral que eu vi nascer
nos olhos do homem que aprendeu a ler.

Canção de amor geral que vi nascer nos olhos de homens e mulheres que aprenderam a ler e nos olhos dos estudantes de Pedagogia que experienciaram uma forma possível de ensinar e aprender, que entrelaçava afetividade e rigor, conforme você nos ensinou. Como Thiago de Mello, peço licença para algumas coisas. Primeiramente, para registrar nesta carta o meu apreço pelo senhor e por tudo que representa para a educação brasileira. Feito isso, peço licença para relatar o movimento realizado no componente curricular Educação de Jovens e Adultos e em um projeto de extensão de alfabetização de jovens e adultos, com destaque aos múltiplos saberes adquiridos nessa parceria. Por isso, o título desta carta é ITINERÁRIOS FORMATIVOS NA EJAI: SABERES E FAZERES. Itinerários mesmo, no plural.

Então, Itinerários formativos na EJAI: saberes e fazeres é a certeza de que o caminho se faz caminhando, refletindo, da prática para teoria e desta para aquela. Aprendi contigo, Mestre, que “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual a gente se pôs a caminhar” (FREIRE, 1997, p. 155) É desse caminhar, refazendo, retomando e retocando que aqui passo a relatar, reflexionando sobre os saberes e fazeres construídos nesse processo.

Na condição de professora do componente curricular Educação de Jovens e Adultos do Curso Pedagogia de uma uni-

versidade pública e coordenadora de um projeto de extensão de alfabetização de jovens e adultos trabalhadores de uma empresa de limpeza pública o desafio estava posto. O que fazer? Aprendi que a prática e a teoria educativa se revelam política nos seus mínimos detalhes e isso fica claro nas duas dimensões da educação pelo senhor apresentadas (dimensão política e dimensão pedagógica).

Sabemos que a dimensão política da educação revela-se no próprio ato de conhecer, na leitura do mundo, no desvelamento da realidade que se apresenta. Portanto, não há como negar que a educação é uma prática política. Uma prática política que se manifesta nas concepções de mundo e de homem veiculadas; reafirma-se, com isso, a impossibilidade de uma educação neutra. Não há neutralidade em educação, e esta assertiva manifesta-se na dimensão pedagógica da educação, no ensinar e aprender a leitura da palavra para expressar seus sentimentos, para usufruir o direito de cidadania. Essa não neutralidade se expressa nas nossas escolhas, nos conteúdos selecionados. Ao selecioná-los, revelamos as nossas opções e preferências sociais, culturais, ideológicas, como nos alerta Afonso Celso Scocuglia, dimensão essa que está presente no próprio saber fazer do processo ensino/aprendizagem. E, nesse sentido, havemos de concordar que a seleção de conteúdos a ensinar traduz o tipo de professor que se quer formar.

A partir dessa compreensão, nossa prática pedagógica rejeita a neutralidade do processo educativo, concebe a educação como dialógica e propicia ao estudante desenvolver o pensar crítico acerca da realidade. Um pensar gerado na interação en-

tre prática e teoria, em que a prática precede e se constitui como princípio fundante da teoria. Lembrando, contigo, que a teoria sem a prática vira “*verbalismo*”, assim como a prática sem teoria vira “*ativismo*”. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a *práxis* (ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo).

Por isso, a proposta de trabalho desenvolvida, em seu conteúdo e em seus métodos, tinha a clareza da finalidade visada: a de *ser mais*. Trata-se da intencionalidade pedagógica de possibilitar aos estudantes em formação o direito de serem sujeitos do processo educativo, de construírem-se como profissionais docentes, de estabelecerem com os alfabetizados “relações de reciprocidade, fazer a cultura e história”, conforme você ensinou em *Conscientização: teoria e prática da libertação* (FREIRE, 1980, p. 39). É ter a certeza, com a *Pedagogia da autonomia*, de que os estudantes são “criadores, investigadores, inquietos, curiosos, humildes e persistentes” (FREIRE, 1996) e que, conforme seus escritos em parceria com Ira Shor, “[...] a sala de aula libertadora é exigente, e não permissiva. Exige que você pense sobre as questões, escreva sobre elas, discuta-as seriamente”. (FREIRE; SHOR, 2008, p. 23)

Assim, o encontro com o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão possibilitou as condições para a Educação como *Práxis*, em que o ensino teve como eixos norteadores: a construção do conhecimento, a partir da reflexão crítica da realidade, e a prática dialógica. Entendi com os teus escritos que homens e mulheres têm direito de conhecer o que não conhecem, de conhecer melhor o conhecimento que já possuem e

de construir o seu próprio conhecimento. A pesquisa, a partir dos nossos questionamentos, direcionou-se para a resolução de situações problemas. Nesse processo, desde os primeiros momentos, o núcleo dessa ação político-pedagógica foi a extensão. Extensão como uma via de interação entre os estudantes em processo de formação e os alfabetizando jovens e adultos, possibilitando a vivência da relação teoria/prática, em um movimento permanente de idas e vindas, da prática à teoria, da teoria/prática, para a construção de uma nova prática.

Uma educação libertadora que se realizou como um processo pelo qual essa educadora convidou os estudantes em formação a pelejarem com ela, a reconhecerem e desvelarem criticamente a realidade da Educação de jovens e adultos. Mas qual o foi itinerário percorrido? Ou quais os itinerários percorridos? É isso que vou te contar agora.

Nosso trabalho articulou o projeto de extensão de alfabetização de jovens e adultos trabalhadores ao componente curricular da EJA, orientando-nos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA. A intenção foi associar a pesquisa à docência como forma de enriquecer os conhecimentos e o ato educativo, aliando a teoria à prática. Ao trazer a pesquisa para a docência como componente formativo, como propõe o documento referenciado, no exercício da prática, na sala de aula de alfabetização, acreditamos no potencial para traduzir a riqueza cultural dos estudantes alfabetizando e, com isso, enriquecer o componente curricular. A assunção desse tripé ensino, pesquisa e extensão, do meu ponto de vista, tem a condição de provocar os estudantes em formação a

compreenderem o proposto em sua Pedagogia da Autonomia, ou seja, a certeza de que: “Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistêmica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade [...]” (FREIRE, 1996, p. 51).

Vimos, com o projeto de extensão, a possibilidade concreta de criar as condições de uma formação atenta à especificidade da alfabetização de jovens e adultos, recheada de emoção, de afetividade e provocadora da curiosidade epistêmica. Um novo olhar sobre os sujeitos da EJA e a convicção de que a concepção de alfabetização torna-se necessária hoje, mas, também, o reconhecimento da atualidade política e ética da sua pedagogia libertadora. O reconhecimento de que ensinar exige a rigorosidade metódica, exige o respeito aos saberes do educando, a escuta, o diálogo, exige a pesquisa, assim como uma profunda reflexão crítica sobre a prática; portanto, revelou-se imperativo que o estudante em formação vivenciasse o componente curricular Educação de Jovens e Adultos em paralelo a uma vivência real, o projeto de extensão (alfabetização de jovens e adultos trabalhadores da limpeza pública).

Um projeto que possibilitou aos estudantes em formação experienciarem o processo de alfabetização dos sujeitos da EJA. E, nessa relação, a vivência dos saberes da docência. Mais especificamente, a oportunidade da prática submetida à reflexão teórica e a produção do conhecimento resultante do confronto dos saberes. Na vivência da coordenação pedagógica daquele projeto

e, ao mesmo tempo, lecionando o componente curricular da EJA, foi possível construir uma proposta de formação de professores rica em aprendizado para mim e para os estudantes em formação. Itinerários formativos na EJAI: saberes e fazeres significa um trabalho que reafirmou o ensinar e aprender como práticas autênticas. Os estudantes puderam participar de uma experiência total, diretiva, política, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza, a decência e a seriedade andaram de mãos dadas, como expresso em tua pedagogia.

Na ementa do componente curricular estavam registrados os saberes necessários à formação do professor para atuar na EJA: a educação do trabalhador da educação de jovens e adultos no Brasil, alfabetização e letramento; movimentos populares e propostas de educação de jovens e adultos. Com esses desafios assumidos, organizei o conteúdo político da minha ação professoral, indagando-me sempre: a quem ensinar? A favor de quê? De quem? Contra quê? Contra quem? E como ensinar? (FREIRE, 2005) Nesse momento, retomo a minha opção político-pedagógica, expressa na seleção dos conteúdos a ensinar, conforme anunciei anteriormente, destacando que nossas ações estão articuladas a um projeto de emancipação, de humanização e de libertação dos sujeitos. Nossa intenção era que os estudantes em formação percebessem nas ações formativas, ali propostas e vivenciadas, o instrumento de ação política e pedagógica. Para isso, dividimos o componente curricular em três momentos inter-relacionados: 1º. Primeiras visitas ao projeto de alfabetização; 2º. Estudos das obras de Paulo Freire; e 3º. Oficinas e intervenções.

As discussões e problematizações realizadas na sala de aula da universidade conduziram as primeiras visitas ao projeto. Para isto, provocamos os estudantes a conhecerem os alfabetizandos. Em diálogo, em escuta amorosa, os estudantes foram se chegando, conquistando a confiança e, assim, conheciam os sujeitos reais, os alfabetizandos e suas histórias, suas trajetórias de vida, suas dificuldades, guiados pelas perguntas de investigação: quem é o alfabetizando do projeto de extensão? O que os impediu de estudar? Quais motivos e expectativas justificavam o desejo de se alfabetizarem nesse momento de suas vidas?

Nessa aproximação respeitosa, humilde, os estudantes tomavam consciência das histórias de negação, presentes nos textos lidos no componente curricular e na trajetória de vida daqueles alfabetizandos. Eles constataram que o alfabetizando que frequentava o projeto de extensão para se alfabetizar é o mesmo estudante da EJA presente na literatura e que valida a afirmativa de Miguel Arroyo ao asseverar que: “desde que a EJA é EJA, os pobres, os negros são os mesmo jovens e adultos” (ARROYO, 2007). Em diálogo com esses sujeitos, puderam verificar algumas semelhanças nas características dos sujeitos da EJA e dos alfabetizandos: eles são homens e mulheres, mães e pais de famílias, com idades entre 26 e 55 anos de idade. São residentes no campo e na periferia da cidade. Puderam perceber, também, que a maioria das pessoas privadas do direito de aprender a ler e escrever, no passado e ainda hoje, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), está na população negra e compõe-se por homens: 3,6% das pessoas de cor branca são

analfabetas, enquanto 8,9% são pessoas de cor preta ou parda. Verificaram que esse dado mais que dobrou (3,6 brancos; 8,9 negros). Entre os alfabetizandos 86% são negros e são homens. Dos 28 alfabetizandos 22 são homens.

Ainda nessas primeiras visitas, os estudantes puderam observar que os alfabetizandos, como os demais estudantes da EJAI, são aqueles que abandonaram a escola para trabalhar, sustentar a família ou foram expulsos da escola via reprovações. 95% dos alfabetizandos frequentaram a escola. Deste quantitativo 14% frequentou a escola menos de um ano; 14% por um ano; 45% por dois ou três anos; e 27% por mais de três anos. Também concluíram que: 72% dos alfabetizandos frequentaram a escola por mais de dois anos, mas, nem assim, aprenderam a ler e escrever e que a história de leitura, entre nós, é marcada pela discriminação (negada a negros e índios). Direito ainda hoje sonogado quando se observam as estatísticas (em 2019, temos 11 milhões de pessoas não alfabetizadas com 15 anos ou mais de idade).

Além disso, tais estudantes perceberam, também, outro dado presente no perfil da EJAI: a localização geográfica em que se encontra o maior número de pessoas jovens, adultas e idosas privadas do direito à leitura e escrita (13,9% está localizado na Região Nordeste e 7,6% na Região Norte), apesar da LDB (Art. 37, § 2º,) reafirmar o direito desses(as) trabalhadores(as) ao ensino básico adequado às suas necessidades e condições de aprendizagem singulares, cabendo ao Poder Público viabilizar e estimular o acesso e a permanência do trabalhador na escola. (BRASIL, 1996).

Convivendo e aprendendo com os alfabetizandos, os estudantes compreendiam que essa história de negação, discutida por Haddad; Di Pierro (2000), não matou seus sonhos. Eles cultivavam sonhos e encontraram no projeto a sua realização. O sonho de aprender a ler e escrever para ir ao banco sozinho, ler a bíblia, ajudar na tarefa do filho, pegar um ônibus sem ajuda, tirar a carteira de motorista ou, simplesmente, assinar a folha de pagamento.

Em pesquisa e diálogo com os alfabetizandos, os estudantes em formação descobriam que os grandes motivadores para estarem no projeto eram os sonhos de serem: professora, advogado, motorista, enfermeiro, policial federal, vigilante, pintor profissional, eletricitista, encanador, segurança. Para eles, estar no projeto era o passo inicial para continuarem os estudos, para realizarem tais sonhos e progredirem no emprego. Por isso, reconhecem o valor e a falta que o estudo faz.

Conhecer aquela realidade, a partir do seu próprio olhar, fazia com que os estudantes desvelassem aquela realidade tomando consciência de que o analfabetismo é fruto das injustiças sociais que atravessam a história da educação brasileira. Por outro lado, essas primeiras etapas do curso (estudos da EJA e as primeiras imersões no projeto de extensão) possibilitaram, também, a compreensão e a reflexão sobre os muitos desafios postos para alfabetizar jovens e adultos trabalhadores.

Na última etapa desse primeiro momento: reflexão/ação, problematizamos a realidade concreta e desafiamos-nos a buscar respostas no nível intelectual e no nível da ação. Fomos buscar nos teus escritos, Freire, o esclarecimento crítico necessário à

emancipação. Desafiei aqueles estudantes desejosos de aprender sobre o teu legado com o objetivo de auxiliá-los a interpretar, conhecer, refletir e agir. Não podíamos ficar apenas na denúncia. Precisávamos denunciar aquela realidade e anunciar propostas de ação. Trazer a tua obra teórico/prática. Recuperar a dimensão social e política da alfabetização. Nesse movimento, eles perceberam que os sujeitos oprimidos, presentes na Pedagogia do oprimido, continuam os mesmos e que o analfabetismo é fruto das desigualdades sociais, consequência do modelo econômico opressor e injusto presente ainda hoje no nosso país.

A segunda parte da ação formativa proposta focou no estudo das tuas obras para melhor compreender a realidade que se apresentava. O que fazer? Como fazer? Para que fazer? Esse estudo foi organizado em quatro etapas: I etapa - consistiu na organização das equipes e seleção das obras. Cada grupo escolheu um livro de seu interesse, dentre os que estavam disponíveis na biblioteca da instituição, fizeram fichamentos individuais, seguidos de discussões em grupo, sempre em diálogo comigo. II etapa – foi dedicada ao Seminário temático intitulado “Paulo Freire: obras e contribuições para a educação de jovens, adultos e idosos”, que aconteceu na sala de aula da universidade, provocando os estudantes a responderem: em que a obra estudada pode nos auxiliar naquela realidade pesquisada? Quais os seus ensinamentos/orientações? Como posso reinventar a prática, visto que Paulo Freire sempre foi contrário à cópia; mas reinvenção, criação, criatividade? III etapa - foi reservada à produção de pôsteres, em grupo, sob nossas orientações (sempre com ajustes, mas respeitando o

ato criativo) e na constituição das comissões para organização do Café freireano (de divulgação, de preparação de folder e convite, cerimonial, atividade cultural, decoração, lanche etc.), construção dos combinados didáticos. IV etapa - a proposta foi dar visibilidade aos estudos de Paulo Freire e a EJAI, o que aconteceu através do Café freireano. Este contemplou atividades culturais, sessões de pôsteres e rodas de conversa, muito ao sabor da Pedagogia da autonomia. Esse momento contou com a participação da comunidade, professores (da escola básica e da universidade) e estudantes das licenciaturas.

É importante esclarecer que as abordagens e debates promovidos ao longo dessas etapas desdobraram-se no projeto de extensão/alfabetização, suscitando um novo olhar para a modalidade da EJA e os sujeitos implicados na alfabetização. Nesse contexto, os estudantes em formação entendiam que para alfabetizar jovens, adultos e idosos é preciso, sem dúvida nenhuma, conhecer as histórias, suas trajetórias, suas expectativas, valorizar seus saberes, o que os motivou a aprenderem a ler e escrever. Compreender que para alfabetizar é preciso ter conhecimentos profundos sobre a aquisição da linguagem, sobre linguagem e ideologia, além dos conhecimentos sobre as técnicas e métodos de ensino da leitura e escrita (FREIRE, 1996, p. 90).

Além desse aprendizado, compreenderam, com base na leitura de *Educação e mudança*, que a Alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Corresponde ao domínio dessa técnica, mas em termos conscientes. Significa que é preciso entender o que se lê e escrever o que se en-

tende, uma vez que os estudantes puderam estudar e constatar na prática que a alfabetização não é doação, ela não pode ser feita de cima para baixo, nem de fora para dentro. A alfabetização foi feita e percebida como um processo que ocorre de dentro para fora e isso só é possível porque é feita pelo próprio analfabeto, ajustado pelo professor. Assim, especifica-se o papel do professor: seu papel é dialogar com o alfabetizando sobre situações concretas e isso os estudantes concluíram na relação teoria/prática.

Aprenderam, ainda, que, para alfabetizar jovens e adultos, é preciso conhecer as particularidades que atravessam essa modalidade: a condição de não crianças, de pessoas que possuem conhecimentos acumulados, os alfabetizandos são membros de determinados grupos culturais, estão no mundo do trabalho, são vítimas das desigualdades socioeconômicas históricas. São trabalhadores da limpeza pública, produtores de cultura, que se apropriam de formas diferenciadas da linguagem (oral e escrita) por meio de relações sociais e dialógicas. Concluíram que os alfabetizandos são sujeitos que levam para a sala de aula as experiências acumuladas, tanto na esfera social quanto cultural, os “saberes da experiência feita” – que eles estudaram em *Pedagogia do oprimido*.

Os discentes, ao estudarem a Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa e vivenciarem a relação teoria/prática, tiveram a clareza dos seus ensinamentos e vivências, cientes de que ninguém pode conhecer pelo professor, bem como este também não pode conhecer pelo aluno. Na condição de professor, de fato, pode, ao ensinar-lhe o conteúdo selecionado,

desafiá-lo a perceber na e pela própria prática, sujeito capaz de saber e “arquiteto de sua própria prática cognoscitiva” (FREIRE, 1996, p. 140).

Desse modo, no reconhecimento da prática educativa vivida com afetividade e alegria, nunca descuida da formação científica séria e da clareza política dos(as) educadores(as), de modo que “[...] A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje” (FREIRE, 1996, p. 90).

Com essa certeza, o componente curricular Educação de Jovens e Adultos foi ganhando corpo, confrontando os estudos e problematizações feitos na sala de aula da universidade e a vivência no projeto de alfabetização. Nessa relação, os estudantes confrontaram suas percepções e reconheceram a escrita como processo histórico e social, que, como tal, mudaram muito ao longo do tempo, desde a Pedagogia do Oprimido.

Portanto, passaram a entender que o conhecimento acumulado sobre alfabetização, ao longo das décadas, foi se ampliando com as pesquisas nos diversos campos (da linguística, da psicologia e da pedagogia), mas o legado freireano foi e continua sendo basilar. É referência para os projetos de educação e alfabetização em qualquer tempo humano. No entanto, é preciso o reconhecimento de que a Psicogênese nos auxilia e muito nesse teu projeto de educação/alfabetização. Você, Freire, como Emília Ferreiro, sempre rejeitou uma educação bancária, feita de cima para baixo, pois entendem o alfabetizando como sujeito de aprendizagem, de conhecimento. Assim como você, Emília Ferreiro tem negado

uma linguagem artificial usada apenas para alfabetizar. Foi com essa compreensão que partimos do teu pensamento filosófico-político-pedagógico, ampliando-o com o reconhecimento do potencial explicativo da teoria da Psicogênese da Língua Escrita e dos estudos de alfabetização e letramento de Magda Soares.

Com esse entendimento e acreditando na importância da reflexão e do exercício prático dos saberes da docência propostos, iniciou-se a terceira etapa do componente: a intervenção alfabetizadora. Nesse momento, com o olhar ampliado, os estudantes em formação encontravam-se diante dos alfabetizandos, cujas características punham em confronto as concepções sobre alfabetização e as práticas de alfabetização presentes em seu imaginário.

Para auxiliar nesse desafio, foram organizadas oficinas de planejamento que incidiam sobre alfabetização e letramento (SOARES, 2004). A alfabetização comprometida com o povo, com seu contexto sociocultural, suas histórias de vida, enfim marcada por um forte componente humano.

Nas oficinas de planejamento, dialogando com os estudantes e as duas alfabetizadoras, ao escutar os relatos das suas experiências, as angústias e as inquietações da prática alfabetizadora, leituras eram recomendadas, produzia-se material, avaliava-se e reavaliava-se o processo. Planejavamos sempre apostando na criatividade dos estudantes e alfabetizadoras. Naquele espaço organizamos as aulas-passeios propostas no projeto. Os alfabetizandos participavam dos eventos culturais da cidade e expandiam o seu olhar para o entorno da vida social, com uma agenda cultural pautada em objetivos culturais e políticos.

Além das atividades nas salas, os alfabetizandos, estudantes em formação e as alfabetizadoras participavam de palestras, espetáculos, museu, teatro, feira de livros etc. Estas experiências culturais não faziam parte da vivência dos alfabetizandos. Nesses espaços eles vivenciavam outras formas de linguagens, outras “formas de estar no mundo”.

Essas experiências rendiam problematizações e práticas de leitura e escrita de textos reais: ofícios, convites, cartas, uso de dicionário, notícias de jornais, motivando a aprendizagem com assuntos e temas que nasciam da curiosidade, da pergunta. O desafio de diagnosticar o nível de compreensão da escrita, identificar as dificuldades dos alfabetizandos e construir uma proposta de trabalho a partir desses achados desafiava os estudantes em formação a pesquisarem para planejar as intervenções, considerando os saberes dos alfabetizandos reais e suas necessidades como ponto de partida para a alfabetização.

Nos relatos em sala de aula, durante as oficinas, percebemos que a diversidade presente na sala de alfabetização assustava o estudante em formação, que aprendia, na prática, a trabalhar com alunos pré-silábicos e silábico-alfabéticos. Cada alfabetizando tinha necessidades diferentes, precisando do apoio e do trabalho diferenciado e individualizado. Os estudantes constatavam, ali, na prática, que a tão sonhada homogeneidade de turmas não existe. Ao contrário, ali reside a riqueza.

Assim, entender quando um alfabetizando precisava ser amparado em seus medos e dificuldades, podendo ajudá-lo para que ele se sentisse fortalecido, fazia com que o estudante em for-

mação fosse ganhando autonomia e entendendo a alfabetização como ato de amor, como um ato de criação, de conhecimento, como você mesmo sublinhou no belíssimo livro *A importância do ato de ler*, quando ponderava sobre fazer parte de qualquer relação pedagógica a ajuda do educador ao alfabetizando, sem que essa ajuda anule a sua criatividade e nem a sua responsabilidade na construção da linguagem escrita e na leitura dessa linguagem (FREIRE, 1989).

Quero encerrar esta carta afirmando que, sem dúvida alguma, os estudantes em formação aprenderam muito mais com essa experiência aqui narrada do que estando apenas na sala de aula da universidade. O diferencial foi articular com os estudantes uma proposta de trabalho que partisse dos questionamentos, aliando prática/teoria/prática, sempre no movimento de idas e vindas da teoria à prática e desta àquela, uma prática dialógica, respeitosa, construída com e não para o estudante em formação.

Referência

RROYO, Miguel. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? In: **REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007. Disponível em: http://mariaellytcc.pbworks.com/f/REVEJ@_0_MiguelArroyo.pdf. Acesso em: 12 jul. 2018.

BRASIL. **RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. p. 58-59. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2022.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional** [recurso eletrônico]: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 10. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação** – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

Freire, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wpcontent/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf . Acesso em: 3 mar 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Trad. Moacir Gadotti; Líliam Lopez Martins, 12^o ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação.** Mai/Jun/Jul/Ago 2000 N^o 14. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8z-D/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26/04/2022. p. 108-194.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.** Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf. Acesso em: 23 de setembro 2021

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação.** Jan /Fev /Mar /Abr 2004 No 25, p. 5-17. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxr-Zk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 de mar 2022.



Terceira Carta

Quem não se senta para aprender, não se levanta para ensinar: A Práxis na modalidade de Educação EJA

“O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência

Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia.

Sávio Oliveira da Silva Santos

Ipiaú, 20 de julho de 2022

De: Sávio Oliveira da Silva Santos

Ao estimado Paulo Freire

Saudações

Prezado eterno patrono da Educação brasileira, chamo-me Sávio Oliveira, curso especialização em Educação e Interdisciplinaridade na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e mestrado em Letras na Universidade Estadual de Santa Cruz, possuo formação em licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia. Começo esta carta com esses registros não por descrever, como de costume no meio acadêmico, a trajetória formativa, mas por elencar por extenso o nome de instituições de ensino públicas, gratuitas e de qualidade, elementos pelos quais o sr., com honra e luta, dedicou sua vida.

Nesta carta, aproveitarei o ensejo do componente de Educação de Jovens e Adultos – EJA para, com ousadia, entrecruzar interdisciplinarmente, senão transdisciplinarmente, fragmentos de seus feitos teórico-práticos, dos meus feitos enquanto professor temporário na EJA e de elementos teórico-práticos resultantes dos saberes e conhecimentos coletados como sujeito.

Cabe ressaltar que o título desta carta faz menção à fala de uma professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, em uma viagem de campo com o grupo de extensão em Educação e cultura afro, do qual fazia parte em 2019. No quilombo de Quingoma, na Bahia, reunidos com mais de 60 pesquisadores para ouvir as lideranças falarem da história e processo educativo do território de resistência, a professora pede para os acadêmicos sentarem-se no chão do espaço para ouvir as lideranças. Em um espaço simples e pequeno, com muita humildade de quem está há anos formando professores, ela encerra sua fala de abertura para passar a palavra às lideranças dizendo: “quem não senta para aprender, não levanta para ensinar”.

O graduando em licenciatura permanece durante, no mínimo, quatro anos sentado nas cadeiras e chãos dos espaços formativos, aprendendo, canalizando, teorizando. Ao final, como será descrito adiante, ao levantar-se para ensinar, a depender de como construiu seu percurso formativo, incentiva, forma, aprende junto e, sabendo da necessidade, volta-se a se sentar por meio das formações continuadas. De todo modo, por meio desta carta, registro reflexões oriundas do *sentar-se* no chão da EJA, onde canalizei ensinamentos que, junto aos seus, continuam influenciando não só a mim, mas certamente outros professores a buscar um ensino que possibilite sobretudo a autonomia.

Assim, adiante discorro resumidamente e de forma reflexiva sobre minha formação, em seguida relato um trecho de uma das minhas primeiras experiências na EJA, em um terceiro momento rememoro algumas questões sobre raça e formação de professo-

res atreladas à influência de Freire nesse processo histórico-crítico e finalizo pensando acerca das nuances da autonomia crítica.

Pela ótica da práxis

O letramento é um processo continuado que amplia a circunscrição da alfabetização. O letramento, em minha percepção, enquanto meios pelos quais se pode extrair saberes, o contato com novas fontes de leituras e novos modos de ler, sugere e suplementa o professor em formação a ampliar seu leque de alternativas e compreensão de si, do saber e do aluno.

Pela ótica da práxis - sendo esse conceito a abordagem da compreensão científica que determina a instrumentalização das teorias nas relações sociais -, percebi na experiência docente com a EJA certas similaridades com discussões feitas no livro Pedagogia da autonomia. Nelas pautavam-se, além de outras questões, noções atitudinais do professor inerentes ao ensino com vistas à liberdade.

Durante minha formação em Letras, acompanhei certos debates dentro de campos do saber e áreas que pensavam a pesquisa científica. Ao ingressar na sala de aula, vi manifestar questões das quais você cautelosamente mensurou, cito doravante algumas delas. Um dos componentes que, de imediato, manifestou-se de forma singular foi o de diversidade linguística na graduação, além de outros que trabalhavam a manifestação do discurso e do pensamento crítico por meio da linguagem. No decorrer do curso, haja vista a participação dos graduandos em ambientes escolares

formais, nem sempre tais oportunidades são suficientes para dar certa projeção ao formando acerca do dia a dia do profissional da área de sua formação.

Assim sendo, acaba por haver, quase sempre, certas surpresas logo no início do período de regência. O componente de diversidade linguística, texto e discurso, até mesmo os mais teóricos sobre a formação da língua portuguesa, trabalham com as diferentes manifestações da língua pelo sujeito a partir do pressuposto do seu nível de letramento, originalidade, entre outros. Na experiência de ensino é possível perceber alunos da mesma série que usam a língua como instrumento de comunicação e de aprendizagem, mas com certas particularidades e foi então que observei a necessidade de trazer temas geradores, palavras, expressões, entre outros, que mediassem suas vivências, saberes, cotidiano e trabalho para a sala de aula, visto que induzia não só a participação e a assimilação de saberes, mas fomentava o expressar de jovens e adultos retidos que se autoconsideravam, erroneamente, mais ignorantes do que quaisquer pessoas o seu redor.

Descrição de uma das breves experiências

O ensejo de lecionar na EJA se realizou no ano de 2019 por meio da parceria entre a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e o Colégio Estadual de Ipiaú (CEI), fomentada contratualmente pelo Centro de Integração Empresa-escola (CIEE). O período contratual foi de três meses, mais especificamente de

18/04 até 24/06, cumprindo semanalmente a carga horária de 4 horas diárias e, ocasionalmente, 20 horas semanais.

De antemão, por cursar a graduação durante o período vespertino, o horário de estágio era noturno, fato que despertou grande regozijo, pois, no último ano do Ensino médio, por ter que trabalhar e estudar, fui estudar nesse mesmo colégio no período noturno e foi a partir da aula de língua portuguesa e da professora que passei a saber da existência da universidade em minha cidade, do vestibular e do curso de letras, o qual, no final do ano tentei o processo seletivo e acabei sendo aprovado. Assim sendo, adentrar o mesmo espaço na posição de professor, tendo meus antigos professores como colegas, tornou-se um dos momentos mais prazerosos durante a licenciatura.

Outro detalhe importante nessa experiência foi o fator idade. O ensino noturno é marcado pela quantidade de alunos de faixa etária mais avançada em vista de ser ofertada em horário favorável para quem trabalha ou não tem disponibilidade em período diurno. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), por exemplo, contém mais turmas nesses horários. Entretanto, utilizei essa formação acadêmica totalmente *linkada* aos conhecimentos populares nos aspectos raciais de minha formação nos movimentos socioculturais no âmbito metodológico para ressignificar não só o meu fazer docente, mas despertar naqueles alunos o reconhecimento da quebra de barreira sociais, por diversas vezes ainda presentes na educação, como o fato da maioria nunca ter tido professores negros, como eu sou.

Em questão de conteúdo, os alunos se encontravam caminhando para a finalização da segunda unidade, porém revisando aspectos da primeira. Os conteúdos, mais especificamente trabalhados foram a níveis gramáticos, de interpretação, leitura e produção textual. Assim sendo, busquei de antemão, como estipula a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), fazer uma avaliação diagnóstica para perceber as maiores dificuldades e também os assuntos, dentro dessas temáticas, que os alunos já dominavam.

Posteriormente, percebendo certo domínio da turma acerca de grande parte dos assuntos abordados no período da segunda unidade, busquei elaborar um cronograma e atividades sobre os assuntos que deveriam ser trabalhados na terceira unidade. Dessa forma, iria desenvolver avaliações formativas e, no final, a somativa perpassando não só pelos poucos conteúdos de maior dificuldade da segunda, mas já intercalando com os conteúdos da terceira unidade.

Normalmente, continha duas aulas em cada turma durante a semana e como estava sendo em salas de (EJA), as aulas no início ou no final dos horários acabavam sendo muito rápidas devido ao atraso da chegada dos alunos e, quando nos finais de horário, sendo o 4º ou 5º, era comum os alunos pedirem e/ou saírem para quadra ou para casa, pois tinham que trabalhar no outro dia.

Assim, logo de início percebi que as aulas deveriam ser mais enxutas e acabei refazendo grande parte do planejamento não mais para eles, mas com eles, visto que a avaliação diagnóstica me possibilitou identificar seus interesses, espaços extracur-

riculares de sua inserção, maiores dificuldades, linguajar, dentre outros.

Em vista de trabalhar os aspectos gramaticais, começamos a revisar as classes gramaticais e entender as funções sintáticas de cada elemento, sendo esse o pontapé inicial para posteriormente nos debruçarmos acerca de outros fatores linguísticos, como o uso de vírgula, tipologia e linguagem textual, coesão e coerência. Para tanto, utilizei a música como metodologia. Entretanto, relatarei de forma mais detalhada na seção posterior essa como uma das ações de autonomia do professor que ocasionou bons resultados de autonomia dos alunos.

Em um dado momento, ainda no início dessa experiência, solicitei aos alunos que para a próxima aula trouxessem impresso uma letra de música de seu gosto e gênero musical favorito e, caso achassem mais fácil de fazer, em vista da correria do dia a dia, poderiam transcrever a música no caderno separando-a pelas estrofes. A maioria trouxe ou transcreveu letras dos gêneros musicais rap e reggae. No início da aula dei uma breve revisada sobre as classes gramaticais, logo depois pedi para eles grifarem, respectivamente, na letra de suas músicas as classes que eles já sabiam.

Logo depois, ainda com a letra da música, começamos a nos atentar a outros aspectos linguísticos para além das classes gramaticais. Discutimos e estudamos sobre a vírgula, o sentido de cada palavra para o contexto da letra, os hipertextos presentes na letra. O sentido social, político, moral, econômico que ela

possivelmente estaria trazendo e, por fim, todos escreveram um pequeno texto sobre sua compreensão, lembrança, significado e importância que a música tinha para consigo.

Esse processo durou cerca de 6 aulas para ocorrer por completo, mas o resultado foi satisfatório. Não fragmentamos os conteúdos, exercitamos os conteúdos da primeira e da segunda unidade para fomentar a construção na terceira. Os alunos participavam das aulas, pois explicavam trechos da música de sua escolha, explicavam o que certas palavras naquele contexto significavam ou representavam para eles.

Esse fato fez com que os alunos se aproximassem mais de mim e percebessem em mim uma possibilidade de explorar outras formas de aprender. Isso não é um fato de dedução, mas algo constantemente relatado pelos alunos que criticaram de forma ávida resquícios de uma educação bancária presentes em grande parte de suas trajetórias escolares. Uma educação que separava aluno e conteúdo, aluno e objeto, aluno e metodologia, descartando diversos elementos inerentes à sua cidadania.

Reticências de uma jornada

Neste ponto gostaria de tecer considerações sobre a somatória das experiências na minha formação profissional, apontar certas situações extracurriculares ou mais ligadas a acontecimentos vinculados aos alunos, que ocorreram fora da sala de aula e

foram basilares no processo de reflexão despertado em mim.

O trecho da experiência descrita me marcou, pois sinto como se tivesse dado aula para mim mesmo. Como se eu fosse o aluno. Durante minha trajetória escolar, sentia muita falta de um professor que pensasse meu lugar, meus gostos, meu jeito, minhas especialidades e conseguisse entrelaçar o ensino a isso, assim eu poderia, de alguma forma, ser um protagonista dentro e fora da escola. Me ver como alguém capaz de alcançar outros lugares.

Nessa experiência, pude perceber como cada semente dentro de um espaço formativo é importante. E, ainda mais, como semear de forma embasada, de forma organizada e engajada com o ensino ajuda a colher frutos melhores socialmente. Essa experiência foi de apenas 3 meses, mas deixou marcas, reflexões, experiências, problemas, soluções e desafios que levarei na bagagem curricular e extracurricular por toda jornada enquanto discente e docente.

Ver meus alunos aprendendo, colocando em prática seus saberes, orgulhosos de si mesmos, rompendo seus próprios desafios, me fez ter não apenas a percepção de dever cumprido, pois o dever docente nunca acaba, mas de que é isso que eu sempre sonhei para minha vida. Para além do salário, dos títulos, do espaço escolar, o professor é um ser humano construindo pontes para o conhecimento todos os dias de sua vida.

Raça e formação de professores

Em vista do singelo espaço para exposição de suas contribuições teórico-práticas na minha formação, limito-me a expor apenas algumas das experiências, sobretudo as mais marcantes. Lendo o dicionário de Paulo Freire, organizado por Danilo Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitzoski quando recorta de suas obras algumas palavras-chaves e pesquisadores muito engajados conceituam a partir de fragmentos, biografia e reflexões suas, destaco aqui o conceito e verbete de África/Africanidade. Neste, o pesquisador Afonso Celso Scocuglia rememora sua presença no território mãe do mundo – continente Africano, principalmente no campo das epistemologias, atualmente muito renegadas inclusive. Ao vivenciar os conflitos na Guiné Bissau, que buscava superar a face ainda presente do colonialismo na década de 70. Seu olhar, muito influenciado e dialogado com o de Amílcar Cabral, grande nome de insurgência negra na diáspora africana, ao observar que uma libertação literal das dominações europeias não partiria apenas do livre trabalho, da economia e sequer da posse de terras, mas de uma educação que possibilitasse sujeitos imersos em anos e anos de exploração a se olhar de forma diferente, a entender e buscar seus e outros conhecimentos, a indagar, subverter e construir além de identidade, autonomia.

Trago esse verbete com grande estima para esse pequeno espaço de escrita em sua memória, pois dialoga muito - sobretudo com as reflexões destacadas acima acerca da EJA – com as grandes discussões conceituais na educação brasileira, seja em suas

leis, bases, diretrizes e currículos. A formação de modalidades da educação que considera contexto, sujeitos, espaços, territórios, identidades, línguas, dentre outros, em sua diversidade, levando o ensino a pensar a diferença, deve muito aos seus investimentos e escritos, caro Freire.

O campo da Educação para as relações étnico raciais, por exemplo, onde mesmo em um solo dito brasileiro, tem sua segregação marcada por raças, vilipendiando sujeitos em detrimento de outros e para tanto utiliza da dificuldade de acesso deles à educação, ou quando acessada, ao acesso a um ensino precário, bancário, em maior quantitativo; a segregação de seus saberes, a formação para o trabalho de forma mecanizada, entre outros pontos pelos quais você se colocou contra desde muito tempo.

Caro Freire, não estando mais na Guiné, vendo e ouvindo a situação do Brasil décadas e décadas depois, veria ainda a necessidade de falarmos de autonomia para sujeitos, homens e mulheres, sem correntes em seus pulsos, mas constantemente influenciados pelo acorrentamento psicológico. Entretanto, avançamos muito também, o acesso de uma parcela às instituições de nível superior cresceu muito, a reformulação de documentos normativos pensando a diversidade superabundou, já temos grandes nomes tal qual o seu para nos inspirarmos também. Enfim, a formação de professores e professoras negros e negras tem colaborado sumariamente em pensar a educação com o sujeito, especialmente os racializados, que fomente autonomia, formação, acesso, permanência e sobretudo liberdade de todas as formas e âmbitos.

A formação de professores tem crescido, tem havido mais interdisciplinaridade, os campos da linguística, da pedagogia, da sociologia, sobretudo as licenciaturas, têm pensado o aluno, quem é, de onde vem, o que quer etc., e também o professor, suas particularidades sociais, culturais, políticas, entre outros, visando comungar saberes e conhecimentos favoráveis a uma aprendizagem mais engajada e emancipadora.

De todo modo, essa carta teve por objetivo realçar seu importante papel, especialmente em um momento histórico marcado por questões sanitárias e políticas, de muitas mortes em decorrência do Covid 19, das restrições ocasionadas e no modelo remoto de ensino que balançou consideravelmente nossas relações entre escola e comunidade, professor e professor, professor e aluno. E no âmbito político pelo descaso, falta de investimentos e retirada de recursos sobretudo para a pesquisa científica. Ainda assim, professores, inspirados em suas obras e feitos, têm lutado para não deixar o projeto de desescolarização, tecnicismo e de tendências liberais vencerem, isto é, voltarmos a formar sujeitos segregados por classes, culturas, funções e faltosos em humanidade.

Considerações finais

A identidade do professor é muito presente na forma como ele encara sua profissão. A formação construída pelo graduando durante sua trajetória na universidade implicará diretamente na sua capacidade de lidar com os desafios encontrados no ambiente escolar. O interesse do professor pela sua melhor capacitação é

uma das formas de demonstrar seu engajamento com a educação nacional.

Por isso, cada ação que fazemos durante a graduação, os estágios supervisionados, os estágios de observação, as práticas pedagógicas, a participação em Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), a Residência pedagógica, dentre outras oportunidades aproximam o aluno do ambiente profissional. O faz ter a dimensão de sua responsabilidade na formação de outros sujeitos.

A experiência que descrevi *a priori* foi basilar no meu processo formativo. Ajudou-me a ver com outros olhos a importância não só do conteúdo, contudo, também da mediação desse aprendizado, onde o aluno é protagonista e utiliza dos seus saberes prévios para angariar tantos outros saberes científicos. Nessa experiência descrita, pude compreender literalmente o provérbio africano dito em uma das experiências em um curso de extensão sobre africanidades supracitado, e que leva o título desta carta: “Quem não se senta para aprender, não levanta para ensinar”.

Dessa forma, o professor-pesquisador está sempre apto a se sentar junto aos seus alunos e sempre disposto a fazer com que eles entrem também no processo de não só aprender, mas também se levantar e ser um exemplo de sabedoria, autonomia, insurgência, revolução e muito mais para os seus adjacentes.

Finalizo deixando agradecimentos e esperançoso educacional e humanamente por dias melhores.



Renê Souza Andrade

Quarta Carta

“Escrevivências” Da EJAI ao Maestro Paulo Freire

“O bom professor é aquele que se coloca junto com o educando e procura superar com o educando o seu não saber e suas dificuldades, com uma relação de trocas onde ambas as partes aprendem”.

Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia.

Renê Souza Andrade

3 Neologismo criado pela escritora Conceição Evaristo, que demarca lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativa e voz, a história de um “nós” experimentado em coletivo.

Amargosa, 24 de junho de 2022.

De: Renê Souza Andrade

Ao: Prof. Paulo Freire

Prezado professor Paulo Freire,

É tomado pela experiência com a sua sensibilidade que ousou a escrever esta carta para o senhor. Espero que esteja tudo bem por aí na pátria celeste, pois, continuas inspirando cá, na terra, na defesa da educação, inclusive a mim. Ao mesmo tempo, imagino que por aí o senhor continua o fluxo, discutindo a educação com todos os demais pensadores da área que já habitam contigo no outro plano. Imagino que o senhor tem discutido tantas coisas novas, modificando teorias presentes à luz do passado e empreitando contra o sistema que tem ameaçado a nossa educação brasileira.

Professor Freire, tomei a liberdade de escrever para o senhor, pois tenho muitas coisas para lhe contar do que tenho feito enquanto docente que estuda às suas teorias. A mim é desacerbado o interesse de que o senhor me conhecesse pessoalmente e, juntos, pudéssemos tomar uma xícara de café e falar de assuntos do seu interesse que, conseqüentemente, a mim muito interessa.

Professor, peço licença para ao longo desta carta adjetivar ao senhor, muito embora seu nome seja renomado e o título de

professor ter grande importância, quero chamar o senhor por várias formas carinhosas através desta correspondência, afinal, não é todos os dias que conseguimos um encontro deste através das palavras.

Meu maestro da educação, são tantas as coisas para lhe contar, inclusive dizer que quando o senhor partiu para o outro plano, tão depressa, eu estava com apenas quatro anos de idade. O que demonstra não ter tido a sorte de conviver com a sua presença física, no entanto, hoje, aos meus vinte e oito anos, já professor licenciado em Letras/Língua Portuguesa /Libras, pela UFRB, experimento na prática o que a universidade me ensinou sobre os seus pensamentos e suas perspectivas para uma educação emancipadora. Ao lembrar da minha universidade, não poderia deixar de lhe dizer que a UFRB preza muito pelos seus conhecimentos. Aqui vivemos como se em um mar, navegando nos seus saberes.

Estou querendo muito lhe contar a minha experiência recente com a EJAI. No ano de 2021, fui convidado pela gestão pública do município de Santa Teresinha -BA, para ocupar a função de gestor de um núcleo escolar localizado na zona rural do município. Que desafio, meu prezado. No entanto, levando em consideração que os desafios nos edificam, aceitei a proposta, e aqui estou. Neste núcleo, tínhamos apenas uma sala da EJAI, com 12 alunos. Optamos por realizar atividades de motivação para as pessoas jovens, adultas e idosas que estavam fora da escola. Atividades estas associadas com buscas ativas, conseguimos crescer a turma de 12 alunos para 19, que para nós foi significativo tal crescimento.

Nesta perspectiva de visibilizar a EJAI e proporcionar um ensino de qualidade, com aprendizagem, trocas de experiências e saberes, reativamos duas escolas de comunidades diferentes que foram fechadas há anos. E com a reativação, abrimos turmas de EJAI, que desde o ano passado estão ativas e em quase zero os índices de evasão escolar. Pelo contrário, sempre temos pessoas procurando se matricular.

É muito lindo, meu nobre. Acredito que o senhor esteja vendo tudo daí e, conseqüentemente, deve estar muito feliz. Mudamos tanto, “brigamos” nas reuniões da secretaria de educação pela qualidade da educação ofertada a esse público. Para o senhor ter uma ideia, nossos alunos participam de atividades socioculturais nas comunidades, interagem em datas comemorativas com apresentações, levam seus familiares para a escola. Na verdade, percebo meu mestre, que eles sentem prazer do que é de direito, o pertencimento ao espaço escolar.

Acredito que o senhor deve ter visto a feirinha que fizemos para trabalhar a sequência do projeto de empreendedorismo, que foi um sucesso. Também penso que o senhor deve ter sorrido ao ver aqueles alunos que tinham no RG a demarcação de não alfabetizados e agora já assinam seu próprio nome.

Neste projeto de empreendedorismo trabalhamos sobre o consumo, custos, lucros, Sistema Monetário Brasileiro, entre outras temáticas vinculadas ao tema gerador, o que ocasionou muitos dos estudantes a exercitarem na prática o uso do real, bem

como, valorizar suas produções artesanais e agrícolas. Portanto, ao final do projeto, nós proporcionamos uma feirinha, na qual eles levaram seus produtos para comercializar, sendo eles: esteira e chapéu de palha, mel de abelha, pé de moleque, artesanatos com garrafa pet, hortaliças, raízes, entre outros. Ao final do projeto, em nossa avaliação coletiva, percebemos o quanto os estudantes ficaram empenhados em aplicar os conteúdos da sala de aula nas suas vivências, aprimorando as experiências diárias e construindo novas perspectivas de vida através da educação.

Deixa lhe contar, até as brincadeiras de adultos e idosos na hora do refeitório eu gosto de interagir. E olha que eles costumam falar coisas que às vezes me deixam envergonhado, até mesmo por eu ter idade menor que a deles. Freire, é bonito o cuidado e o respeito que eles têm para conosco. Nos chamam de professor com tanto prazer, que renovam as nossas forças e interesse em continuar o legado da docência.

Acreditamos, portanto, que os limites de aprender foram postos por um sistema colonialista e de negacionismo aonde os sujeitos, sobretudo, de classe trabalhadora tinham de oferecer ao país a sua mão de obra, que na maioria das vezes, era para ganhar o sustento de cada dia e, por isso, os pais precisavam dos filhos nos ambientes de trabalho braçal, ajudando nas empreitadas afim de conseguirem a remuneração barata ou a troca de moradia.

Esporadicamente, em tempos de outrora dos quais pertencem a geração dos meus avós e outras, alguns conseguiram

concluir o ciclo de alfabetização, com muita resistência. A saber, a educação que era de ser instrumento acessível ao viés do progresso social, tornou-se distante dos sujeitos sociáveis e lugar de privilegiados, que sempre foi a minoria. Destarte, o filho do pobre, negro, residente na zona rural e/ou espaços periféricos, está ocupando lugar de pesquisa e produção científica no calor do presente tempo é sinônimo de resistência.

Mas, pensando na EJAI, que o senhor tanto se interessou, tenho construído aprendizagem na perspectiva desta modalidade de ensino. Não admito e nem aceito que este público seja tratado como esquecidos de uma escola ou aqueles que estejam apenas ocupando o referido espaço somente para alimentar o censo escolar. Estou aqui defendendo e debatendo sempre que necessário por esta causa.

Nesta minha conversa para com o senhor, vale apenas lembrar o que aprendi com suas teorias e sensibilidade. A EJAI atende estudantes que tiveram seus direitos ao ensino negado no período dito “adequado” a cada etapa da escolarização. Além disso, podemos dizer que a EJAI agrega um público com diferentes peculiaridades, tempo de aprendizagem única, modos de vida singulares, história de vida única e que necessitam de um educador (a) que tenha um olhar sensível para esse público, de modo que possa mostrar para esses sujeitos que eles são capazes de aprender e desenvolver-se, cada um em seu tempo e ritmo que é único e peculiar, mas para isso, é preciso conhecer quem são esses sujeitos que buscam na EJAI novas oportunidades de vida, a sua

trajetória de vida social, cultural e educacional

Os estudantes da EJAI trazem consigo experiência de vida única, marcada, muitas vezes, pelo preconceito, estigma, isolamento, frustrações, mas também os sonhos e as superações que acabam influenciando no modo de vida dessas pessoas. Assim sendo, o público da EJAI busca nesse espaço alcançar os conhecimentos historicamente produzidos e acumulados pela sociedade, assim, como outros buscam a alfabetização, para conseguir realizar no dia a dia, coisas que se tornam impossível quando não se sabe ler e escrever.

Pensar na educação para os jovens, adultos e idosos é desprender-se do ensino regular para crianças e adolescentes, pois esses sujeitos trazem consigo experiências, vivências e memórias produzidas em seu dia a dia nas relações sociais. Aqui estamos fazendo a reformulação do currículo escolar, e, prezamos nas propostas pedagógicas em atender as necessidades desses educandos, não impondo para esse público um modelo de escolarização, pensado para as crianças da sala de aula regular de ensino, podendo acarretar em prejuízos e desistência da escolarização.

Nesse mesmo sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) garante que: “os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais” (BRASIL, 2018, p. 15), e na modali-

dade da EJAI não pode ser diferente, uma vez que, ao utilizar as metodologias e os conteúdos direcionados para o ensino regular, pode-se, conseqüentemente, infantilizar o desenvolvimento das aprendizagens desses estudantes. Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) no artigo 4, inciso VII, provê a: “oferta de educação regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1996), ou seja, não basta apenas que a oferta de ensino para a EJAI seja garantida, mas é preciso também oferecer aos estudantes um ensino de qualidade, voltado para a sua realidade de vida, de modo a garantir a permanência desse público nas instituições escolares.

Nessa perspectiva, retomamos ao passado, ou seja, quando nos debruçamos para conhecer a história da educação no Brasil, principalmente para os sujeitos da EJA, fica evidente a relação de domínio e poder, entre os dominadores e os dominados, cada um ocupando o espaço que lhes fora estabelecido. Tudo isso, iniciou no Brasil Colônia, com a chegada dos Jesuítas, que tinham como objetivo catequisar os indígenas, impondo a cultura europeia, menosprezando o modo de vida dos índios que habitavam as terras brasileiras.

Anos depois, entre as décadas de 1960 e 1970 foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o qual tinha como objetivo alfabetizar pessoas que tinham entre 15 a 30 anos de idade, esse processo de alfabetização buscava o desenvolvi-

mento de habilidades tanto para o trabalho, quanto para a vida social. O MOBRAL obteve sucesso no país, além de contar com um número expressivo de pessoas participantes.

Após o período do MOBRAL, foi instituído no país na década de 1974 o Centro de Estudos Supletivos (CES). Este programa tinha como princípio o ensino tecnicista e superficial, além de garantir aos participantes o certificado de conclusão em um curto período de tempo.

O período subsequente da história da EJA no Brasil, remonta a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a qual foi um outro marco importante para a EJA. A LDB foi promulgada em 1996 e, ao longo do tempo, vem contribuindo com os aspectos referentes a educação, principalmente as especificidades e complexidades do processo educacional. Nesse sentido, cabe citar o inciso VII do artigo 4, a “oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola”, com isso, percebemos que a LDB garante a oferta do ensino para jovens e adultos, levando em consideração as suas realidades, necessidades e disponibilidades para a permanência no espaço escolar.

Por assim dizer, grande mestre, não podemos fechar os nossos olhos, tendo em vista que, ao longo de muitos anos esses direitos foram negados, desviados e ofuscados por muitos que colonizam a educação e tendem ao gerenciamento da aprendizagem.

Assim, enfatizo, professor, que o senhor nunca será apenas uma referência, mas grande contribuidor e apaixonado pela educação. Portanto, entendo que a educação deve ser posta e/ou construída a partir da prática, das experiências e da manifestação dos saberes e trocas, sejam eles nos espaços formais ou informais.

O senhor contrapôs a questão da educação bancária, lá na Pedagogia do Oprimido, por uma educação emancipadora. Do mesmo modo que, nos ensinou que a leitura de mundo precede a leitura de palavras. Diante da crítica na educação ao seu tempo, o senhor foi corajoso de levar ao debate a EJAI, enquanto espaço em que o público vinha para a escola já portando de conhecimentos. O senhor percebeu a importância de trazer para os métodos de ensino desta modalidade a própria cultura dessas pessoas que ainda não foram alfabetizadas.

Professor, já ouvir dizer que o senhor alfabetizou trezentas pessoas trabalhadoras em quarenta e cinco dias. A partir de propostas conscientizadoras que originavam os conteúdos a partir dos conhecimentos de mundo. E, isso, muito inspira a nós docentes, peregrinos desta terra pelo viés de uma educação de equidade e, que seja uma educação transformadora e problematizadora que partem dos conhecimentos que esses estudantes têm.

Meu querido professor, tenho uma inquietude comigo no que tange a nomenclatura “modalidade de ensino”. Haja vista que a EJAI compreende em carreira acadêmica, estruturada assim como acontece na educação infantil, ensino fundamental e médio. Acho que essa palavra reduz um pouco ao que diz a grandiosa proposta de educação. Não sei se me fiz entender, mas, o

termo soa como se fosse uma possibilidade, uma vez que temos consciência de que para empoderamento social e melhorias na qualidade de vida, deve-se pensar pelo viés da educação e, por isso, não podemos pensar, enquanto, apenas uma possibilidade, mas, como um grande caminho.

Quando falei no início desta carta sobre o sistema, retomo neste breve instante para lhe dizer do que a nossa educação brasileira tem sofrido. Ora, somente o senhor, daí para interceder ao universo e todas as forças que giram nele, para que não haja falência na educação.

O chefe do executivo nacional contrapõe a todo instante o que se tem construído na educação e, por falar nisso, chama as teorias do senhor de “filosofia do Paulo Freire da Vida”, ainda o tratou como “energúmeno”.

Quanto a palavra da qual ele proferiu ao senhor, vamos levar em consideração de que ele não saiba o significado e, por ignorância, muitos serão absorvidos da culpa. Quanto as suas teorias, podemos pensar que são filosofias de evolução da equidade, integridade e acessibilidade. E o último membro da frase “Paulo Freire da vida”, também condiz, pois o senhor teorizou foi para a vida, vida humana, de todos os aprendizes que se interessam pela troca de saberes. Portanto, acredito que esse senhor desconhece a semântica de algumas palavras.

É uma pena ouvir e ver de alguns embusteiros tentativas de degradação da imagem de quem estudou, entendeu e multiplicou o conhecimento, sem sombra de dúvidas um filósofo da educação reconhecido mundialmente que pensou profundamente sobre educação escolar, o então professor Paulo Freire.

A nossa educação segue em trocas de ministros e, é perseguida diariamente. Algumas das primeiras perseguições das quais posso citar, foram o ataque contra os cursos de ciências humanas, corte de 30% no orçamento das universidades federais, bloqueios das bolsas capes, entre outras coisas que seguem acontecendo nas escuras das noites.

São situações que imagino deixar o senhor bem descontente, no entanto, acreditado na restituição da educação brasileira e, por isso, seguimos aqui construindo encontros de ideias, trocas de saberes e valorização das diferenças.

Nobre professor, a prosa está boa, mas acredito que o senhor terá tantas outras cartas dos meus colegas no momento para lê-las, além das queixas diárias que devem lhes chegar e, suas inspirações científicas, que vou me contendo por aqui. Mas, gostaria de dizer que seguirei firme, conforme o que lhe contei acima, pensando nesta dívida que temos com o público jovem, adulto e idoso que está fora da escola e, este pensar, não será em hipótese alguma de ficar na inércia, mas, aprender no legado das ciências e, seguir para a prática onde deve se consolidar toda a ação.

Saudações afetuosas,

Renê Souza Andrade

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 9394/1996.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 1^a. Ed. Rio de Jane



Quinta Carta

Aspirações Freireanas na Educação Profissional para Jovens e Adultos

“[...] a formação técnico-científica de que precisamos é muito mais do que puro treinamento ou adestramento para o uso de procedimentos tecnológicos. No fundo, a educação de adultos como a educação em geral não podem prescindir do exercício de pensar criticamente a própria técnica [...] A compreensão crítica da tecnologia é a que vê nela uma intervenção crescentemente sofisticada no mundo a ser necessariamente submetida a um critério político e ético [...] Uma ética, a serviço das gentes de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malhada, como a do lucro, a do mercado [...].”

Paulo Freire, Pedagogia da Indignação.

Kelen Bispo Pinto

Amargosa, 28 de julho de 2022.

De: Kelen Bispo Pinto

Para: Prof. Paulo Freire

Prezado professor Paulo Freire,

Aqui quem vos escreve, é uma admiradora do seu legado.

Escrevo-lhe esta carta, numa tarde chuvosa de inverno da querida cidade de Amargosa, também conhecida como Cidade Jardim, para expressar minhas inquietações e percepções enquanto professora de uma escola pública de Educação Profissional sobre a situação da Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), partindo do entendimento de que fazemos parte de um processo de vivências para formação de um trabalhador.

Queria poder dizer-lhe que muita coisa mudou para melhor desde que o senhor se foi, mas, infelizmente, saiba que temos passado por tempos difíceis, não só porque estamos em meio a uma crise sanitária, que aflige o nosso país e o mundo, gerando medo, insegurança, insatisfação e descrença em um futuro melhor para nossa população, mas também, porque enfrentamos um desgoverno (o senhor outrora também enfrentou) negacionista, que, claramente, exhibe um descaso com a saúde e educação da população e que traz no seu projeto político o aumento das injustiças e desigualdades sociais. Infelizmente, o trabalho tem se tornado escasso a cada dia, a crise que nos assola tem levado milhares de

brasileiros ao desalento do desemprego e da falta de renda para sustentar a si e suas famílias.

Tenho aprendido muito lendo seus livros, principalmente, “Pedagogia do Oprimido”, é visível o quanto o senhor defendia a educação para as camadas populares, mas, não uma educação como o senhor mesmo chamava de “educação bancária” e sim, uma educação crítica e conscientizadora, em que esses estudantes pudessem enfrentar as grandes limitações econômicas e sociais. Sinto lhe dizer que, essa educação ainda caminha a passos lentos e que, a nossa classe trabalhadora continua padecendo, sendo silenciada em seus direitos, até mesmo àqueles que já haviam sido conquistados.

Nessa escola em que leciono, já houve tentativas anteriores, sem sucesso, de formar turmas da Educação Profissional para Jovens e Adultos (PROEJA); este ano, estamos tentando novamente, mas não tem sido nada fácil! Tem sido dias de luta, tanto para os alunos que vêm de diversas comunidades com realidades distintas, como para nós professores que, em sua maioria, são formados por bacharéis que estão aprendendo na prática, a duras penas, o que é ser professor. Mas, como o senhor mesmo descreveu que ser professor é um processo em construção, e não somente uma habilitação legal, estou aqui, tecendo minhas ideias sobre o que tenho visto no dia-a-dia da sala de aula, bem como, o que tenho aprendido com suas leituras.

Suas ideias são inspiradoras, principalmente para mim, uma simples aspirante a professora, que me vejo tocada quando leio suas palavras: “ser professor tornou-se uma realidade para mim, depois que comecei a lecionar; tornou-se uma vocação depois que comecei a fazê-lo” (STRECK., REDIN e ZITKOSKI, 2015 *apud* FREIRE, p.39)

Todos os dias na escola nos deparamos com situações diversas a despeito desses alunos, que carecem não só de conteúdo, mas de diálogo e acolhimento. Também nos vemos pressionados para atender às demandas legais, que, em sua maioria, não atendem estas pessoas como deveriam.

Nossa profissão por vezes é angustiante por tudo que acompanhamos, sabemos que nunca foi fácil para os jovens e adultos concluírem seu ciclo escolar, mas, no momento devido à crise sanitária e econômica, caro mestre, há ainda mais entraves para que nossos alunos tenham condições de dedicarem-se aos estudos. Mas, nós enquanto professores, apesar das angústias, estamos nessa luta diária, aprendendo com seus ensinamentos a nunca perder a esperança do seu verbo esperar, pois, como o senhor mesmo citou que a falta de esperança: “[...] nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo” (FREIRE, 1992, p. 5), sendo assim, sigamos em frente.

Saiba que essa modalidade de ensino PROEJA, surgiu em 2006 para atender à demanda de jovens e adultos pela oferta

de educação profissional técnica de nível médio para sua inserção no mundo do trabalho, da qual em geral são excluídos, tendo como objetivo a elevação do nível de escolaridade do trabalhador. Acredito que, se o senhor ainda estivesse aqui à época, teria feito duras críticas a esse objetivo que não traz a valorização humana nem o desenvolvimento da formação cidadã desses trabalhadores, como o senhor mesmo, já havia feito em seu livro *Pedagogia da Indignação*, sobre o papel da educação e o uso das tecnologias modernas:

[...] a formação técnico-científica de que precisamos é muito mais do que puro treinamento ou adestramento para o uso de procedimentos tecnológicos. No fundo, a educação de adultos como a educação em geral não podem prescindir do exercício de pensar criticamente a própria técnica [...] A compreensão crítica da tecnologia é a que vê nela uma intervenção crescentemente sofisticada no mundo a ser necessariamente submetida a um crivo político e ético [...] Uma ética, a serviço das gentes de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado [...] (FREIRE, 2000, p. 101-102).

Mas, não desanime, o senhor soube instruir muitas pessoas, que estão aqui na luta em busca dessa formação politécnica, quiçá um dia, também à formação omnilateral. Como o senhor sempre defendeu: “O trabalho produtivo é fonte de conhecimento. Com a enxada preparamos os campos para a sementeira e ajudamos a construir um país novo. Nossos filhos e filhas devem

aprender trabalhando. Nossas escolas devem ser escolas de trabalho” (STRECK., REDIN e ZITKOSKI, p.800, 2015 *apud* FREIRE, 1989 p. 28).

Aqui, nossos alunos têm idades e realidades diversas, e estão aprendendo juntos a como fortalecer o diálogo e laços de amizade entre eles e nós professores, bem como buscar possibilidades de construção de uma identidade, ao mesmo tempo de discentes, bem como, de uma categoria social, com direitos, deveres e desafios como a convivência com a diversidade. Falando assim, sei que parece algo simples, mas o senhor bem sabe o quanto é difícil estabelecer um bom relacionamento interpessoal e empatia entre pessoas com pensamentos diferentes e por vezes divergentes.

Nós que acreditamos nos ideais defendidos pelo senhor, somos constantemente convocados para rever nosso trabalho enquanto professores da educação profissional, para que não percamos de vista que o trabalho é a nossa base e que tem um sentido ontológico, sendo compreendido como um princípio educativo, que portanto, não devemos de forma alguma, sucumbir aos ideais neoliberais.

Este certamente tem sido nosso maior desafio, mas, não é o único, temos tantos outros, como: falta de qualificação profissional, falta de recursos, igualdade substancial para os alunos (pois a permanência efetiva e a aprendizagem para aqueles que não se encaixam no percurso regular ainda não se efetivou), a

deficiência escolar do aluno e o cansaço, a responsabilização do professor por todo o processo e, por fim, como ofertar conhecimentos que contribuam para a melhoria das condições de participação social, política, cultural e no mundo do trabalho desses alunos com as condições que nos são oferecidas.

Esses desafios diários, por vezes, nos levam ao desânimo e à apatia, nossa jornada é cheia de obstáculos e não é de agora, como o senhor bem sabe. Precisamos a todo momento ressignificar nossas ações, assim como o senhor sempre fez com suas ações e tantas palavras.

Quando li a primeira vez sua definição de boniteza, confesso que causou-me estranheza o uso dessa palavra, mas à medida que fui compreendendo o que querias, transformando seu sentido e ressignificando numa dimensão poética, eu entendi a beleza que a mesma transmitia e que não tinha nada de romantizado, ao contrário, creio eu que o senhor queria mesmo, era nos convocar a sermos éticos e comprometidos com nossa profissão, deixando claro a necessidade de estarmos em constante luta por um mundo mais justo e menos desigual, que apesar das dificuldades, não percamos a fé, mesmo que algumas batalhas sejam perdidas, outras resistirão, cabendo a cada um de nós e em comunhão com nossos pares, contribuir para a transformação do mundo.

Sei que soa utópico minhas palavras, pois, a nossa realidade é por vezes perversa e desumana. Mas, acredito que a luta por esse mundo mais justo depende da nossa compreensão de que

nossas ações têm impacto na vida de todos. E que, quanto mais entendermos os contextos que cercam nossas vidas, mais teremos condições para sermos sujeitos dessa transformação social. Confesso que falhei muitas vezes no exercício da docência, mas continuo buscando acertar.

Quando estou em contato com os alunos do PROEJA, percebo que para compreendê-los e ajudá-los em seu desenvolvimento preciso considerar o espaço em que eles vivem e a maneira como constroem significados. Ministrando aulas e atividades interdisciplinares, mesmo não sendo tarefa fácil, se apresenta para mim, como uma alternativa ao desafio de trabalhar a diversidade cultural na sala de aula para a mobilização das potencialidades desses alunos.

Certamente mestre, a palavra que nos representa atualmente é resistência. Ver e conhecer esses trabalhadores que deixam suas casas e famílias todos dias, apesar do cansaço e de tantos outros problemas para estarem aqui, na sala de aula buscando conhecimento e uma formação é sinal de resistência. Como o senhor mesmo sempre escreveu:

[...] as resistências – a orgânica e/ou a cultural – são manhas necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos. O sincretismo religioso afro-brasileiro expressa a resistência ou a manha com que a cultura africana escrava se defendia do poder hegemônico do colonizador branco [...] Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos armamos. (FREIRE, 2000, p. 87)

É nesta perspectiva, que cabe a nós professores, também fazer parte desse movimento, compartilhando e aprendendo com eles como ser forte para enfrentar as intempéries da vida e o capitião do mato que está à solta. Sua obra, professor Freire, é a chama que se mantém acesa, servindo-nos como referência de vida, lembrando-nos a todo instante a importância de vencer o medo e denunciar a feiura que se espalha por nossa sociedade, a fim de anunciarmos um futuro com mudanças e melhorias para nossa classe trabalhadora.

Queria que o senhor estivesse aqui para nos ensinar, outra vez, sobre a boniteza de sermos verdadeiros e prezar sempre por esta verdade, tanto na vida pessoal quanto profissional, e não como tem acontecido por aqui, uma valorização e propagação de falsas notícias que apelidamos de *fake news*, incorporados pela influência ideológica dos norte-americanos.

Nobre professor, encerro minha carta afirmando que a luta por uma educação com qualidade para todos ainda constitui uma utopia, nosso povo continua lutando e enfrentando os reveses que a vida tão desigual lhes apresenta. Mas, saiba caríssimo mestre, que apesar de tudo, a luta continua, seus ensinamentos fincaram raízes, perpetuando ainda hoje seus ideais.

Meus sinceros agradecimentos pelo seu legado que transformou a minha vida e tantas outras, e, que suas ideias e palavras continuem nos fortalecendo, para continuarmos resistindo e esperando a boniteza de estarmos vivos.

Abraços.

Kelen Bispo Pinto

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a ed. Editora Paz e terra, Rio de Janeiro, 2000.

. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e terra, 2000.

. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.

. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 1992.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Ed.). **Dicionário Paulo Freire**. Autêntica, 2015. Disponível em:

<https://www.centropaulofreire.com.br/arquivos/livros/Dicion%C3%A1rio%20Paulo%20Freire%20-%20Danilo%20R.%20Streck.pdf> Acesso em 22/07/2022.



Sexta Carta

O Fim da Educação de Jovens, Adultos e Idosos

“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. É esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”

Paulo Freire, Pedagogia da Esperança

Heloísa de Jesus Muniz

Amargosa, 20 de julho de 2022

De: Heloisa de Jesus Muniz

Ao: Prof. Paulo Freire

Uma carta para o nosso saudosos Paulo Freire e para todos aqueles que se indignam com o que está acontecendo com a educação brasileira nos últimos anos.

Querido Paulo Freire,

Nessa terra já presenciei diversas vezes, ao longo da minha história, pessoas em pânico por medo de supostos fins do mundo, teorias de que a terra iria se acabar em algum ano específico, mas essas mesmas pessoas não se dão conta de que o mundo se acaba todos os dias, acaba para aqueles/as que são vítimas de violência, para os/as que morrem em busca de cura nos hospitais, para os/as que perdem a esperança de dias melhores por verem seus sonhos serem pisoteados pela miséria que assola nossa sociedade. Muitas pessoas vivem com medo de um fim do mundo que é constante na vida de quem é invisibilizado/a.

Em meio a tantos fins, Paulo Freire é sinônimo de recomeços, disso não há dúvidas, as milhares de pessoas que se inspiram em seu legado, a vasta quantidade de pessoas que se enxergam como cidadãs graças aos seus métodos educacionais são provas suficientes para confirmar isso.

Com Freire a esperança de dias melhores era fácil de cultivar, pessoas que antes não encontravam espaço nas escolas e que sofriam no mundo onde o que importava era codificar e de-

codificar palavras, viu nesse senhor a chance de ir além, de poder ler e escrever para reescrever a sua história e não apenas para ter habilidade numa técnica específica.

Nós avançamos muito nas práticas educativas como um todo e o principal: foi ter conquistado o espaço para que os/as trabalhadores/as que foram impossibilitados de estudar conseguissem sair do analfabetismo. Não foi à toa que Paulo Freire é considerado patrono da educação brasileira.

Analisando essa trajetória é possível pensar que o sistema educacional brasileiro vive atualmente num lindo mar de rosas, mas infelizmente não é assim, no meio do caminho algumas coisas falharam drasticamente e infelizmente teremos que tratar mais uma vez sobre os fins e nesse caso o “*Fim da EJA*”.

Para começar a falar sobre isso, vou lhes contar um pouco da história de uma mulher negra, oriunda da zona rural do município de Amargosa, localizada no interior da Bahia, em uma época onde não havia escolas do campo.

Ela e as crianças da comunidade estudavam em sua casa, a escola era a casa dela, e a professora era uma senhora branca que devia ter o antigo magistério. Tudo que estudou de ensino escolarizado, dentro das possibilidades que tinham, foi nesse período de infância, é o equivalente ao que chamamos hoje de Ensino Fundamental I, com muitas dificuldades, pois não havia materiais escolares ou livros disponíveis.

Depois que as crianças aprendiam o que era considerado o bastante para a sociedade da época; como assinar o nome e

ler uma ou outra palavra, já eram considerados alfabetizados e o ensino ali não era dado prosseguimento, aqueles/as que tinham condições iam para área urbana continuar seus estudos. Como ela não tinha condições não pôde continuar, aprendeu a escrever pouco e a ler pouco também.

Não havia escola, não havia políticas públicas que garantissem que a população pobre pudesse escolarizar seus filhos sem que eles passassem necessidades e não precisassem desde cedo serem explorados para obter sustento. O povo campestre era esquecido pelos poderosos, sendo lembrados apenas no momento da eleição, pois essas pessoas precisavam saber escrever minimamente para poder votar neles.

Essa mulher, hoje já adulta, trabalhou desde criança na casa dos “ricos” como empregada para sobreviver, para não ver a face da fome, já que eram muitas pessoas numa casa e não tinham como se sustentar. Não havia tempo de estudo, muito menos descanso e oportunidades para ir além. Esse foi o primeiro fim da educação para ela, quando lhe foi negado o direito de estudar, quando lhe foi negado o direito de escolher o que ela desejasse ser.

Quem constitui a classe trabalhadora sabe que na maioria das vezes não temos direito de escolher o que gostaríamos de ser, fazemos o que é possível para nós no momento, aquilo que nos garanta as condições mínimas para sobreviver.

Quando jovem adulta ela foi para capital, Salvador, também com o objetivo de servir os que detinham algum tipo de poder. Lá a sobrevivência tinha um pouco mais de facilidade, tinha um incentivo aos estudos, as oportunidades eram maiores.

Decidiu voltar a estudar, se matriculou numa escola que tinha ensino noturno, mesmo com a carga de trabalho queria poder saber mais e ter uma vida melhor. Contudo não pôde continuar a cursar, pouco depois de começar, a escola fechou e os/as alunos/as seriam remanejados para outro lugar, esse novo lugar era longe de onde ela morava; o custo seria maior, pois teria que pagar mais conduções, além dos perigos da noite que eram ainda maiores.

Nesse dia a EJAI chegou ao fim para essa mulher, depois disso ela não voltou mais a nenhuma escola, além de não ter a possibilidade de frequentar, com o passar do tempo achou que esse lugar não a pertencia mais. Tudo que aprendeu para além do que já sabia foi a partir de suas vivências, foi fruto de sua curiosidade de descobrir o mundo, porque apesar d não ter tido oportunidade de continuar seus estudos sabia que ele era muito importante e com isso ajudou no processo de alfabetização das filhas que teve.

Infelizmente essa história é mais comum do que podemos imaginar, todos os dias a Educação de Jovens, Adultos e Idosos acaba para alguém, por diversos fatores e a maioria deles se referem a forma como essa educação é ofertada, põe fim quando uma

turma fecha, quando não é oferecido lanche, quando os professores infantilizam os conteúdos estudados, quando não flexibiliza os horários, enfim a escola por vezes não entende ou não quer entender que essas pessoas são trabalhadores que estudam e não apenas estudantes, o ensino precisa ser adaptado para eles e não eles que precisam se moldar ao ensino regular.

Bom, meu/minha amigo/a, as coisas não andam fáceis no Brasil, tínhamos conseguido muitos avanços na educação tentando seguir o legado que você nos deixou; promover uma educação reflexiva capaz de emancipar sujeitos. No entanto, com os golpes políticos que temos sofrido estamos passando por um retrocesso extremo. Os/as (des)governantes estão destruindo tudo, as pessoas estão na miséria e as que tinha conseguido sair dela, no passado, hoje estão quase voltando para ela, o país voltou ao mapa da fome, muitos políticos preferem investir em armas do que em livros e vacinas, a educação e a formação humana estão em último plano e quem bate de frente sofre vários silenciamentos.

Como educação não é prioridade, a EJAI tem ainda menos espaço. Como disse anteriormente, a cada dia essa modalidade chega ao fim para alguém; turmas e escolas são fechadas, professores e alunos em situações precárias.

A Política Nacional de Alfabetização (PNA) limita a aprendizagem, anulando as individualidades do sujeito e difunde um currículo voltado apenas para a técnica, sem atribuição de sentido, negando todas as contribuições Freireanas na educação

como um todo. Trata a EJAI como algo sem a devida importância, pois não levam em consideração as coisas que eles já sabem e sua história de vida, não há empatia e muito menos foco na construção da cidadania desses/as estudantes.

Há ainda muitos/as educadores/as que “fazem das tripas coração” para que os/as trabalhadores/as-estudantes tenham um ensino/aprendizagem digna, é preciso lembrar sempre e glorificar pela vida desses/as profissionais que acreditam na educação, mas não sabemos até quando isso será possível, não porque eles/as acabem desistindo, mas porque com o dismantelo que estamos sofrendo, se não for colocado um ponto final, não saberemos se terá educação pública para todos/as.

Com as incessantes tentativas de militarizar o ensino público, as escolas irão perder seu espaço humanizador, para dar lugar ao controle social e ao tecnicismo que forme oprimidos/as para o mercado de trabalho explorador. Nessa conjuntura as pessoas que compõem a EJAI não são incluídas, sabemos que nos moldes de uma educação conteudista não haverá um ensino específico para esse público, deixando essas pessoas às margens, desumanizando-as, fazendo com que, mesmo que elas não sejam expulsas, elas mesmas evadam e desistam de se alfabetizar.

Essa desistência nós conhecemos bem, muitos/as estudantes da EJAI desistiram e ainda desistem e sabemos que não é culpa deles/as, a mulher que mencionei anteriormente não desistiu porque quis, desistiu porque as decisões do sistema educacional

brasileiro não são pensadas nos/as alunos/as e sim no que é conveniente para ele.

O desserviço que as novas políticas implementadas pelo Ministério da Educação (MEC) vem fazendo são aterrorizantes, sucateando tudo sem o menor pudor. Os/as educandos/as não são vistos/as como protagonistas, ainda pregam o ensino conservador que acha que a educação deve acontecer de cima para baixo, onde o conteúdo é a estrela e o/as professor/a o único ser capaz de deter todo conhecimento e transmiti-lo e o papel dos/as alunos/as seria apenas absorver esses conhecimentos, a velha educação bancária que Freire tanto criticou em suas obras.

É preciso pensar que nada disso é à toa, não é apenas uma questão do governo vigente ser composto por pessoas incapazes de exercer o seu trabalho, essas pessoas estão lá justamente, porque a educação emancipadora não é foco do governo. Há como objetivo, desse sistema, a destruição da educação, tecnizando tudo, focando apenas em habilidades que permitam os sujeitos a trabalhar, desprezando a reflexão para que as pessoas não tenham como lutar por seus direitos e bater de frente com os desgovernos.

Ao ler essas minhas palavras fico imaginando quanta tristeza você sentiria, Freire, ao ver o trabalho de anos sendo jogado no lixo por diversas mãos criminosas. Mas também sei que ficaria orgulhoso de ver que apesar de todos os problemas enfrentados ainda há educadores/as compromissados/as com a educação emancipadora.

Sabemos que as condições atuais não tem nos favorecido, mas também é sabido que durante toda a história não foi fácil. Passamos por diversos golpes onde parecia que nada iria melhorar e no entanto conseguimos atravessá-los, por alguém ter acreditado que era possível.

Lá no início dessa carta comentei que Freire era sinônimo de recomeços em meio a tantos fins, então acredito que uma possível solução para enfrentarmos mais uma vez esses golpes nos dias atuais seja refazer os passos de Paulo Freire, teremos muitas muralhas para derrubar nessa caminhada, mas é preciso lutar com esperança, mas não uma esperança que romantiza tudo e acredita que as coisas irão mudar num passe de mágica e sim uma esperança autocrítica que dialoga com a realidade. Só com esperança e ação é possível mudar esse cenário sem elas não é possível continuar lutando por melhorias.

É preciso de esperança e ação para que outras mulheres como a da história que contei, homens, crianças, idosos e adolescentes não vejam a verdadeira educação chegar ao fim e consequente seus sonhos e possibilidades de fazer desse mundo um lugar melhor. Sigamos tentando refazer os passos do nosso patrono. Viva Paulo Freire!

Com amor e esperança,
Heloísa Muniz.



Sétima Carta

“O Mestre é Ignorante Quando Não se Vê”

“Libertação [...] é a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”

FREIRE, Pedagogia do Oprimido

Anderson Farias Teixeira Silva

Vitória da Conquista, Bahia, 28 de Julho de 2022, Inverno.

De: Anderson Farias Teixeira Silva

Ao: Prof. Paulo Freire

Exímio Sr. Dr. Paulo Freire,

É com imensa alegria que primeiro vos comunico nesta carta a certeza de que, nestes dias em que me encontro, vosso nome nunca se fez tão presente e necessário aos rumos e caminhadas da educação brasileira. Vossas análises, vossos experimentos, vossas considerações, a maioria feita num passado em que eu sequer havia nascido, nunca se fizeram tão autoevidentes, dado o ponto em que chegou a nossa educação, ainda que nossa pedagogia, inspirada em vossos escritos, tenha atingido satisfatório grau de prudência e de entendimento da coisa-mundo que se desenrola do currículo à sala de aula, do fazer-pensar ao pensar-fazer pedagógicos, de todas as escolas públicas e até privadas deste país.

Mas se a pedagogia tomou rumos honestos para com o vosso nome, se nossos pedagogos, professores, mestres e doutores são consensuais em comunicar vossa envergadura intelectual e humanitária, que houve, no entanto, com a educação como projeto de futuro que toda sociedade humana deve estabelecer para permanecer vivente? Tal coisa só tenho propriedade para indagar —

para responder à indagação, para tratar desse assunto, não tenho suporte intelectual e empírico.

O que venho tratar nesta carta é ainda mais específico. Quero falar sobre um grupo em especial que muito pouco tem sido objeto do interesse da pedagogia e das teorias educacionais — por tratar-se de jovens, adultos e idosos que já passaram da maioridade, faz-se pensar, no senso comum, que essas pessoas já atingiram um grau suficiente de experiência de vida que torna a educação formal desnecessária, que ela serve justamente às crianças e adolescentes, etc. Algo mais errado do que isso ainda há de surgir.

Eu me formei como licenciado em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em 2018. Tinha 23 anos quando recebi das mãos dos meus mestres o certificado, a habilitação que mostrava à sociedade que eu estava apto a lecionar a disciplina de Sociologia nas escolas de qualquer lugar do meu país. “*Professor de Sociologia no Ensino Médio*”, eu pensei no palco durante a formatura, “*será meu tino, meu desafio e meu destino?*” Naquele ano eu havia passado no concurso público do magistério baiano, e no ano seguinte, em 2019, encarei a minha primeira sala de aula, às 7:20 da manhã de uma segunda-feira, 29 de Abril. Todos muito jovens, coisa de 15 a 16 anos, eram meu público do turno da manhã; à tarde, um pouco mais velhos, mas não tão diferentes entre si, entre 15 e 18 anos, mas rodeados, ainda, com uma atmosfera lúcida que sempre povoa as escolas de ensino fundamental e ensino médio. Mas à noite, quando me deparei com uma sigla a mim alienígena, senti uma forte dúvida: “*EJA VI B, o que será?*”.

O clima lúdico havia se dissipado e as luzes elétricas banharam a escola com uma outra cor. Ali eu não encontraria mais os adolescentes de há pouco. Mas “EJA VI”, essa sigla seguida com algarismos romanos, me assombrava com dúvidas. Era possível dizer que aquilo fosse um tipo de modalidade de ensino, mas o que se ensinava ali, além do currículo que eu já tinha conhecimento e que mostrava com algum grau de confiança o que se deveria discutir na disciplina de Sociologia? Onde estava o currículo dessa tal de EJA VI? O plano de curso trazia o quê? Por que os professores que lecionavam Sociologia antes de mim eram todos formados em outras áreas, como Ciências da Natureza e Exatas? Quem é o público dessa EJA VI? Percebe-se, Sr. Freire, que antes mesmo de chegar ao turno noturno, as indagações só vieram galopantes — pensando, agora, parece que o desafio enorme que a EJA já traz consigo já me mexia só de olhar.

Eu não fui informado, em nenhum momento da minha formação acadêmica, que haveria uma Educação de Jovens, Adultos e Idosos na minha carga horária. Em nenhum momento do meu fazer docente eu supus que trabalharia com pessoas até mais velhas do que eu, mais experientes, mais sagazes e, até mesmo, mais conhecedoras de palavras formadoras do que eu. Fui instruído, em minha formação, a produzir um passo a passo de construção do conhecimento através de clássicos da Sociologia, teorias sociológicas, temas geradores, sistemas de avaliação para tornar o aluno acostumado a modelos de provas como o ENEM e os vestibulares — mas o que eu deveria construir de conhecimento com um pú-

blico já encaminhado no mundo do trabalho, já certo do que quer ser e de onde quer estar, e muitos dos quais a universidade não é ao menos objeto de curiosidade? Esse desafio, confesso, desestruturou-me de tal maneira que as minhas primeiras aulas de Sociologia, daquela data em diante, foram no mínimo desastrosas.

Não venho culpar, contudo, meus mestres da universidade. A sua função foi concebida de maneira exímia. A eles sou enormemente grato por cada coisa que eu sei dessa maravilhosa disciplina do conhecimento chamada de Sociologia. Mas que pecado cometeu a EJAI para não aparecer no currículo das licenciaturas em nossas universidades, para não ser lugar de experiência aos estágios supervisionados, para não estimular a produção de recursos didáticos-metodológicos e métodos pedagógicos de ensino de disciplinas que só são vistas no Ensino Médio, como a Sociologia e a Filosofia?

Esta carta não é só um relato de experiência ou uma denúncia, mas também uma reflexão que aparentemente só ganha contornos mais precisos agora: sem surgir na formação docente, seria a EJAI um lugar em que não haveria necessidade de preocupação curricular? E se infelizmente seria isso mesmo, então a formação intelectual, humana, crítica e analítica dos seus educandos não seria uma inquietação de primeira ordem? Alguns colegas de profissão, mais experientes do que eu, comentavam (e ainda comentam) na salada de professores que “*a EJA é assim mesmo*”, como se qualquer serviço prestado pelo profissional docente, feito a qualquer modo, a qualquer tempo, já seria suficiente para atender às ditas “baixas expectativas” do seu público, que estariam ali, segundo

esses mesmos colegas, “*apenas para conseguir o certificado*” — razão pela qual muitos jovens do ensino dito “regular” migraram para a modalidade da EJAI após completarem a maioridade, com 18 anos, como atalho, porque “*seria mais fácil e teria menos tempo*” (2 em vez de 3 anos).

Essa mentalidade, influenciada pelo meio e pela juvenização da EJAI, provocou em mim uma espécie de pessimismo. Somado a isso, houve o atropelamento do tempo, das cadernetas do Ensino ‘Regular’ que tinham prazo fixo para serem entregues, cobranças dos estudantes do diurno por atividades e avaliações que os ajudassem a passar num concurso para o ensino superior etc., que desprivilegiou o Ensino de Jovens, Adultos e Idosos no meu cronograma. “*Meu Deus, hoje terei quatro aulas nas EJAs, e não procurei desenvolver durante a minha AC nenhuma aula, nenhuma atividade, porque o ensino ‘regular’ tomou o meu tempo!*” E, às vezes de improviso, dando aula, fiz com que o meu próprio trabalho se precarizasse.

Foi ruim e desgastante perceber que isso me afastou daquilo que o Sr. chama de decência e boniteza, que andam de mãos dadas. Sem criticidade, sem a dimensão humana, sem a dimensão pedagógica, de ajudar o outro na sua própria autonomia e libertação, levou-me a um estado de miserabilidade profissional ainda em meus primeiros meses como docente. Daí em diante repensei a minha vida, o meu fazer docente, e impossibilitado pelas circunstâncias materiais de abandonar o magistério e o salário que eu recebia (renda superior em duas vezes à renda somada de minha própria família), além de me obrigar a constituir em mim

aquilo que o Professor Saviani chama de compromisso político e competência técnica, precisei me readequar, humanizar-me como o Sr. diz, fugir da educação bancária, cega de vícios e necessidades de competências competitivas. Assim, nas últimas semanas de aula, resolvi atuar diferente com os meus estudantes da EJAI: histórias em quadrinhos para ler e discutir, roda de conversa sobre emprego e renda, filme sobre as opressões vividas pelo homem do campo, mas o mais importante conteúdo da unidade foi um pedido de desculpas de minha parte para eles - pedi-lhes o seu perdão por não ter sido um bom professor, por não ter atendido às expectativas deles, por não ter sabido atuar com eles da forma mais satisfatória. Um bombom para cada um, para adocicar a noite, como regalo da sinceridade das minhas desculpas, e um respeito mútuo se criando ao final da última aula que tive com eles foram a certeza de que as piores experiências deram lugar às melhores expectativas de bons votos e de desejo recíproco de felicidade. “*Om Mani Padme Hum*”, “*Oh, a Joia do Lótus*”, pois da lama nasce a flor de lótus, já dizem os budistas. Das piores experiências, a melhor despedida, o melhor final de aula.

Rememorando tudo o que eu havia vivido naqueles dias, percebo que em cem por cento dos casos faltaram de minha parte amorosidade, paciência, decência e boniteza, além de um compromisso em ver a EJAI da forma que ela é: um lugar da mais bonita resistência dentro da escola pública, só ofertada nela, que transforma a educação não na alienação daquilo que chamamos de educação bancária, mas num lugar de compromisso em aprender e em ensinar, em ler um mundo já desbravado, mas ainda desconhecido, oculto e proibido para nossa classe trabalhadora e

de gente do campo; num lugar aceso para essas pessoas que, se quisessem, não precisariam retornar à escola, mas que por força da vontade e da certeza de dias melhores a ela retornam e anseiam criar as estruturas para seus próprios sonhos e ajudar nos sonhos daqueles que amam. A alteridade, então, também se faz na realização de si para auxiliar na realização do outro.

Hoje, depois de um cenário pandêmico grave, digo que penso na EJAI de uma maneira muito diferente daquela que o primeiro contato infelizmente me fez incorporar. Para mim, hoje, a EJAI é o espaço por excelência para entender o corpo e a forma da sociedade brasileira aqui neste canto do país, na caatinga baiana. Os corpos que aqui vivem, atravessados por opressões e por submissões das mais distintas, anunciam o desejo de libertar-se das amarras históricas que fazem do pobre o seu escravo. A pobreza material, nesse canto do país, existe e eu posso prová-la; mas não posso dizer o mesmo sobre a pobreza de espírito e de sonhos, pois a partir desse critério ali são todos muito ricos. E por que não fazer uma Sociologia inspirada nessas pessoas, então? Por que não os pesquisar, saber deles as razões que os levaram a esse espaço da educação, ainda que muitos deles tenham completado seus anos escolares iniciais da maneira certa?

Influenciado pelo Sr., Dr. Freire, posso me dizer um novo professor — mas não um professor que matou aquele do início, e sim que assumiu novamente o corpo e que, levando em conta todo aquele passado, deseja se afastar de todas as insatisfações causadas pelo autoritarismo e pela educação alienada. Quero dizer, Sr. Freire, que antes de ser mestre, sou aprendiz, ainda que um aprendiz ignorante, nas palavras de Rancière. E nada indica,

na educação contemporânea que foi muito influenciada pelo Sr., que o mestre nada aprende com o aprendiz; ao contrário: talvez, até hoje, aprendo mais com os meus aprendizes do que posso dizer que eles aprendem comigo. E se não fosse aquela experiência na EJAI, em 2019, talvez eu jamais teria chegado ao ponto de aprendiz; seria o ignorante, o eterno ignorante, incapaz de saber o quanto está atrasado, reprovado, em matéria humana.

Que a EJAI seja esse lugar, esse campo aberto para que mestres também sejam aprendizes, assim como eu fui. Devido a isso, a vós só tenho a agradecer! Talvez este país nunca tivesse visto a educação dos seus jovens, adultos e idosos sem a fabulosa experiência em Angicos. Minha gratidão eterna!

Com afetuoso carinho e enorme respeito,

Professor-Aprendiz

Anderson Farias Teixeira Silva.



Oitava Carta

**Educação de Jovens Adultos e Idosos, Trajetórias de Sonhos Alcançados
com esforços diários – Caminhos que não se esgotam**

“É preciso ter esperança. Mas tem de ser esperança do verbo esperar. Por que tem gente que tem esperança do verbo esperar. Esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. “Ah, eu espero que melhore, que funcione, que resolva”. Já esperar é ir atrás, é se juntar, é não desistir. É ser capaz de recusar aquilo que apodrece a nossa capacidade de integridade e a nossa fé ativa nas obras. Esperança é a capacidade de olhar e reagir àquilo que parece não ter saída. Por isso, é muito diferente de esperar; temos mesmo é de esperar!”

(Paulo Freire, Pedagogia da Esperança)

Andréia Xavier França

Salvador, 26 de julho de 2022.

De: Andréia Xavier França

Ao: Professor Paulo Freire

Caríssimo Paulo Freire,

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. [...]

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciabilidade, da democracia contra a ditadura de direita e de esquerda. [...]

Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. [...] Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias. [...] (FREIRE, 1996)

Para começar esta minha carta vou me apresentar, sou Andréia Xavier França, mãe, mulher preta, educadora da Rede Municipal de Salvador há 11 anos e uma entusiasta nas suas ideias, você me inspira muito. Iniciando nossa conversa é importante falar o quanto a educação se faz presente na minha vida desde a

minha existência, sou filha de professora que também atuou na Educação de Jovens e Adultos - EJA. Tenho uma memória afetiva de muitas vezes que acompanhava minha mãe na unidade escolar Zumbi dos Palmares, no bairro de Tancredo Neves em Salvador – Ba, eram visitas muito significativas para mim, via muitos idosos e jovens que tinham uma sede pelo estudo, em aprender, ficava contagiada naquela atmosfera única.

Alguns anos passaram, ingressei na Universidade do Estado da Bahia – UNEB no curso de graduação em Pedagogia, através da graduação tive algumas vivências na EJA que era sempre muito significante para mim, pois recordava de muitas vivências que tinha passado na escola que minha mãe atuava. Quando ingressei na Rede Municipal de Salvador um dos meus desejos era atuar na EJA, mas infelizmente não consegui por falta de vagas para professor já que infelizmente existe uma política de diminuição de ofertas de vagas para este público que precisa tanto de uma educação pública de qualidade.

A legislação prevê desde a Constituição de 1988 o direito à educação para toda população, dessa forma o Estado tem como obrigação ofertar a educação a todos cidadãos brasileiros, inclusive aos que não tiveram acesso à escola na faixa etária adequada desde. Mesmo este parâmetro legal é notório o quanto as políticas destinadas a população de jovens e adultos sofre uma grande escassez.

Atualmente penso que estamos vivenciando um momento na educação de grandes retrocessos principalmente na EJA. Após estes quase dois anos de afastamento das aulas presenciais devido a pandemia causada pelo vírus *Sarcs – Cov – 2* inúmeras situações desafiadoras com nossos estudantes aconteceram. Penso que nesse tempo de afastamento da unidade escolar muitos dos nossos alunos e alunas foram atravessados de uma forma bastante significativa por circunstâncias de perdas de entes queridos pela covid, dificuldades financeiras, sociais, dentre outras.

Em meio a essa crise pandêmica que modificou radicalmente a vida das pessoas e as rotinas das instituições e espaços sociais, vivemos em tempos de conservadorismo extremo, de não ciência, de tabus e retrocessos que afetam diretamente a educação brasileira. (ANDRADE; ESTRELA, 2020, p. 15)

Sabemos que nossos educandos têm na escola um suporte importante na sua vida, por isso neste momento de retorno precisamos adotar uma rotina que tenha uma prática da escuta e um olhar mais afetivo. Um dos caminhos que nos trará respostas satisfatórias é de fato está com uma disponibilidade maior, para que esteja bem fortalecida a relação professor – aluno, com uma solidez ativa estaremos sendo suporte um para o outro para que nos momentos desafiadores da sala de aula coloquemos no centro das nossas ações o acolhimento afetivo com empatia e respeito a todos, assim estaremos valorizando a individualidade e humanidade de cada um.

Devido a todo esse contexto que estamos vivenciando nos dias atuais mais do que nunca precisamos educar para emancipar as pessoas, sendo fundamental que a educação de jovens e adultos persista pois existe uma grande demanda de pessoas que tem este direito e através da educação feita de modo consolidado e crítica estaremos formando pessoas para interferirem de modo crítico na nossa sociedade, tendo consciência das suas ações e direitos. Também conseguindo ter uma melhor qualidade de vida devido as oportunidades que vão se abrindo com sua qualificação escolar.

A pandemia veio mostrar a força da educação, veio revelar a emergência de se buscar uma educação para a saúde, para a ecologia, para a economia solidária, para a democracia, para a vida. Veio, sobretudo, evidenciar a necessidade de visibilizar a EJA, de modo que se possa escrever uma nova narrativa. (ANDRADE; ESTRELA, 2020, p. 208)

Infelizmente no Brasil temos 13,9 milhões de jovens e adultos com idade superior a 15 anos que declararam não saber ler ou escrever. Esse mesmo levantamento indicou que 54,4 milhões de pessoas com 25 anos ou mais tinham escolaridade inferior ao Ensino Fundamental e outras 16,2 milhões haviam concluído o Ensino Fundamental, porém não o Ensino Médio contabilizados pelo Censo Demográfico de 2010.

É notório no contexto brasileiro o quanto as políticas públicas não incluem de modo satisfatório e eficaz os inúmeros estudantes desta nação e que a dívida educacional é uma das inúmeras dívidas sociais que existe no Brasil. Segundo Ferraro, 2008

avaliar e discutir a dívida educacional brasileira nos dias atuais implica na consideração atenta daquilo que se passa com os credores dessa dívida: em primeiro lugar, os pobres.

Um das metas do plano nacional de educação (PNE) é o aumento em até 25% o nível de escolaridade da população com oferta de Educação de Jovens e Adultos, diminuir a taxa de analfabetismo e alfabetismo funcional e ampliar a oferta de matrículas da modalidade articulada à educação profissional. O plano estabelecia que até o fim de sua vigência, 25% das matrículas da EJA deveriam estar vinculadas à educação profissional. Em 2014, apenas 2,8% estavam vinculadas e, em 2020, esse índice diminuiu para 1,8%. Nenhuma das metas foi atingida em 2020, que foi um ano bem complicado para EJA devido a pandemia que agravou ainda mais as questões sociais vigentes no nosso país.

Vale ressaltar que as políticas educacionais regulam e orientam os sistemas de ensino, instituindo a educação escolar por isso é fundamental que todos nós sujeitos da sociedade tenhamos uma postura bem investigadora diante das formulações destas políticas pois elas têm uma implicação direta na nossa vida.

O Estado ao promover igualdade de direitos necessita que os mais necessitados alcancem estes benefícios compensatórios, para que tenha o desfrute dos bens comuns. Para Elkind, (2004, p.19) “reconhecer as necessidades especiais, não é discriminatório; ao contrário, é a única maneira de se conseguir uma verdadeira igualdade”. É nesse cenário que as Políticas Públicas para

Educação de Jovens e Adultos estabelecem um grau de equidade diante de tantas diferenças educacionais vigentes no cenário educacional brasileiro para essa camada social

Esse cenário atual faz com que nós educadores realmente necessite de um apoio da sociedade para travarmos uma batalha que dê garantia a EJA que tem um histórico de exclusão das políticas educacionais vigentes no nosso país, é extremamente importante termos uma mobilização social que faça uma massiva divulgação desta realidade precária da educação que é destinada para esse público acima mencionado.

Nosso contexto brasileiro é repleto de desigualdades e a grande maioria do público da EJA é majoritariamente compostas por pessoas negras e trabalhadoras, que sempre estiveram em posição social bastante precária devido toda história de exploração e escravização vigente no território brasileiro. A violência atinge aos corpos negros de uma maneira cruel, autorizada e exposta desde a época da escravização persistindo até os dias atuais. No contexto brasileiro os atos violentos têm destino nos corpos negros de modo muito acentuado sendo efetivado na grande maioria das vezes pelos órgãos do Estado. A condição de desumanidade e desumanização dos africanos escravizados no Brasil contribuiu diretamente na criação de um senso comum pela sociedade de que os corpos negros tudo toleram podendo ser massacrados, possuindo domínio público, estando sempre disponível aos interesses do seu dominador.

Após séculos de libertação de um sistema opressor e escravocrata que matou inúmeros negros ainda hoje “a carne meus barata do mercado é a pele negra”, a mulher negra e o homem

negro não tem um dia de paz devido a permissão e descaso da grande maioria da sociedade sobre episódios de violência as pessoas negras torna a sua existência uma grande luta, já que é visto como um corpo descartável que cotidianamente é violentado e não existe mobilização política e da sociedade com objetivo de acabar com essa realidade desumana.

Mesmo o Brasil sendo uma nação de grande maioria negra nós não temos uma representatividade dos nossos corpos desde criança, somos frutos de uma educação colonizadora que sempre coloca o negro numa posição menor, estereotipada e incapaz. Então para superarmos essa barreira é de extrema importância que de fato tenhamos acesso a história e cultura do povo negro pelo seu protagonismo, nas quais as heranças culturais sejam vistas de maneira importante para formação da sociedade brasileira. Apenas com o deslocamento do olhar sobre o povo negro que teremos a possibilidade da nossa existência ser celebrada e não tolerada. Por isso é extremamente importante esta história e cultura da população negra se fazer presente no contexto escolar dos jovens e adultos já que muitos desconhecem a história dos seus ancestrais e acabam desconhecendo os inúmeros heróis e heroínas que tiveram presente na nação brasileira.

Diante dos fatos expostos é de extrema urgência a doção de políticas públicas eficazes para cerca de 11 milhões de cidadãos analfabetas no Brasil, a modalidade de EJA busca a uma efetivação do direito ao acesso à educação e à aprendizagem desse público que desde a sua infância e adolescência teve seus direitos não respeitados o que acarretou a esta enorme quantidade de pessoas analfabetas. As turmas de EJA não são homogêneas

por isso é mais que importante a formulação de políticas públicas que estejam percebendo estas alteridades existentes neste espaço escolar, que torne a escola como algo atrativo que impulse os estudantes a perceber que através da sua manutenção na escola seus sonhos e objetivos serão realizados de modo mais seguro e duradouro.

Parafraseando o seu pensamento “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 1996, p. 53). Dessa forma acredito que toda sociedade precisa buscar estratégias que exijam os direitos à educação aos jovens e adultos para que estas pessoas possam de fato realizar a sua formação escolar de forma digna e respeitosa, pois assim poderão estar em sintonia com seus objetivos e desejos que nutrem para sua vida. Reconhecer e valorizar as trajetórias, saberes e fazeres de diversos de jovens e adultos contribui para a formação de competências socioemocionais, fortalecendo práticas pedagógicas democráticas. A EJA apresenta possibilidades que não se limitam às especificidades da sua modalidade, podendo inspirar estratégias de ensino em toda a educação como alternativas inspiradoras de acesso e permanência a educação.

Querido Paulo Freire nunca esqueça que todas suas ideias nos sustentam neste desafio que é ser educadora no Brasil.

Grande abraço mestre,

Andréia Xavier França.

Referências

ANDRADE, Maria Eurácia Barreto; ESTRELA, Sineide Cerqueira. **Pelos caminhos da docência em Paulo Freire: reflexões sobre as memórias de uma trajetória de esperança.** Revista Escrituras, Pernambuco, 2021.

ANDRADE, Maria Eurácia Barreto; ESTRELA, Sineide Cerqueira. **Educação de jovens e adultos em tempos de pandemia: análise de pesquisas realizadas no Brasil no ano de 2020.** Coletânea Profissão Docente na Educação Básica – volume 6, 2020.

ARROYO, M. **Passageiros da noite: do trabalho para o EJA – itinerário pelo direito a uma vida mais justa.** Petrópolis: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** 10. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.



Nona Carta

Carta Pedagógica: Viver e Sonhar

*“Me modo como educador porque primeiro me modo como
gente”*

Paulo Freire. Pedagogia da Autonomia.

Viviane Rodrigues Novais

Lajedão, 28 de julho de 2022.

De: Viviane Rodrigues Novais

Ao: Prof. Paulo Freire

Numa nova história sem classes sociais, portanto sem conflitos, a não ser os puramente pessoais, não temos outra coisa a fazer senão nos darmos as mãos. Calejadas, de muitíssimos; macias, de uns poucos, para refazer, em festa, finalmente, o mundo. (FREIRE, 1974, p. 640)

Querido Paulo Freire,

Venho por meio desta carta expressar alguns de meus sentimentos com relação a Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Mas antes, permita-me lhe contar um pouco de minha história. Moradora da zona rural do município de Lajedão no extremo sul da Bahia e filha de trabalhadores rurais, desde muito cedo estive em contato com o meio rural tanto por desfrutar do alimento que meus pais cultivavam, quanto por apreciar o clima, as paisagens, e todas as bonitezas que só o campo nos proporciona.

Camponês expropriado da terra, meu pai veio de outra região da Bahia trazido por um fazendeiro que explorava sua força de trabalho em uma de suas fazendas em Lajedão. Preta e adotada, minha mãe foi abandonada por sua genitora aos 9 anos, deixando para trás o total de quatro filhos. Por não ter condições financeiras de criá-los, meu avô materno Gerson, deixou cada um de seus filhos sob a confiança de famílias que moravam nas redondezas com a esperança de que poderiam ao menos matar a fome deles.

Minha mãe foi explorada, desvalorizada e invisível, vivia sob ordens e todo o seu trabalho era pago com um prato de comida. Mas como guerreira que é, resistiu todos os preconceitos advindos de sua cor, sua classe social e de sua cultura. E como uma flor que brota após uma tempestade, a esperança de ser livre e de sair daquela exploração, surgiu quando conheceu meu pai, ali na mesma localidade se casaram e tiveram dois filhos. Mesmo morando na propriedade de outra pessoa, meus pais não deixaram de produzir algo a mais para o nosso sustento. Por ser vaqueiro, além das hortaliças que cultivavam no quintal de nossa casa, o pouco de leite que o patrão disponibilizava para meu pai, minha mãe conseguia produzir requeijão para vender na cidade e somar na renda mensal.

Vivenciei essa luta até meus 8 anos de idade, pois no ano de 2005 meu pai foi demitido do lugar que trabalhou por volta de 40 anos, saindo lesado em todos os seus direitos trabalhistas. E com a mísera quantia recebida, viemos para a zona urbana do município de Lajedão recomeçar a vida. Mesmo morando na cidade, nossas raízes e identidade vem do campo e assim nos reconhecemos como povos do campo. Meus pais continuaram cultivando alimentos e ervas medicinais para uso próprio (hoje somente minha mãe cultiva, pois no dia 4 de Julho de 2022, dia do meu aniversário, meu pai, meu amado pai veio a falecer. E para ajudar na renda, ela vende ovos e galinhas caipiras. A trajetória de luta dos meus pais, gerou em mim o sentimento de querer mudar a nossa realidade e daqueles que estão à nossa volta. Por isso, no

ano de 2015 ingressei no curso de Pedagogia na Faculdade Pitágoras de Teixeira de Freitas por meio da política de cotas, como bolsista do ProUni – Programa Universidade para Todos criado em 2004, pela Lei nº 11.096/2005, no governo de Lula. Durante o curso, me refiz enquanto ser humano, conheci outras vivências, outros sonhos, e tive a oportunidade de vivenciar em um projeto de intervenção na Educação de Jovens e Adultos experiências únicas. Confesso, foi amor à primeira vista. Encantei-me com os estudantes, suas particularidades, realidades e histórias.

O senhor, através de seus textos, nos encoraja a lutar pela minoria, pelos oprimidos e por acreditar que a “educação muda pessoas, pessoas transformam o mundo”, após concluir os estudos, dei início a minha trajetória docente. Iniciei no Colégio Municipal Nossa Sr^a de Fátima na minha cidade natal, obviamente na Educação de Jovens e Adultos em um modelo semipresencial. Atuei por apenas dois anos nessa modalidade (2019-2020) e não renovaram o meu contrato no ano seguinte após eleições municipais (2021) por ter sido oposição política à gestão atual. Por isso, atualmente estou como coordenadora pedagógica na Educação Infantil na rede municipal de Teixeira de Freitas-BA, mas a minha paixão continua acesa pela EJA.

No meu último ano como docente da EJA, fomos surpreendidos pelo coronavírus (COVID-19) uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2 e desconhecida por todos nós. Em meados de março de 2020, as unidades escolares, bem como todos os departamentos privados e públicos, espaços sociais fo-

ram recomendados a fechar, na época utilizaram muito a campanha FIQUE EM CASA. E agora? Como continuar o trabalho pedagógico com a EJA na modalidade remota? Pois enquanto educadores, reconhecemos a falta de condições econômicas e sociais de muitos desses sujeitos. Nossos estudantes, assim como nós profissionais da educação, tiveram momentos desafiadores, era a angústia de não poder trabalhar, parentes que contraíram a doença e não resistiram, entre outros. Nos movemos como educadores, porque primeiro nos movemos como pessoas e por isso fizemos o melhor que podíamos para motivar essas pessoas a continuidade dos estudos. Enquanto lutávamos incansavelmente na base, no chão da “escola”, o governo federal que era para amparar a classe menos favorecida, apoiar a ciência, criar planos emergenciais de ação contra o vírus que matou mais de 677 mil pessoas, o (des) governo negou a ciência, foi contra a vacina, trocou 4 vezes de ministro da saúde, cortou verbas para a ciência e tecnologia, vetou recursos, sabotou estados e uma sequência de disparidades e retrocessos que afetaram diretamente a educação brasileira.

Freire, o senhor é um pensador do nosso tempo, quando disse “tanto no processo educativo, como no ato político, uma das questões fundamentais, seja a clareza em torno, de a favor de quem e de quê... fazemos à educação... e desenvolvemos a atividade política” e acrescentou “quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política”. É necessário sair do comodismo e lutar contra esse facismo que tem tentado aterro-

rizar a nossa população, mais especificamente, a classe oprimida. E é por esse motivo que devemos reconhecer as desigualdades sociais em que estamos inseridos e usar essa premissa básica para promover diálogo, luta e transformação.

[...] a grande tarefa do poder político é garantir as liberdades, os direitos e deveres, a justiça, e não respaldar o arbítrio de uns poucos contra a debilidade das maiorias. Assim como não podemos aceitar o que venho chamando de “fatalismo libertador”, que implica o futuro desproblematizado, o futuro inexorável, não podemos igualmente aceitar a dominação como fatalidade. Ninguém me pode afirmar categoricamente que um mundo assim, feito de utopias, jamais será construído. Este é, afinal, o sonho substantivamente democrático a que aspiramos, se coerentemente progressistas. Sonhar com este mundo, porém, não basta para que ele se concretize. Precisamos de lutar incessantemente para construí-lo. (FREIRE, 2000, p. 131)

A educação é um ato político com compreensão dos diversos projetos que estão em disputa na sociedade, assim como a escolha que fazemos em defesa de um e outro não. “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o determinado”. (FREIRE, 1996, p. 59). É nessa condição que residimos politicamente.

Então, depois de dois anos longe do espaço físico da escola, retornar para a sala de aula após uma crise pandêmica com

suas vidas e rotinas mudadas, não será uma tarefa fácil para nossos educandos. Por isso, exigirá de nós educadores, uma escuta e um olhar sensível frente as diversas realidades que iremos nos deparar no contexto escolar. É de suma importância nesse momento, o estreitamento de laço afetivo entre educador e educando, relacionamento sólido e empático, pois haverá momentos desafiadores posto a ambos, e a partir daí nossas ações deverão estar pautadas no acolhimento para que haja o respeito, a humanidade e a valorização da particularidade sujeito, como bem nos ensinou Freire.

Devido a todo esse contexto que estamos vivenciando na atualidade, é de grande importância que a Educação de Jovens e Adultos resista, e agora mais do que nunca devemos educar na perspectiva de emancipar estes sujeitos, com uma educação pensada na realidade desse público, consolidada, efetiva e crítica. De modo que possam interferir criticamente na nossa sociedade com autonomia, liberdade e consciência dos seus atos e direitos. Isso Freire explicou para nós que “o trabalho de construção de autonomia é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo” (FREIRE, 1996, p. 71).

Mas essa chamada para construção de uma educação de jovens e adultos efetiva é urgente, pois os dados do analfabetismo no Brasil são alarmantes, cerca 13,9 milhões de jovens e adultos com idade superior a 15 anos que declararam não saber ler ou escrever. Esse mesmo levantamento indicou que 54,4 milhões de pessoas com 25 anos ou mais tinham escolaridade inferior ao

Ensino Fundamental e outras 16,2 milhões haviam concluído o Ensino Fundamental, porém não o Ensino Médio contabilizados pelo Censo Demográfico de 2010.

Sabemos que por lei a educação é para todos, mas também sabemos que as políticas públicas no contexto educacional brasileiro não contemplam de modo satisfatório e eficaz os diversos sujeitos, conseqüentemente uma das várias dívidas sociais existentes no Brasil.

O Plano Nacional de Educação (PNE) estabelece o total de 20 metas para o sistema educacional e uma delas é o aumento em até 25% o nível de escolaridade da população com oferta de Educação de Jovens e Adultos, diminuir percentual de analfabetismo e alfabetismo funcional e expandir a oferta de matrículas da modalidade de educação profissional. O plano instituiu que até o fim de sua vigência, 25% das matrículas da EJA deveriam estar vinculadas à educação profissional. Em 2014, apenas 2,8% estavam ligadas e, em 2020, esse índice reduziu para 1,8%. Nenhuma das metas foi atingida em 2020, pois sabemos que durante a pandemia houve um agravamento ainda maior no que concerne as questões sociais causando inúmeras dificuldades vivenciadas pela EJA.

É importante dizer que as políticas educacionais orientam e adequam os sistemas de ensino estabelecendo a organização escolar, por isso é essencial que todos nós participantes desta sociedade e pertencentes ao direito a educação, sejamos responsáveis por investigar e ficar atentos para com a elaboração destas políticas, pois suas formulações implicam diretamente em nossa vida.

Considerando toda a conjuntura política, econômica, social e educacional lutaremos por dias melhores, por uma educação digna, libertadora, emancipadora que reconhece os caminhos, saberes e fazeres de cada sujeito que esta sociedade infeliz e desigual oprime e exclui.

Querido Paulo Freire, talvez não tenha descrito com clareza o meu sentimento, mas te agradeço por partilhar seus saberes, conhecimentos e experiências. Saiba que eles contribuem diariamente no desafio que é ser preta, mulher e professora neste país. Gratidão!

Forte abraço, mestre.

Viviane Rodrigues Novais.

Referências

- BRASIL. **Painel Coronavírus**. 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- . Constituição. **Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação**. Brasília: Ministério da Educação, 2014a. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Acesso em: 28 jul. 2022.
- . IBGE **CENSO 2010: taxa de analfabetismo cai, mas ainda chega a 28% nas menores cidades do ne**. Taxa de analfabetismo cai, mas ainda chega a 28% nas menores cidades do NE. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2019&t=indicadores-sociais-municipais-2010-incidencia-pobreza>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000. IN: **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2^a ed., 2010, p.274 – 640.



Décima Carta

A Cons(Descons)trução do Ser Professora

*“Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da
boniteza e da alegria”*

FREIRE, Pedagogia da autonomia.

Aline dos Santos Brito

Amargosa, 28 de julho de 2022.

De: Aline dos Santos Brito

Ao: Prof. Paulo Freire

Prezado professor Paulo Freire,

Venho por meio desta carta expressar toda minha admiração por suas obras e demonstrar o quanto suas ideias me fizeram refletir sobre a boniteza que é ser professora. Estar em sala de aula é um ato revolucionário. Na sala de aula sinto que estou fazendo algo útil e transformador. Sinto que aprendo algo novo todo dia, pois como você mesmo destaca, a formação do educador se dá na prática permanente e na reflexão sobre a própria prática.

Consegui superar a ideia de que os conhecimentos precisam estar separados por disciplinas, pois os conteúdos precisam estar interligados para que façam sentido e colaborem no avanço da criança. Para mim, cada vez mais se torna evidente que os conhecimentos ensinados aos estudantes precisam fazer parte da sua realidade. Pois, o seu livro a pedagogia do oprimido, discute sobre a educação como prática de liberdade, critica a escola tradicional, e não se restringe a analisar a educação e as pedagogias existentes, apresentando também uma teoria muito

organizada de como elas devem ser. Essa crítica era fundamentada no conceito de educação bancária “sendo constituído de informações e de fatos a serem simplesmente transferidos do professor para o aluno.” (SILVA, 2005, p.58).

Nesse cenário, quando os indivíduos são educados em meio a uma educação bancária, servindo como depósito de conhecimentos, eles apresentam muitas carências e ignorâncias. O currículo e a pedagogia se resumem ao papel de preencher essa carência. Desse modo, é necessário na educação uma prática da liberdade; problematizando os discentes como sujeitos críticos no mundo, para viabilizar uma educação crítica, reflexiva e emancipatória, ao contrário de uma educação bancária, domesticadora, que apenas ‘deposita’ os conteúdos nos estudantes.

Relatarei para você algumas reflexões ao cursar a disciplina da EJAI, segmento que você tanto admirava. Não tenho experiência com esse público, mas pude compreender a importância de uma formação sólida para atender as demandas dessas pessoas que tiveram seu direito negado em algum momento da sua história. A partir da sua concepção da superação do analfabetismo político para concomitantemente ler o seu mundo a partir da sua experiência, de sua cultura, de sua história, nos faz perceber a importância dessa educação. Em relação a cultura, é necessário reflexão, como foi exemplificado por você, que uma pessoa que vive no Nordeste não poderia ser alfabetizada com as frases prontas de cartilhas, pois os estudantes são indivíduos

ativos no processo educativo, uma vez que são seres com amplas chances de criar e recriar a sua própria cultura, necessitando a conscientização do analfabeto por meio, do conceito de cultura.

No Brasil, pensar em Educação de Jovens e Adultos e Idosos é pensar em você, que sempre lutou pelo fim da educação elitista, com o intuito de desenvolver uma educação libertadora e democrática. Sendo o mais importante educador brasileiro, reconhecido internacionalmente, conhecido principalmente pelo método de alfabetização de adultos que leva seu nome.

Foi com você que aprendi que o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno principalmente em relação às parcelas da população desfavorecidas. A educação freiriana, está voltada para a conscientização de vencer primeiro o analfabetismo político, para ao mesmo tempo ler o seu mundo, a partir da sua experiência, de sua cultura, de sua história. Percebendo-se como oprimido e libertar-se dessa condição.

Segundo seus ideais, o professor(a) deve se adaptar ao novo, e não se fechar para o novo, deve ensinar a pensar e não somente limitar-se aos conteúdos educacionais, pois para Freire (1996, p.28) “pensar é não estarmos demasiado certos de nossas certezas”. O pensar possibilita aos estudantes o desenvolvimento, a libertação, é assim que eles se reconhecem como seres históricos, podendo intervir sobre si, observando e intervindo no meio em que vivem.

Seu pensamento se respaldava na dialogicidade, como a principal ferramenta para gerar uma educação libertadora, onde o educador, desde o início do seu trabalho, considerando o planejamento, execução e a avaliação do mesmo, deveria interagir com os educandos, com o cuidado de não impor sua visão de mundo, mas que aumentasse as suas visões de mundo, por passarem a considerar e valorizar os conhecimentos prévios, lugares de falas, reflexões ocasionadas por todos os envolvidos.

Desta maneira, o professor (a) tem o poder de transformar um aluno, tanto positivamente quanto negativamente, tudo depende da maneira que este trabalha em sala de aula, dos métodos de ensino que usa. Geralmente, a escola desmotiva o professor que possui metodologias diferentes e críticas, dizem que estão perdendo tempo, que desta forma só vai dar bagunça. Existem muitos pais que pensam desta mesma forma.

A maioria dos professores tem medo de ousar ao praticar este método libertador, como é discutido por você, no seu livro “Medo e ousadia”. Muitos educadores temem em exercitar a liberdade em sala de aula, por saberem que farão com que seus alunos se conscientizem, reflitam sobre variados assuntos. A escola é o espaço inicial, para que estas mudanças aconteçam, depois os mesmos poderão fazer a diferença fora da sala de aula, sendo capaz de ser crítico e de defender seus pontos de vista.

Portanto, a relação professor-aluno é essencial para o processo de aprendizagem e libertação do educando. Tudo que o professor faz em sala de aula interfere no desenvolvimento da apropriação dos conhecimentos. Dessa forma, levando em consideração que a maioria dos alunos do EJAI, vem de um longo e cansativo dia de trabalho e anos sem frequentar a escola; o professor precisa ter a dialogicidade como a principal instrumento para gerar uma educação libertadora.

Como você mesmo nos ensina que “ninguém ensina nada a ninguém e ninguém aprende nada sozinho”. (FREIRE,1996, p. 39). Ninguém aprende isolado, sozinho, as pessoas aprendem na coletividade, uns com os outros. Além de tudo, inserido no mundo que nos cerca, devemos nos dispor a ser um professor disposto a buscar o novo e a aprender todos os dias, e não ser aquele professor que acha que sabe tudo. Se colocar junto com o educando é uma das premissas mais importantes nesse processo, procurando superar junto com ele o seu não saber e as suas dificuldades, estabelecendo uma relação de diálogo e trocas, para que ambas as partes aprendam.

Um dos aspectos relevantes na prática pedagógica, é a amorosidade que na sua concepção, expõe que para educar é preciso reconhecer o outro como sujeito e não objeto. É necessário reconhecer que não se conhece tudo, e que quando não se sabe há ali uma possibilidade de aprender. Como é dito por você, “educação é um ato de amor”.(FREIRE,1983, p. 96). Portanto é preciso praticar essa concepção em sala de aula, prin-

principalmente no EJAI, onde os mesmos trazem para a sala, seus anseios e temores.

Nesse sentido, o professor (a) desde o início do seu trabalho, o planejamento, execução e a avaliação do mesmo, deve interagir com os educandos, compreendendo seus medos e anseios em estar nesse espaço. O bom relacionamento, preocupação e carinho com os alunos contribuem no seu desenvolvimento intelectual, estimulando-os a permanecer frequentando as aulas.

Os conhecimentos sobre a politicidade, é a ideia inicial do seu pensamento, compreendendo uma educação que não é neutra, pois sofre interferências de várias esferas da sociedade. O princípio da politicidade concebe a educação como problematizadora, que respaldada pelo diálogo busca mudanças através do pensamento crítico. Assim, seus ensinamentos, me fizeram acreditar em transformações sociais, onde não se pode ensinar apenas a ler e escrever, é preciso haver transmissão de esperanças, fazer com que o aluno se transforme em sujeito pensante, crítico e consciente do seu lugar na sociedade.

Desse modo, a sua educação, é baseada na emancipação libertadora que constitui o pertencimento do educando ao seu lugar na sociedade em que se vive independente de sua condição social. Dessa forma, pensar a EJAI nos seus princípios é pensar em uma educação inclusiva, que acolhe as diferenças e através disso, pensa novas formas de fazer a educação. Para que, dessa forma, a escola seja um ambiente diverso e cheio de caminhos que podem proporcionar para os indivíduos diferen-

tes situações de aprendizagem e desenvolvimento. Pensando nas diferentes maneiras de ver, conviver e entender o outro.

Os seus pensamentos, em relação a EJAI, vem ajudar para que eu como educadora entenda o quanto o método de Paulo Freire pode contribuir no entendimento da importância do diálogo, do compartilhar com o outro e a capacidade que a educação libertadora tem em mudar vidas. Assim, compreendo que o senhor colaborou significativamente a construção de uma Educação que propõe o desenvolvimento de uma consciência reflexiva, crítica e libertadora, levando em conta, uma nova relação entre professor(a) e estudante(a), entendendo o analfabetismo como um problema social.

A cada dia venho me descobrindo nessa profissão e buscando formas de ser melhor naquilo que me propus a fazer, pois meus alunos precisam de mim e eu preciso prepará-los para viver e experimentar as mais diversas sensações que só o conhecimento pode nos proporcionar. Sigo tentando ensinar e aprender sempre questionando e libertando meus alunos de tantas prisões, lutando por um educação que considere a amorosidade, pois “ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”(FREIRE, 1996, p. 53) Espero estar fazendo um bom trabalho, colocando em prática suas valiosas contribuições para a educação.

Um abraço afetuoso, *Aline dos Santos Brito.*

Referências

CAVALCANTI, Elisama Bezerra. **A politicidade da educação no pensamento de Paulo Freire e nos saberes dos concluintes do curso de pedagogia**. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de; FORSTER, Mari Margarete dos Santos. Paulo Freire na formação de educadores: contribuições para o desenvolvimento de práticas crítico-reflexivas. **Educar em Revista**, p. 55-70, 2016.

NOBRE, Eliacy dos Santos Saboya. Paulo Freire e a politicidade da educação: a alfabetização de jovens e adultos em questão. 2013.

SAUL, Ana Maria; SAUL, Alexandre. Contribuições de Paulo Freire para a formação de educadores: fundamentos e práticas de um paradigma contra-hegemônico. **Educar em Revista**, p. 19-36, 2016.



Décima Primeira Carta

**Educação de Jovens, Adultos e Idosos: Refletindo Experiências à Luz De
Paulo Freire**

*“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser
condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir
mais além dele”.*

Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia

Thaís Aline da Silva dos Santos

Amargosa, 26 de Julho de 2022.

De: Thaís Aline da Silva dos Santos

Ao: Prof. Paulo Freire

Estimado professor Paulo Freire,

Escrevo-lhe esta carta sabendo que o Sr. é um célebre educador brasileiro e que é o precursor e valorizador primordial da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) no Brasil. Sei também de sua luta em relação às pessoas desfavorecidas e do seu genial pensamento de que a EJAI se constitui uma prática de caráter político no sentido de reparação em um cenário de exclusão dos sujeitos que compõem a EJAI.

Sou uma grande admiradora das suas obras e do seu legado, e reconheço que ainda tenho muito a aprender sobre o Universo Freiriano. Entretanto, o pouco que conheço dos seus escritos e dos seus ideais pedagógicos me permite considerá-lo como o autor que mais exerce influências sobre o meu pensar e fazer docente. Sinto um imenso prazer quando me percebo atravessada pelos princípios Freirianos.

O meu objetivo ao escrever-lhe esta carta é contar-lhe sobre a minha relação com a EJAI, que, embora ainda iniciante e em construção, é de profunda admiração e respeito. Primeiramente, julgo relevante relatar um pouco da minha história escolar, passando pela educação básica, e ir permeando os caminhos trilhados até o Ensino Superior.

Ao decorrer da carta, o Sr. perceberá que mesmo quando muito pequena, na faixa dos 5 a 6 anos de idade, tive uma experiência deveras marcante com a Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Prossegurei a carta externalizando, enquanto educadora e gente, toda a minha curiosidade, vontade e necessidade de aprender mais sobre a EJAI, bem como minhas expectativas por uma educação brasileira libertadora e mais democrática.

Acredito que aquele ou aquela que se propõe a estar na educação, sobretudo, na Educação de Jovens, Adultos e Idosos, deve ter como princípio basilar de sua práxis docente o acreditar no outro. Acreditar que o outro pode ser o ator, o sujeito, o autor da sua própria história de vida.

Sabe, professor Freire, o acreditar foi, desde muito cedo, uma característica marcante na minha personalidade. Entre meus 5 e 6 anos de idade, assim que fui alfabetizada, fui tomada pela certeza de que podia ler o mundo. Tornei-me leitora. Leitora do mundo. Mas também das placas nas ruas, dos outdoors, dos anúncios da TV, dos pequenos textos escritos no módulo da alfabetização, dos manuais de instrução dos aparelhos eletrônicos, do caderno de receitas culinárias que a minha a minha mãe escrevia

à mão e até mesmo das bulas dos remédios que ajudavam a controlar a hipertensão da minha avó.

Minha avó. É sobre ela que se faz a minha primeira, e digo, mais memorável e inspiradora experiência com a EJAI até hoje. Dona Raimunda Conceição da Silva, ou simplesmente, Dona Mundinha. Analfabeta e minha companheira de leitura. Sim, líamos juntas. Eu lia pra ela. Ela sorria e se orgulhava, dizendo a todos que encontrava: - Pequeninha assim já sabe ler. Levava-me para todo canto, e quando eu via na rua alguma fachada já dizia: - Vó, está escrito “isso e aquilo” naquela placa. Ela ficava impressionada em como eu conseguia ver sentido naquelas letras todas juntas.

Eu, por outro lado, me perguntava o porquê da minha avó não ter aprendido a ler e escrever. Ela sempre respondia que começou a trabalhar muito cedo e que logo constituiu sua grande família de mais de 10 filhos. Inconformada, eu pensei: já que eu aprendi a ler e escrever, minha avó também pode. Ligo tal pensamento a uma frase do Sr., professor Freire, a qual me encanta e me motiva a seguir em frente: “Gosto de ser gente, *porque, inacabado*, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.” (FREIRE, 1996, p. 31)

Propus à minha avó ir mais além. Perguntei se ela gostaria de que eu a ensinasse a escrever o seu nome. Ela disse que gostaria de tentar. Do meu jeito simples de criança, ensinei a ela a escrita de cada letra que compunha o seu nome. RAIMUNDA. A letra “R” era difícil. Mas, ela tentou. E aos poucos, com uma caligrafia meio distorcida, mas que carregava imensa pureza, humildade e boniteza, ela escreveu seu nome pela primeira vez. Raimunda.

Que orgulho para mim. Que orgulho eu senti dela, professor Freire. Consegui fazer com que minha Vó também encontrasse sentido naquelas letras todas juntas. Infelizmente, estimado professor, naquela época não dispúnhamos de todo esse aparato tecnológico que nos circunda no século atual, o que me impossibilitou de registrar a assinatura da minha avó. Mas, no registro da minha memória, aquelas letras estarão sempre muito nítidas.

E não paramos por aí. Dona Raimunda me promoveu à redatora. Viu que as letras faziam sentido. Sempre muito religiosa e musical, viu que suas rezas, as histórias que contava e as cantigas que tanto gostava eram feitas também de letras. Pediu que as escrevesse em um caderno. Escrevi. Lembro-me de um trecho de uma das cantigas que ela cantou para que eu redigisse:

“Iaiá, cadê o jarro?”

O jarro que eu plantei a flor.

Iaiá, cadê o jarro?

O jarro que eu plantei a flor.

Eu vou te contar um caso

Eu quebrei o jarro

E matei a flor.

Eu vou te contar um caso

Eu quebrei o jarro

E matei a flor.”

Dona Raimunda, professor Freire, chegou ao fim de sua vida sem saber ler e escrever. Mas, com o meu auxílio, assinou seu nome. Assinou também grande parte da minha história, me educou com sua sabedoria e fomentou em diversos sentidos os meus estudos. A ela devo muito do meu interesse por aprender mais sobre a Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

É sobre essa contínua vontade de desvendar a EJAI que eu seguirei falando aqui. Sou Bióloga e Professora de Biologia por formação. Sempre quis ser Cientista. Sempre quis ser professora. Não médica, não advogada, não policial. Cientista e Professora. Assim me tornei e sigo me tornando. A Ciência veio primeiro, o professorado veio depois. Somo as duas coisas. Ambas, de igual importância. Porém confesso, o carinho pela Ciência é especial, mas pela docência eu tenho paixão, tenho amorosidade, tenho vontade e tenho alegria.

Durante a minha formação inicial para o professorado o meu contato com a EJAI foi diminuto. Em um ou outro componente curricular discutíamos a Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Assisti a algumas palestras, ouvi discursos e falas de quem se formou e de quem trabalhou com a EJAI. Mas nunca tive um contato mais aprofundado com essa dimensão da educação.

Entretanto, eu sabia que a minha formação docente não se encerraria ao findar da minha graduação. Eu continuaria me formando, na teoria e nas práticas, nas vivências e experiências vindouras. Como o Sr. mesmo costuma dizer, “ninguém começa a

ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”. (FREIRE, 1991, p. 58)

Seguindo essa linha de raciocínio, lembro-me, professor Freire, que certa vez surgiu para mim a oportunidade de trabalhar com a EJAI. Seria uma das minhas primeiras experiências na docência. A insegurança e falta de preparo me fez temer. Mas, me mantive disposta a encarar o desafio que se apresentava. No fim das contas ele não aconteceu. Fui remanejada para lecionar em turmas da modalidade Regular do Ensino Médio.

A vontade de conhecer mais sobre a EJAI persistiu e persiste. Acompanha-me até o presente momento na pós-graduação, momento no qual estou tendo a possibilidade de aprofundar os meus estudos acerca da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. E o melhor. Em diálogo com o Sr., ilustríssimo professor Paulo Freire.

Dialogar com o Sr., professor Freire, é dialogar com a simplicidade, com a humildade e com a humanidade. Seus escritos conversam com o outro e sobre o outro. Dão voz e vez ao outro, fornecendo-lhe autonomia. Suas obras nos orientam a ouvir e entender o contexto no qual cada educando se insere. Possibilitam-nos perguntar: o que o meu educando almeja? Como ele se percebe na construção do seu próprio conhecimento?

E na EJAI não é diferente. O professor deve conduzir (no sentido de encontrar a melhor rota de orientação) o seu educando,

mas de forma que este educando caminhe com seus próprios pés, arrisque seus próprios passos e construa seu próprio caminho. O ato de ensinar não deve estar fundamentado na transferência de saberes, mas sim na mediação da produção do conhecimento tanto por parte do educador quanto do educando ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Do mesmo modo, a alfabetização não deve estar pautada na mera memorização de letras e sílabas, mas na construção de um processo de aprendizagem da escrita e da leitura vinculado ao vocabulário dos sujeitos que estão sendo alfabetizados, para que o ensino e a aprendizagem ocorram no universo que esse sujeito está inserido.

O estudante da EJAI não é um ser vazio, sem conhecimento ou, em suas palavras, professor Freire, uma tábula rasa. Ao contrário disto, o educando da EJAI, assim como qualquer outro educando, é um ser pensante e que precisa se perceber como tal, que carrega suas experiências e vivências, que se comunica e se transforma, que é livre para criar e realizar. Afinal, autonomia é experiência de liberdade.

E muito esses educandos da EJAI tem a nos ensinar. Quando nós educadores permitimos a esses educandos esse lugar de autonomia, aprendemos com suas experiências de vida, suas histórias de luta e superação, suas garras e vontades de fazer acontecer. Nesse momento percebemos que não existe docência sem discência. O professor pode renovar-se e adquirir novos saberes quando estabelece com seus alunos uma relação, não de transferência de conhecimento, mas de possibilidade de criação

de ideias e compartilhamento de experiências. Quando, enquanto educadores, pensamos dessa forma, estamos pensando certo. Estamos refletindo o nosso papel social e político, o nosso lugar de humanos, sujeitos, classe trabalhadora e gente.

É perceptível, estimado professor, que sua vida foi de dedicação e atenção especial aos oprimidos, aos injustiçados e aos esquecidos pela sociedade, na busca para que esses sujeitos trilhassem um caminho de autonomia, visando desenvolver cidadãos críticos e conscientes de suas obrigações e de sua liberdade. Sei que o Sr. deve estar indignado e bastante entristecido com a conjuntura educacional brasileira atual, e com a forma descabida que os governantes do Brasil têm tratado das questões e demandas da educação no nosso país. Infelizmente estamos vivenciando uma espécie de projeto de desmonte da educação, sua desvalorização, de forma que as pessoas têm estado desacreditadas de que educação pode promover mudanças sociais.

Sei também que o Sr. espera que, nesse contexto, nós educadores tomemos a educação e a docência como campo de luta, de intencionalidade em função dos menos favorecidos. Que não nos acomodemos com os retrocessos, com os discursos infundados, com as ameaças à democracia e a retirada de direitos básicos.

Saiba, estimado professor, que embora o cenário educacional brasileiro não seja o mais animador no momento, muitos educadores e muitas educadoras atuais são atravessados e atravessadas pelos princípios difundidos veementemente pelo Sr., a

saber: amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa ao fatalismo, identificação com a esperança, abertura à justiça.

Eu me coloco como uma dessas educadoras. E quando em contato com esses princípios, não há mais nada a dizer a não ser um sonoro: Sim! Sim para a assunção de um compromisso sociopolítico enquanto docente, enquanto gente, enquanto ser inacabado que pode ir além do inacabamento e que se encontra em constante busca. Sim para o acreditar no outro. Sim para a defesa de uma educação pública de qualidade no Brasil, que eduque para o exercício da cidadania. Sim para a igualdade, para o respeito e para a participação de todos e todas nós, brasileiros e brasileiras, na construção de uma democracia genuína.

Espero que minha carta provoque em outros educadores e educadoras o desejo de ir à luta e de seguir em frente na direção da transformação do nosso cenário educacional atual, bem como, de transformação da nossa sociedade. E que não permaneçamos simplesmente em escritas e discursos, mas que tomemos o seu exemplo, professor Freire, e possamos, enquanto docentes, mas, sobretudo, enquanto cidadãos e cidadãs, assumir posicionamentos e ações necessárias à mudança que tanto almejamos.

Minhas cordiais saudações,

Prof^ª *Tháís Aline da Silva dos Santos*.

Referências

FREIRE, P. **A educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.



Décima Segunda Carta

As relações Étnico-Raciais na Educação de Jovens Adultos e Idosos

“Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Moço-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero”.

Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido.

Lucas dos Santos Gois

Amargosa, 23 de julho 2022.

De: Lucas dos Santos Gois

Ao: Prof. Paulo Freire

Prezado professor Paulo Freire

Saudações professor! Nesse momento eu te escrevo do quarto da minha casa, no bairro Santa Rita, que fica situado na periferia da cidade de Amargosa, sendo esta, localizada no interior da Bahia. A cidade em que estou e moro, tem aproximadamente 40.000 habitantes, e por ser um território pertencente ao recôncavo baiano, tem em sua origem as contribuições da cultura africana e afro-brasileira. É possível observar esses aspectos bem demarcados na cultura, religiosidade, na produção de agricultura de subsistência, como exemplo, a cultivo da mandioca e em diversos outros aspectos. Como é de se imaginar, na produção da agricultura não apenas em Amargosa, mas, as cidades circunvizinhas tiveram com relação a utilização de mão de obra escrava principalmente na cultura do café.

Para mim, é importante destacar esses aspectos pois estão diretamente ligados com a minha formação. Porém, aqui não falo da formação apenas do ponto de vista acadêmico, mas da minha construção enquanto jovem negro, morador de periferia, estudante de escola pública e que hoje, na escola pública, atua como educador.

A questão racial, sempre presente em minha vida, foi ofuscada ao longo do meu crescimento. Levando em consideração o lugar de onde venho e de onde falo, parece contraditório. No entanto, pensar em minha identidade negra de forma crítica, me reconhecer como um jovem negro, ter consciência disso, foi algo que aconteceu tardiamente, na academia. No espaço acadêmico, por meio de amigos e colegas tive acesso de maneira formal e informal, a discussões que me colocaram em novas situações, que me deixaram desconfortável, curioso, e além disso despertou em mim o sentimento de indignação e acima de tudo vontade de fazer diferente. Partindo daí, como acadêmico, comecei a pesquisar sobre a questão racial, e principalmente como colocar em prática a educação antirracista a fim de auxiliar os discentes a compreenderem seu lugar no mundo. Porém, não o lugar que a estrutura racista estabeleceu, mas, o lugar em que ele enquanto ser crítico e capaz de tomar suas decisões de maneira consciente julga justo.

Você bem sabe, que o opressor nunca irá permitir que o oprimido tenha um dia de paz, que ele acesse os espaços e percorra a jornada da vida sem lutar e quebrar diariamente as algemas que historicamente lhes foram colocadas. Essa realidade destrói a vida de milhares de brasileiros todos os dias, principalmente os nordestinos, afrodescendentes, o povo indígena e de origem humilde. Por isso, tendo em vista o que foi dito e além disso, visando a realidade do perfil do estudante de escola pública, faz-se necessário a prática de uma educação libertadora, que não é protagonizada pela hegemonia com seus currículos engessados e que pouco nos representa.

Em um momento de descanso tive a felicidade de ser encontrado pelas palavras do poeta Sérgio Vaz (2016, p. 70) que escreveu o seguinte: “E a felicidade, ainda que tardia, deve ser conquistada. E que ninguém mais agradeça pelas migalhas do cotidiano.”. As palavras do poeta me atravessaram impiedosamente, pois percebi que infelizmente agradecer pelas migalhas do cotidiano se tornou via de regra entre o nosso povo, quando não deveria ser. O povo padece por falta de segurança, de acesso a saúde, de segurança alimentar e principalmente a uma educação de qualidade, ou seja, o povo padece por não ter acesso ao que é considerado básico.

A trajetória nunca é simples para os que “vem de baixo”, e o poeta Sérgio Vaz é muito assertivo em suas palavras quando fala que a felicidade deve ser conquistada. No entanto, como conquista-la? A consciência racial tem como auxiliar nessa conquista? Como sujeitos oriundos de realidades difíceis podem conquistar a tão sonhada felicidade, se por causa das privações a que são submetidos sentem-se gratos pelas migalhas do cotidiano?

Vejo a educação como a única maneira de proporcionar a conquista dessa felicidade para os meus irmãos e irmãs, negros e negras, moradores de periferias e zonas rurais. Que por causa da desigualdade social e racial existentes em nosso país foram obrigados a escolher entre estudar ou trabalhar para sobreviver, sendo privados da possibilidade de, parafraseando Andrade e Estrela (2022), “ler a palavra e reescrever a sua história”. Algumas das pessoas que tiveram que fazer essa dura escolha entre o es-

tudar e o sobreviver, tentam, tempos depois continuar os estudos sendo integrantes da modalidade de Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI).

O ato de educar com responsabilidade, respeito e visando a libertação do sujeito é primordial. Senão, como poderá o oprimido denunciar a opressão que lhes é imposta, e além disso, como poderá combatê-la? Como poderá o oprimido enxergar as micro agressões, o racismo disfarçado de piada nas relações do cotidiano? como munir esse sujeito de estratégias e ferramentas para se defender e agir mediante as situações de agressão do cotidiano? Vivemos em um país em que as pessoas ainda acreditam no mito da democracia racial, muito bem definido por Abdias Nascimento em sua obra o genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado, como a ideia de que “pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas” (p. 48).

A educação de jovens, adultos e idosos lida diretamente com o segmento negro da população, e nela o debate racial é para além de importante, necessário para a tão sonhada libertação do sujeito. Para que a gratidão pelas migalhas do cotidiano seja transformada em indignação promovendo a luta pela mudança, faz-se necessário a conscientização. Sendo que, é por meio da conscientização que o sujeito outrora na condição de oprimido irá protagonizar seu papel na luta constante de, sob uma nova perspectiva, reconstruir a si mesmo, ao mesmo tempo em que reconstrói o lugar onde vive.

O trato da temática racial, tão importante para a formação do sujeito, deve ser realizado de maneira consciente. Como falei anteriormente, a ideia equivocada de que vivemos em uma democracia racial ainda é muito presente na nossa sociedade, e o aluno que está em situação vulnerável, que não tem um letramento racial, infelizmente tende a acreditar nesse mito. Logo, a prática da educação antirracista vem no sentido de auxiliar na conscientização do sujeito, auxiliando a enxergar as situações cotidianas de forma crítica.

Assim sendo, educação antirracista na EJAI deve ser compreendida como fundamental no processo de formação discente, pois, traz consigo grande potencial em preparar o educando apresentando-lhe as possibilidades de atuar no combate ao racismo de forma prática, e os auxiliando a compreenderem a realidade ao seu redor. Essa compreensão da realidade fortalece as tomadas de decisão em vista a dura realidade vivida pelos brasileiros nessa tão delicada situação de ser estudante da EJAI. Pensar as relações raciais criticamente auxilia o oprimido a combater essa repressão diária, proporcionando a tão desejada conquista da felicidade.

Referências

ANDRADE, M. E. B.; ESTRELA, S. C. Do analfabetismo à alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas em Paulo Freire: ler a palavra para reescrever sua história. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 13, n. 37, p. 290-315, 2022.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 4. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

VAZ, S. **Flores de alvenaria**. São Paulo: Global, 2016.



Décima Terceira Carta

Um Diálogo Com Freire: Os Sabores e os Dissabores de Ser Professora da EJA

*“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.
Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode
fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”*

Paulo Freire, Educação como Prática de Liberdade.

Eliana Costa Moraes

15 de Julho de 2022, Ubatã / BA

De: Eliana Costa Moraes

Ao: Prof. Paulo Freire

Caro, Paulo Freire,

Escrevo-lhe esta carta em forma de agradecimento por suas contribuições paraa nossa Educação. Sem dúvidas, o seu legado sempre será uma referência para nós educadores. Gostaria de externar neste papel, a minha sincera admiração por sua trajetória de lutas por um ensino de qualidade e acessível a todos.

Primeiramente, vou me apresentar. Sou Eliana Costa Moraes, tenho formação em Pedagogia, e atualmente estou cursando uma pós – graduação em Educação e Interdisciplinaridade. Bom, tenho muito a falar sobre a Educação, afinal são mais de vinte e três anos trabalhando como professora nas escolas públicas do Município de Ubatã, situado no extremo Sul da Bahia.

Sabe Freire, desde pequena meu pai projetava em mim, o seu sonho de queeu um dia me tornasse professora. Para ele, essa profissão é muito respeitável e tem grande valor na socie-

dade. Mas, eu descobri a minha vocação como educadora na adolescência quando ministrava aulas numa banca que montei na casa dos meus pais.

No magistério consegui estágio remunerado, foi muito difícil, mas foi ensinando os alunos da EJA que provei de verdade do sabor e dos dissabores da docência, mas não desisti. Passado os anos, consegui uma vaga na prefeitura, por meio de um concurso público para lecionar no ensino fundamental. Assim sendo, nos versos desta carta quero lhe contar um pouco da minha jornada com os alunos da modalidade EJA, pois, essa foi sem via de dúvidas, uma das experiências mais gratificantes e também angustiantes que já vivi. Não foi a toa que foram dez anos lecionando para o público de Jovens e adultos.

Contudo, sinto em lhe dizer que embora os alunos da EJA tenham muitos direitos e sejam muito importantes para a economia e a política do nosso país, seus benefícios muitas vezes são garantidos apenas no papel, pois a realidade é controversa.

Confesso que primeiro vivenciei a modalidade da EJA na prática, para depois me debruçar sobre estudos e pesquisas como as realizadas por você, e constatei que suas inquietações são reais.

Na minha experiência com os jovens e adultos da turma da noite, aprendi muito mais do que ensinei, porque são pessoas que trazem consigo uma grande bagagem de conhecimentos adquiridos ao longo de suas vidas, possuem leitura de mundo que agregam muito valor dentro da sala de aula.

A realidade foi dura, presenciei situações muito tristes nas quais existe a necessidade de serem ditas, pois vivenciei o descaso e a negligência na pele em algumas escolas da minha cidade.

Me deparei com muitos obstáculos, tais como, a falta de sala disponível para esses alunos, a falta de livros e materiais didáticos e também a falta de lanche escolar. E o pior de tudo, a falta de alunos matriculados na classe da EJA.

Nessa perspectiva, os alunos da EJA tinham que ser conquistados, apesar da falta de assistência do Governo. Assim sendo, eu e outras professoras visitávamos os bairros, e saímos de casa em casa, conversando com os idosos e jovens na tentativa de convencê-los a irem para a escola.

No decorrer da minha carreira profissional, aprendi a lidar melhor com tais situações, o que me ajudou foi o amor pelo ensino. Busco sempre fazer o melhor pelos meus estudantes, a recompensa é vê-los conquistando seu espaço como cidadãos atuantes no meio do social.

Na sala de aula, apesar das dificuldades encontradas, tive momentos ímpares que marcaram pelas trocas, indagações, brincadeiras e diálogos. Por falar em diálogo, essa é uma das peças-chaves para ensinar o sujeito da EJA. É com diálogo que conquistamos este público para que eles frequentem as aulas e não renunciem a oportunidade de aprender.

Como sabemos, os estudantes da EJA são pessoas que não tiveram a chance de concluir a sua formação no Ensino regular, alguns acabaram envelhecendo sem ao menos aprender a escrever o próprio nome. Posso afirmar que é gente muito simples que por algum motivo teve que abdicar de seu direito de ter uma formação, do aprender a escrever e ler, inclusive, de ter uma carreira profissional.

Muitos fatores são cruciais nesse processo, às vezes o trabalho, a falta de condições, morar na zona rural, o casamento cedo, filhos pequenos, etc. Dessa maneira, muitas são as justificativas que encontramos ao longo dessa caminhada. Todavia, há alunos dispostos a tentar. E nós professores precisamos está ali incentivando, se reinventando para ajuda- los.

Lembro-me de ouvir com frequência na sala da noite, o jargão: “Papagaio velho não aprende mais a falar”, alguns alunos acreditavam não ter mais capacidade para acompanhar o aprendizado dos seus colegas.

Quando eu encontrava alunos assim, sentia na pele a preocupação de me debruçar cada vez mais em pesquisas para trazer para a sala atividades que tivesse sentido para eles, no intuito de levantar autoestima deles.

Inclusive, nós professores tivemos que lidar com problemas como, a evasão dos alunos no inverno, e os dias que eles frequentavam a igreja. Porque eles tinham que deixar a escola para ir à igreja. Além de outras dificuldades, bem como,

as reuniões da comunidade nos bairros, e também as doenças como viroses.

Gostaria de lhe contar uma experiência em especial, que acabo de recordar, certa vez convidei os alunos da EJA a sentarem em círculo e através de um diálogo bem descontraído, perguntei o que eles gostariam de aprender, muitos me responderam que tinham o sonho de saber escrever o próprio nome, e deixar de assinar com o dedo polegar.

Então comecei a trabalhar com as iniciais dos nomes deles, recortávamos as letras de revistas, fazíamos jogos com sílabas, montávamos cartazes, e pouco a pouco fui trazendo para a sala de aula, planejamentos mais dinâmicos e contextualizados.

O resultado disso foi que alguns alunos conseguiram aprenderam a assinar o nome e trocaram a sua identidade. Estes fizeram questão de mostrar para os colegas os documentos novos com aquela assinatura trêmula, mas que tinha grande significado para a vida deles. O mais importante é que os nossos alunos consigam vencer o lugar de ignorância e discriminação na sociedade.

Sei que a EJA passou por muitas transformações, mas ainda haverá muitas etapas a serem superadas, ainda mais nos tempos pandêmicos que estamos enfrentando. Existe ainda muita negligência com esse público que apenas deseja ter dignidade e realizar seus sonhos, como já falei muitos não tiveram oportunidade na infância ou na adolescência.

Eu compreendo que a Educação de Jovens e Adultos é para todos que amam a educação com seus desafios e história. É se doar e buscar sempre novos horizontes. É fundamental superar os desafios da educação, para agregar maissabor à pedagogia direcionada ao público de jovens e adultos.

Espero mostrar com essas palavras, um pouco da minha vivência com os alunos da EJA quando lecionei com eles. Resalto, que atualmente ensino crianças dos Fundamental I e II que são ótimos, mas a verdade é que sinto saudade e também um carinho especial pelos meus ex- alunos da EJA. Inclusive, muitos deles já viraram “estrelas”, deixaram boas recordações. Quando revisito memórias como esta, eu me emociono.

Freire, eu entendo quando você diz em suas escrituras que não se pode falar de Educação sem amor. Então acredito que esse amor que me moveu e move até hoje, mesmo com tantas barreiras. Às vezes me pergunto por que o nosso ensino ainda é tão desvalorizado? Essa pergunta um dia deixará de existir, pois tenho fé que nossos jovens, adultos e idosos terão a sua formação escolar como prioridade no Brasil não só nos documentos, mas também dentro das escolas.

Por fim, acrescento que é preciso que o pedagogo busque melhorias em seus métodos de aprendizagem, com isso haverá resultados significativos na busca de transformação para esses, jovens e adultos, em cidadãos preparados para os desafios da sociedade moderna e ao mesmo tempo problematizando e discutindo sobre a qualidade desses recursos decidindo de forma

autônoma e crítica a utilização destes na constituição de seu caráter.

No mais, gostaria de te parabenizar, Paulo Freire, pela beleza da sua escrita e por se dedicar em vida por uma Educação libertadora e democrática. Através da sua forma de ensinar - a pedagogia libertadora - os alunos da EJA conquistaram mais espaço na sociedade, como sempre lutar pelos nossos ideais, é a melhor maneira para mudar a história da educação em nosso país.

Saudações, *Elíana Moraes!*



Décima Quarta Carta

Carta à Paulo Freire: Experiência, Diálogos, e Apontamentos na Educação de Jovens, Adultos e Idosos

“A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos, há homens que, em comunhão, buscam saber mais”.

Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido.

Marineide José dos Santos

Amargosa, 28 de julho de 2022

De: *Marineide José dos Santos*

Ao: *Prof. Paulo Freire*

Prezado Professor Paulo Freire,

Gostaria de manifestar minha grande alegria em saber que o mundo progressivamente reconhece-te como um grande mestre da educação. Por outro lado, reconheço minha ignorância a respeito destas contribuições em que deixaste para o mundo. Ainda não me apropriei com profundidade deste enorme legado em que permitísseis que nos apropriássemos. Mas, meu caro, na maioria dos espaços que frequento o seu nome é regularmente citado, e isso me anima a debruçar mais sobre seus aportes. Contudo, o pouco que sei destas contribuições me faz refletir sobre o meu lugar no mundo e sobre os processos sociais dos quais tenho grande responsabilidade.

Sabes que historicamente existe uma grande preocupação com o contexto social e político e principalmente educativo em que situam as transformações humanas. És para o mundo um grande exemplo de luta, de movimento, de enfrentamento contra as mazelas presentes na educação social. Muita coisa tem avançado significativamente, mas em contrapartida outras apenas mudaram de roupagem e permanecem com os mesmo aspectos.

Ao analisarmos o cenário histórico da educação brasileira, percebemos que muita coisa mudou ao passar dos anos, grandes

conquistas foram alcançadas, que se deram a partir de lutas e enfrentamentos, mas as pesquisas e os números nos revelam que ainda precisamos caminhar muito além para minimizar e preencher as lacunas que ainda persistem na educação.

Ao reconhecer a educação como um dos direitos fundamentais da pessoa humana dentre o conjunto de direitos sociais, portanto um “direito público subjetivo”, Ferraro, (2008) argumenta que considerando o número de brasileiros sem ou com pouco nível de escolarização indicado pelo Censo 2000 existe uma “dívida educacional” muito extensa em que: “o Estado deixou de assegurar a determinadas pessoas ou grupos de pessoas o serviço público chamado Educação” (p. 275).

Isso mesmo meu caro, ainda que esses direitos estão constitucionalmente em forma de lei ele não chega a todos os brasileiros como deveria. Daí as nossas indagações: Quais caminhos tomar para se cumprir verdadeiramente e garantir a todos os cidadãos estes direitos constitucionais? Quais são os obstáculos que nos impedem de efetivá-los?

Recentemente, ao cursar a disciplina Educação de Jovens e Adultos do curso de Pós-graduação em Educação e Interdisciplinaridade na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia dialogamos muito sobre esta modalidade de educação e como ela tem sido vista historicamente. Neste diálogo enfatizamos também o seu valiosíssimo papel em se dedicar amorosamente pela defesa e visibilidade deste público que faz parte deste processo e que foram ignorados ao longo do tempo.

Ressaltamos ainda o total descaso das políticas públicas que historicamente inviabilizam estes sujeitos no que tange a educação como um direito social. E que por isso o Estado Brasileiro acumulam uma dívida educacional imensa com a população que teve seu direito a escolarização negado (FERRARO, 2008). Cálculos realizados a partir do elevado número, indicados pelas pesquisas, de brasileiros e brasileiras que nunca tiveram a oportunidade de serem alfabetizados (as) e/ou prosseguirem seus estudos.

Durante as aulas da referida disciplina foram muitos os relatos das diversas situações de descasos dos órgãos públicos com a Educação de Jovens Adultos que vão desde a questão da merenda escolar à falta de preparo das instituições para acolhimento e permanência dos estudantes nesta modalidade de ensino. Isto nos faz compreender o porquê da sua dedicação à educação popular.

Aproveitando a oportunidade mestre, gostaria de relatar minha experiência como professora de uma turma da EJA em uma comunidade rural da qual faço parte. Havia concluído o ensino médio e me encontrava desempregada. Foi quando me fizeram o convite de fazer parte do programa Todos Pela Alfabetização (TOPA) em uma escola da minha comunidade, com o objetivo de alfabetizar pessoas jovens, adultos e idosos. Imensamente feliz, aceitei o convite. Passamos por uma formação em um período de uma semana e logo iniciamos os trabalhos. O primeiro desafio foi encontrar e conscientizar as pessoas sobre a importância da alfabetização e convencê-la a realizar a matrícula no programa. Ainda assim consegui um número significativo de matrículas.

Porém quando de fato deu se início ao programa, algumas delas nem se quer aparecerem na escola. Ao longo do tempo muitas foram desistindo e ao final do programa, já que este só permanecia por oito meses, restaram apenas quatro ou cinco pessoas que diariamente compareciam a escola. Sinceramente, mestre, o objetivo do programa era muito bom, porém não garantiram aparatos suficiente para o seu sucesso. Ficaram muitas coisas vagas, além de que o tempo foi considerado insuficiente já que não ofereciam os recursos necessário para permitir a alfabetização integral destas pessoas.

Passado algum tempo, após o término do programa, fui convidada novamente a lecionar na modalidade da EJA, mas desta vez, exigiram que para manter a turma seria necessário um número mais elevado de matrículas. Comecei a minha jornada novamente a procura de alunos que desejariam estudar. Não foi muito fácil, mas consegui realizar a matrícula de uma quantidade significativa de alunos.

Assim como no Programa TOPA, na EJA não foi muito diferente. Iniciamos com uma razoável quantidade de alunos e ao decorrer do tempo alguns foram desistindo. Infelizmente fiquei pouco tempo com a turma, pois foi exatamente no momento em que ingressei na universidade e com isso tive que me mudar de cidade.

Confesso Freire, que me questionava sobre a razão de tantas desistências. Me preocupava muito com o fato de não ter

ensino superior e por isso talvez não desenvolvia uma boa prática que incentivasse a permanência destes alunos, mas logo depois fui compreendendo que são muitos os motivos que levaram e ainda levam esses estudantes a desistirem de sua escolarização. Primeiro porque todos eram trabalhadores e trabalhadoras rurais que acordam cedo e diariamente desenvolvem trabalhos laborais pesados e a noite geralmente é o momento de repousar para mais um dia de labuta. Segundo porque a escola situava-se distante de suas casas, alguns chegavam até percorrer de dois a três quilômetro até chegar a escola, já que não havia transporte escolar para levá-los. Em períodos de chuvas o deslocamento ficava ainda mais complicado. E terceiro, o fato de não ter uma formação adequada para trabalhar com esta modalidade de ensino, com uma prática monótona também se tornou a razão pela qual causa desmotivação nos alunos e acarreta em seu afastamento da escola. E realmente por não ter conhecimento sobre a EJA, reconheço que não desenvolvi um trabalho que despertasse o interesse dos alunos.

Como já é do seu conhecimento estes são alguns dos motivos que levam muitos estudantes da EJA a desistirem de estudar dentre tantos outros. Mas em sua maioria das vezes sempre esteve relacionados à falta de políticas que garantam a permanência destes estudantes na escola. Há também uma necessidade no processo de conscientização da população sobre o seus direitos humanos para que encontrem maneiras de cobrar do Estado sua garantia.

Me doeu bastante, mestre, que por uma razão significativa para minha formação profissional, o meu ingresso na universidade, tive que abandonar a turma. Mas o pior ainda é que o município não se preocupou em nenhum momento em disponibilizar outro (a) professor (a) para dá continuidade ao trabalho já iniciado e para que os alunos pudessem prosseguir na sua escolarização. Nada foi feito, e até os dias de hoje a comunidade permanece sem a Educação de Jovens e Adultos e os alunos foram obrigados a interromper com os seus estudos.

Como isso nos entristece! Infelizmente percebemos que os órgãos públicos não têm firmado compromisso com a EJA, colocam profissionais sem formação para atuar nesta modalidade de ensino. Lhe digo isto porque fui fruto deste descompromisso. Além de não oferecerem subsídios suficientes para que os sujeitos deem continuidade ao seu processo de escolarização, sem contar que os sujeitos não conscientizados desse direito fazem suas matrículas apenas pensando em ajudar o (a) professor (a) a conseguir o emprego.

Todas essas colocações, meu caro Freire, permitem reconhecer e afirmar que precisamos urgentemente nos apropriar com profundidade do seu grande e potencial legado, e assim, nos comprometer a inseri-lo em nossas práticas, adequando-o conforme as nossas realidades, pensando neste processo de conscientização humana, de diálogo, escuta, trocas, desejos comuns, etc. Apesar deste reconhecimento, elevo uma grande questão: o que nos impedem de fazermos tudo isto?

Queria te dizer mestre, que nunca estive sozinho nesta luta, os teus anseios continuam sendo os mesmos de milhares de

peças em todo mundo. Espalhados em todo canto, e principalmente no Brasil, existem muitas Freirianos (as) que se inspiram em tuas ideias para tornar o mundo mais humanizado. É o que nos revelam Andrade e Estrela (2022) ao nos apresentar o belíssimo trabalho da professora Solange Santana que se dedica carinhosamente à alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas. Um trabalho revestido de alegria, tolerância, respeito, amorosidade, persistência, etc. e muito do que citastes em sus trabalhos.

Muitos educadores e educadoras se dedicam cotidianamente para que pessoas tenham seus direitos garantidos e sejam visíveis perante a sociedade que tanto as ignoram. Pois, nos dias atuais ainda persistem uma dura e triste realidade em que muitos jovens e adultos continuam sem escolarização e portanto invisíveis na sociedade. E isso nos mostra o quanto precisamos avançar. Por isso, acredito imensamente que daremos passos largos quando compreendermos profundamente e vivenciarmos continuamente os princípios dos quais conceituastes como humanizadores.

Para finalizar, gostaria de te dizer que compartilhamos das mesmas esperanças, de que um dia o oprimido se perceba neste lugar e lute corajosamente pela sua liberdade, mas nunca ocupando o lugar do opressor.

Um abraço carinhoso,

Professora *Marineide José dos Santos*

Referências:

ANDRADE, M. E. B. de; ESTRELA, S. C. Do analfabetismo à alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas¹ em paulo freire: “ler a palavra” para reescrever sua história. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, V. 13, N. 37, p. 290 a 315, 2022.

FERRARO, A. R. Direito à Educação no Brasil e dívida educacional: e se o povo cobrasse? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.2, p. 273-289, maio/ago. 2008.



Décima Quinta Carta

Juvenização da Educação de Jovens e Adultos

*“Educação não transforma o mundo. Educação muda as
pessoas. Pessoas transformam o mundo”*

Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido.

Nadilza da Silva Cruz

Jiquiriçá, 28 de Julho de 2022

De: Nadilza da Silva Cruz

Ao: Prof. Paulo Freire

Prezado professor Paulo Freire

Aqui é a professora Nadilza da Silva Cruz, estou escrevendo esta carta para lhe informar como está se dando a Educação de Jovens, Adultos e Idosos nos dias atuais por aqui na minha cidade de Jiquiriçá, interior da Bahia. Aqui nas turmas de EJA(digo aqui, pois é o local que eu tenho mais contato) vê-se quase em sua totalidade de estudantes jovens, em contrapartida, adultos e idosos são pouquíssimos.

É certo que é uma modalidade de ensino para quem não teve acesso à educação escolar na idade própria, assim, jovens a partir de 15 anos já começam a acessar a EJA no ensino fundamental - anos finais e a partir dos 18, a EJA no ensino médio. Muitos desses jovens esperam apenas completar a idade para saírem do diurno para as turmas de EJA no noturno, às vezes, simplesmente pelo fato de atraso escolar e não se sentirem mas bem juntamente com colegas bem mais novos.

Outros em busca de liberdade preferem ir à escola a noite. Entretanto, muitos jovens iniciam sua vida de trabalho cedo o que fez-se necessário mudar a rotina escolar, sendo muito melhor que desistir da escola, pois são jovens que sonham com um futuro prospero e por mais cansativa que seja a rotina, enfrentam.

Porém, caro Freire, na minha visão entra aí um grande “problema”, pois será mesmo que um(a) senhor(a) de 65 anos, por exemplo, se sentirão totalmente confortável em uma sala de aula com colegas de 15 anos? E os de jovens de 15, como se sentirá em uma turma em que sua maioria é composta por pessias idosas?

E quando faço esses questionamentos não tenho a intenção de ser nem um pouco preconceituosa, o que gostaria de enfatizar é que, se não houver uma atenção maior, até mesmo os professores acabam desmotivando esses idosos em turmas juvenis. Mas sobre isso já, já eu descrevo o que penso.

Sabemos que jovens e adultos/idosos são pessoas que estão em fases diferentes de suas vidas, com motivações diferentes, sonhos, muitas vezes, totalmente divergentes, e lidar com toda essas questões em uma única sala de aula é desafiador. Bem mais desafiador do que está em uma sala regular em que a diferença de idade entre os estudantes não ultrapassam 5, 6 anos, e os estudantes encontram-se muito mais aliados temporariamente.

Acredito que as pessoas mais idosas também se sintam pouco pertencentes à um ambiente em que seus colegas têm visão de mundo tão distintas. Então escrevo porque me sinto um tanto incomodada. É claro que os jovens tem o direito de participarem desta modalidade, afinal é educação de jovens também, mas penso que se adultos e idosos estivessem em uma turma mais similares, se sentiriam mais confortáveis.

Bom, e até sobre a metodologia dos professores, que citei anteriormente, deve-se também ser repensada, pois não é interessante um plano de aula trabalhado em turma de jovens do regular e levar para trabalhar igualmente numa turma não apenas com jovens, mas com adultos e idosos, pois são contextos diferentes. E assim como você afirma em suas obras, a educação que deve partir da realidade concreta dos alunos. Mas a realidade dos trabalhadores estudantes adultos e idosos é a mesma dos jovens, jovens esses que às vezes nem são trabalhadores?! Acredito que seja algo que requer bastante reflexão.

Em seu dicionário, eu li uma categoria que fala sobre a educação de adultos, nela você reflete muito bem que a alfabetização de adultos deve estar focado numa perspectiva emancipatória, uma vez que compreende uma alfabetização que vai além de uma aprendizagem mecânica com técnica de codificação e decodificação, mas como leitura de mundo. Pois educação de adultos implica em desenvolvimento crítico que envolve um trabalho político de conscientização.

Eu compreendo muito bem esta verdade, pois a aprendizagem de qualquer coisa a qual nos dispomos a desvendar, assim como a leitura e a escrita assume verdadeiro significado a medida que o educando vai percebendo o sentido concreto do novo na realidade. A educação como um ato político, um ato de conhecimento e não como uma transferência de conhecimento do docente para o discente.

Uma educação libertadora ligada à realidade. Mas a realidade de um jovem não é a realidade de um idoso, o que, muitas vezes, pode ser alvo de desmotivação.

Ensinar uma criança de 6 anos a ler e escrever é diferente de alfabetizar um idoso. A criança vem com pouca bagagem, mas o adulto carrega um mundo de experiências que devem ser usadas na sua alfabetização, mas alfabetizar jovens também é diferente.

Por razões como esta, muitos adultos e idosos evadem dessa modalidade de ensino, desistindo muitas vezes não apenas de ser alfabetizados, aprenderem sobre a matemática, as letras, etc, mas também de um sonho. Isso para mim é bem triste, desafiador, tenho em meu coração um desejo de que todos os que quisessem aprender, tivessem as condições adequadas para alcançar seus sonhos.

Meu pai é analfabeto, ele sempre diz com lágrimas nos olhos, que se arrepende tanto de não ter se esforçado mais, de não ter enfrentado os desafios da época para aprender, pois na

sua época de criança/ adolescente, o trabalho não permitia que ele e seus irmãos fossem a escola, por isso, desistiram, alguns ainda aprenderam a ler, escrever um pouco, mas o meu pai não aprendeu nem isso.

Às vezes, fico bastante angustiada com a situação dele, mas ele não tem condições de ir à escola hoje para estudar. Ele é lavrador, trabalha na roça, com animais e às vezes chega em casa à noite, e por mais que desejasse ir à escola, não teria condições, pois já chega em casa extremamente cansado e tarde.

Além disso, se tem algo que sempre escuto por parte dele é: “Cavalo velho não aprende passadas”. Digo isso com lágrima nos olhos, pois sei que isso não é verdade, aprende sim, mas as oportunidades não são mais as mesmas, a dificuldade é muito maior. Freire, como professora eu fico me sentindo frustrada por ensinar meus alunos, mas não conseguir alfabetizar o meu pai que há anos vivi no mesmo teto. Hoje que essa realidade é tão clara pra mim, já não moro com eles, mais consigo saber e perceber o tamanho da angustia que ele sente por não ter conseguido estudar.

Meu consolo é que está iniciando um programa de alfabetização de adultos o qual não lembro o nome, mas que ele vai participar. Isso me trouxe uma alegria muito grande.

Mas voltando para a questão da juvenização na EJA, como professora que leciona no ensino fundamental II e no ensino médio, sempre que possível os textos, musicas, filmes,

enfim, os materiais usados em sala precisam estar alinhados com o contexto socioeconômico dos estudantes. Aí pensemos... a música que eu levar para trabalhar, sendo ela atual contemplará os jovens e idosos da mesma forma? Remete aos momentos vividos pelas duas faixas etárias?

Essa é uma preocupação, pois não é lícito que diante de uma sala de aula mista, o conteúdo seja trabalhado de forma que se volte mais para um grupo que para o outro. E, dificilmente, todas as duas faixas serão contempladas de forma igual.

Entretanto, reconheço que a educação é Direito público subjetivo, é um direito de absolutamente todos e em quaisquer circunstâncias. Então seja nesse processo de juvenização da Eja, seja em salas de aulas regulares, educação é imprescindível e deve ser presente nas nossas vidas.

Eu fiquei bem reflexiva também quanto à Educação de Jovens e Adultos durante o período da pandemia da Covid-19. Questões como: como se deu esse ensino? A EJA conseguiu seguir o modelo remoto assim como as demais turmas regulares? Qual o nível de preocupação em fazer a educação dar certo numa modalidade de ensino em que esses estudantes são muitas vezes pais e mães de família trabalhadores(as)?

Então, Professor, lendo um artigo escrito por Andrade e Estrela no ano de 2020, onde as autoras refletem sobre a edu-

cação de jovens e adultos em tempos de pandemia, foi possível adquirir importantes reflexões sobre a modalidade no contexto em que vivemos e que influenciou significativamente todas as esferas da sociedade e com a educação não foi diferente.

No artigo as autoras sugeriram, após análises de muitos estudos sobre a questão, que há uma necessidade de construção de uma nova proposta para a EJA, pois, em muitos casos a situação desses trabalhadores estudantes são muito desfavoráveis. Aos da zona rural, por exemplo, trabalham, muitas vezes, no sítio, não têm acesso a internet, e quando tem, ainda possui muita dificuldade em utilizar os equipamentos tecnológicos e/ou acessar uma aula...Isso se pensarmos, principalmente, em estudantes adultos.

Daí já entra a questão de que os jovens, geralmente, conseguem manusear esses equipamentos com muito mais facilidade que os adultos e idosos. Em muitas áreas há uma disparidade, uma distância entre jovens e adultos e idosos.

Bem, apesar de toda essa minha inquietação, não sei se é possível que as turmas de EJA tenham uma certa divisão por faixas etárias próximas, mas essa seria uma divisão proveitosa. Assim, tanto o professor teria mais clareza sobre o que e com o quê trabalhar, quanto os alunos se sentiriam muito mais confortáveis com os seus colegas.

E, nesse ponto, não me refiro à união entre pessoas ape-

nas, mas sobre conhecimento, avanço nos estudos tanto dos jovens quanto dos adultos e um maior êxito por parte dos profissionais da educação.

Eu escrevo porque há muitas coisas que gostaria de dialogar com você, buscar respostas, melhoria, avanço, mas como não é passível contato próximo, essa carta já carrega metade os meus questionamentos. Ficarei feliz em obter uma resposta por parte de alguém tão reconhecido mundialmente como você, Paulo Freire.

Finalizo com uma frase sua muitíssima conhecida: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.” (FREIRE, 1987, p.78). Lutar pela educação, crer que ela é o caminho, e fazer a educação acontecer de forma completa e satisfatória, não só no ensino regular como também na EJA .

Forte abraço,

Professora Nadilza da Silva Cruz

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



Décima Sexta Carta

Um Diálogo Sobre Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos

“[...] como seres condicionados, inconclusos e aprendizes para sempre, com possibilidades e limites, capacitados para superar os obstáculos e engajar-se na construção de inéditos viáveis, homens e mulheres trazem em si a vocação ontológica de ser mais; como indivíduos, na coletividade, cada um vai descobrindo que sua passagem pelo mundo não é predeterminada, “ não é dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir””

Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia

Juliana Lacerda de Brito da Silva

Feira de Santana, 28 de julho de 2022.

De: Juliana Lacerda de Brito da Silva

Ao: Prof. Paulo Freire

Prezado professor Paulo Freire,

Escrevo-lhe esta carta, para expressar minhas inquietações e percepções enquanto Assistente Social e Pedagoga não tenho tanta experiência com uma escola de Educação de Jovens Adultos e Idosos, porém partindo do princípio de que fazemos parte de um processo de vivências para formação de um trabalhador.

Sobre as práticas e reflexões diante de novas formas de aprender tem sido um desafio. Por meio de grupos de estudos, sempre se percebe e procura-se articular as diferentes opiniões e vozes dentro das escolas, a saber: professores, estudantes, pais, direção e comunidade em geral. Acredito que, por meio da construção de diálogos, possamos alcançar o desenvolvimento pessoal e social do corpo discente. Nesse sentido, durante a minha trajetória profissional, já trabalhei com grupos de convivência, com população em situação de rua e muitas famílias e pessoas com deficiência e que necessitavam de atendimentos educacionais especializados para o seu desenvolvimento.

A educação de jovens e adultos e idosos possui o intuito de defender formas de educação voltadas ao respeito e à valorização da diferença, modificando as vivências escolares. Assim,

aperfeiçoaria as redes de sociabilidade e apoio formadas nesses contextos, em torno das singularidades dos sujeitos.

Tenho aprendido muito lendo seus livros, principalmente, “Pedagogia do Oprimido”, é visível o quanto o senhor defendia a educação para as camadas populares, mas, não uma educação como o senhor mesmo chamava de “educação bancária” e sim, uma educação crítica e conscientizadora, em que esses estudantes pudessem enfrentar as grandes limitações econômicas e sociais. Sinto lhe dizer que, essa educação ainda caminha a passos lentos e que, a nossa classe trabalhadora continua padecendo, sendo silenciada em seus direitos, até mesmo naqueles que já haviam conquistado.

Tem sido dias de luta, tanto para os alunos que vêm de diversas comunidades com realidades distintas, como para nós professores que, em sua maioria, são formados por bacharéis que estão aprendendo na prática a duras penas o que é ser professor.

Todos os dias nos deparamos com situações diversas a despeito desses alunos, que carecem não só de conteúdo, mas de diálogo e acolhimento. Também nos vemos pressionados para atender às demandas legais, que, em sua maioria, não atendem estas pessoas como deveriam.

Sabemos que nunca foi fácil para o jovem adultos e idosos concluir seu ciclo escolar, mas, no momento atual, devido a crise sanitária e econômica, há ainda mais entraves para que nossos alunos tenham condições de dedicarem-se aos estudos. Mas, nós

enquanto professores estamos nessa luta diária, aprendendo com seus ensinamentos a nunca perder a esperança do seu verbo esperar.

A luta por uma educação com qualidade para todos ainda constitui uma utopia, nosso povo continua lutando e enfrentando os reveses que a vida tão desigual lhes apresenta. Mas, saiba caríssimo mestre, que apesar de tudo, a luta continua, seus ensinamentos fincaram raízes, perpetuando ainda hoje.

A escola, historicamente, se caracterizou pela visão da educação que delimita a escolarização como privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social. A partir do processo de democratização da escola, evidencia-se o paradoxo inclusão/exclusão quando os sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola. Assim, sob formas distintas, a exclusão tem apresentado características comuns nos processos de segregação e integração, que pressupõem a seleção, naturalizando o fracasso escolar.

A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador.

A importância do desenvolvimento de uma sociedade inclusiva, com serviços e espaços acessíveis a todas as pessoas.

Essa acessibilidade precisa estar presente no acesso à Educação, que é um direito de todos – com e sem deficiência. A pedagogia, as atitudes, os espaços e os materiais devem ser capazes de atender a todos.

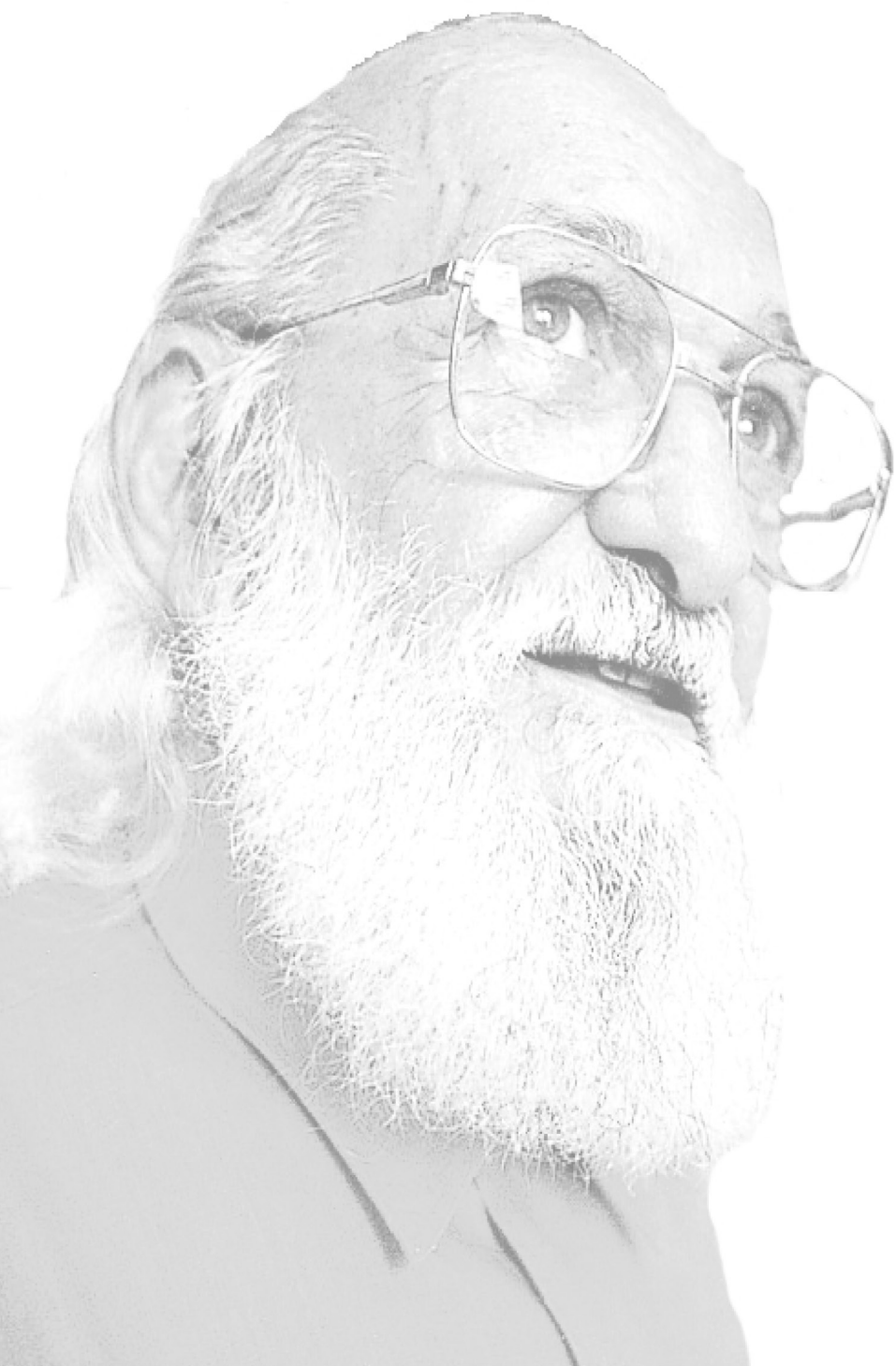
Assim, por meio da escrita desta Carta, com o objetivo de publicitar as reflexões dessa escrita, as quais consistem numa forma de convidar as estudiosas e os estudiosos do pensamento do diálogo para o ensino de um diálogo sobre alfabetização de jovens, adultos e idosos para que se evite a evasão escolar no EJA.

Ao empregar a expressão dessa Indignação sobre o ensino aos jovens e Adultos e idosos, vale enfatizar e atribuir outras questões importantes. A sala de aula para esses sujeitos se associa à intencionalidade pedagógica de superar práticas tradicionais, baseadas na transmissão da informação a partir da disponibilização do material, parte de uma aula presencial é destinada a compartilhar as impressões, reflexões e questionamentos mobilizados nas leituras prévias realizadas. Todavia, em muitas situações os questionamentos dos estudantes se reduzem a tirar dúvidas sobre o “como fazer”, marcadas pela ansiedade em corresponder a imaginárias expectativas da professora e, deste modo, restringindo as possibilidades de uma escrita autoral. Esta é uma questão que merece maior aprofundamento de estudos, tendo em vista o aperfeiçoamento da mediação docente a ser exercida, na perspectiva de compreender como a sala de aula de sujeitos que não frequentaram a sala de aula em idade correta pode apoiar o processo de elaboração do diálogo sobre alfabetização de jovens, adultos

e idosos do desenvolvimento da escrita autoral dos estudantes. Neste sentido, é importante considerar o incentivo à produção escrita requer uma mediação pedagógica. Para tanto, propõe-se uma elaboração preliminar, cuja leitura, pelo educador permite contribuir para o aprofundamento da reflexão e a melhoria da expressão escrita, tendo em vista a elaboração da versão final. Assim, os registros feitos pelo educador a na primeira leitura têm a intenção de orientar a reescrita dos estudantes de jovens, adultos e idosos. Entende-se que o acompanhamento contribui para o crescimento da expressão escrita dos estudantes e também como um diálogo sobre alfabetização de jovens, adultos e idosos pode contribuir para desenvolver o prazer de escrever.

Enfim, esta é a reflexão que gostaria de compartilhar, reiterando a necessidade de resgatarmos o prazer de escrever como parte de nossa função educativa. Finalizo, na expectativa de que é o diálogo sobre alfabetização de jovens, adultos e idosos.

Grande abraço, *Juliana Lacerda de Brito da Silva.*



Sobre Os Autores

Aline dos Santos Brito

Graduada em Pedagogia, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, pós Graduada em Alfabetização e Letramento, pela Universidade Cândido Mendes e aluna da pós-graduação Lato Sensu em Educação e Interdisciplinaridade, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Anderson Farias Teixeira Silva

Graduado em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2018), Professor Efetivo de Sociologia na Rede Estadual da Bahia e escritor.

Andreia Xavier França

Mulher preta, mãe, educadora da Rede Municipal de Salvador. Graduada em Pedagogia - UNEB, Pós graduada em Neuropsicopedagogia - Faculdade Futura e Pós graduanda em Educação e Interdisciplinaridade pela UFRB.

Eliana Costa Moraes

Possui Magistério e Licenciatura em Pedagogia pela FAEL. Tem especialização em Linguagens e suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pela UFPI. É pós- graduanda do Curso de

Educação e Interdisciplinaridade pela UFRB. É casada e mãe de duas filhas. Atualmente, leciona numa escola pública de sua cidade natal, Ubatã/ BA. Tem mais de vinte anos de experiência na área da Educação, com ênfase nos anos iniciais. Um ser em constante transformação!

Heloísa de Jesus Muniz

Pedagoga pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. É pós- graduanda do Curso de Educação e Interdisciplinaridade pela UFRB.

Juliana Lacerda de Brito da Silva

Bacharel em Serviço Social pela Universidade de Uberaba (UNIUBE), Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci, Licenciada em Sociologia pela Universidade Pitágoras Unopar com pós-graduação em nível de especialização em Políticas Públicas em Gênero e Raça (Universidade Federal da Bahia), Saúde Pública Faculdade Nobre (FAN). Há 04 anos, sou assistente social na educação do Colégio Padre Ovídio que atua da educação infantil ao ensino médio e educação inclusiva.

Kelen Bispo Pinto

Bacharel em Administração, Especialista em Gestão e Negócios. Atua como professora da educação profissional no CETEP Vale do Jiquiriçá.

Lucas dos Santos Gois

Discente no Programa de Pós-Graduação em Educação e Interdisciplinaridade no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Graduado em Licenciatura Plena em Química pela UFRB/CFP. Tendo atuado nos grupos de Pesquisa Ensino Extensão em Educação Química (PEQUI) e Docência, Currículo e Formação (DOCFORM) e atualmente atuando como Professor no Colégio Estadual de Milagres (CEM).

Maria Eurácia Barreto de Andrade

Profª Drª da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com atuação no Centro de Formação de Professores (CFP). Pesquisadora e líder do Núcleo Carolina Maria de Jesus: Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Popular, Agroecologia e Alfabetização da Classe Trabalhadora, vinculada ao Programa de Extensão Tecelendo (UFRB/CFP).

Marineide José dos Santos

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (turma multisseriada do Campo). Pós-graduanda em Educação e Interdisciplinaridade pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Nadilza da Silva Cruz

Graduada em Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Pós-graduada em Ensino de Língua Portuguesa (Instituto Pró Saber), Especializanda do Curso Educação e Interdisciplinaridade(UFRB). Professora do quadro efetivo da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Alagoas.

Renê Souza Andrade

Licenciado em Letras- Português/Libras (UFRB); Especialista em Língua portuguesa (FAVENI); Mestrando em Estudos Literários (UEFS). Professor da rede pública.

Sávio Oliveira da Silva Santos

Licenciado em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia, especialização em Educação e Interdisciplinaridade pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, mestrando em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Pesquisa Raça, racismo, língua e ideologia, gíria, dialeto e pretuguês.

Sineide Cerqueira Estrela

Doutora em Ciências da Educação. Pesquisadora da Educação, com ênfase em Alfabetização e Letramento, Educação de jovens, adultos e idosos e Formação de Professores.

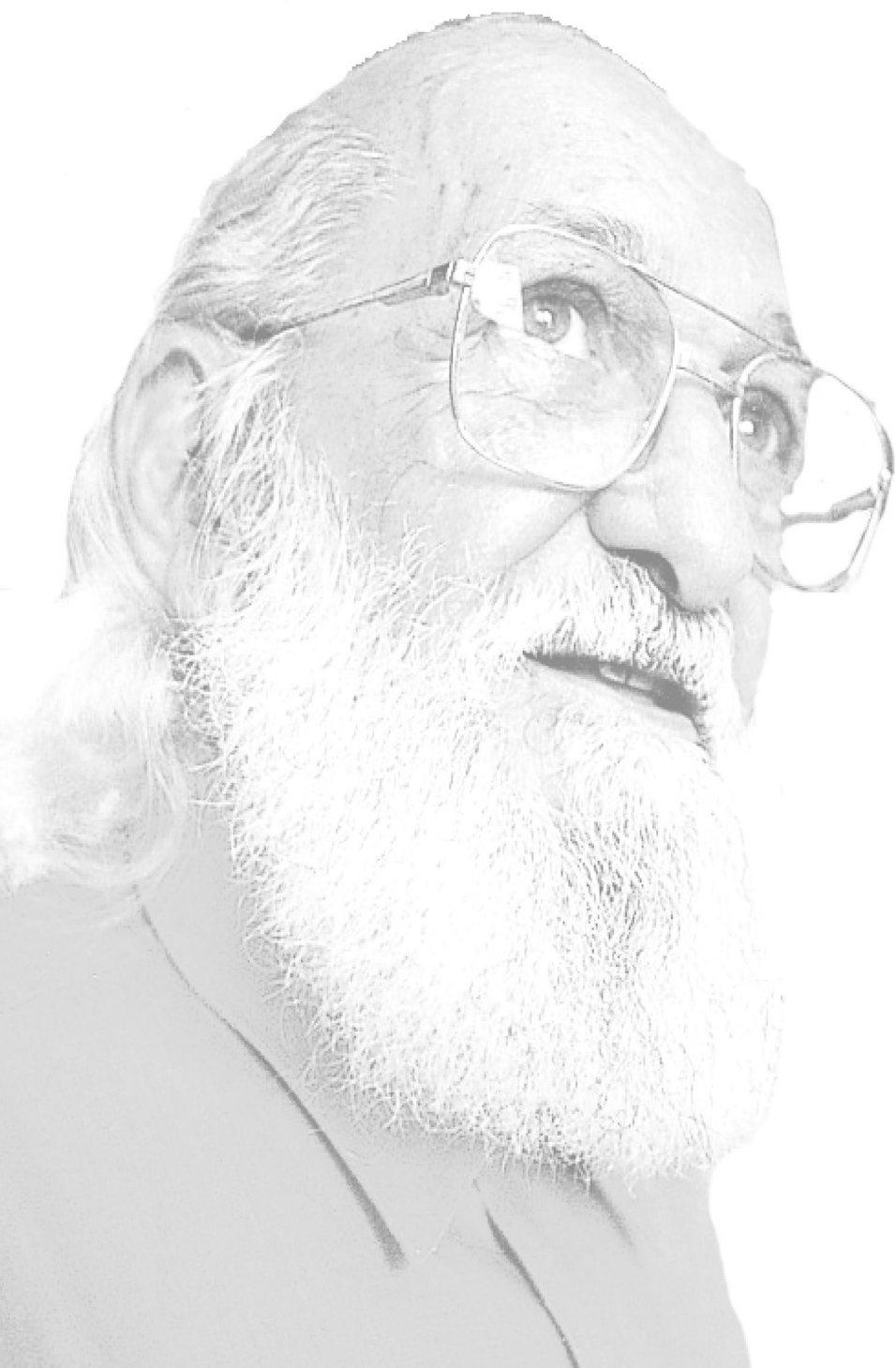
Autora de vários livros. Membro do Núcleo Carolina Maria de Jesus - Pesquisa e Extensão em Educação Popular, Agroecologia e Alfabetização da Classe Trabalhadora, do Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Thaís Aline da Silva dos Santos

Bacharela e Licenciada em Biologia. Mestra em Ciência animal. Pós-graduanda em Educação e Interdisciplinaridade. Pesquisadora atuante na área de Ensino de Ciências e Biologia.

Viviane Rodrigues Novais

Pedagoga de formação pela Faculdade Pitágoras, Especialista em Gestão de Pessoas pela mesma instituição. Pós graduanda em Educação do Campo pela UNEB e em Educação e Interdisciplinaridade pela UFRB. Atualmente atua na coordenação pedagógica do Centro Municipal de Educação Infantil Tarsila do Amaral em Teixeira de Freitas-Bahia.



Anúncios Finais

“Cartas a Paulo Freire: anúncios e denúncias do cotidiano da EJAI” é um livro mais que especial. Um livro que traduz o estilo envolvente e dialógico que marcou os escritos de Paulo Freire em toda a sua trajetória política, educacional e ética. Nele encontramos, ao gosto do nosso patrono, o testemunho de experiências formativas e profissionais banhadas amorosamente dos saberes construídos nessa trajetória educativa. Aqui, cada um dos escritores e escritoras repercutem sobre suas vivências no campo da EJAI, suas experiências de educação político-pedagógica, de leitura e releitura do mundo de cada um.

São narrativas de estudantes e profissionais dos vários recantos dessa imensa Bahia: de Biringa, Santa Bárbara, Santa Teresinha, Ipiaú, Vitória da Conquista, Amargosa, Salvador, Lajedão, Ubatã, Jiquiriçá e Feira de Santana. De aprendizes/professores(as) que aceitaram o convite de Paulo Freire de lutar por outro tipo de educação, outro modelo de homem e de sociedade. São narrativas de homens e mulheres que, se posicionando criticamente a favor dos oprimidos de ontem e excluídos de hoje, resistem esperançosos(as) ao forjarem uma prática educativa de libertação e de reescrita de novas e diferentes histórias.

O livro é o retrato da militância dessas pessoas, um livro desenhado por várias mãos. Mãos que entenderam a função política e social da docência, que aceitaram a provocação de ler e reler criticamente seu mundo, suas experiências formativas e profissionais, atravessadas pelos ensinamentos do eterno Patrono da Educação Brasileira. Mãos que resistem e seguem Bahia a fora dando lições de respeito aos trabalhadores estudantes da EJAI. Que dão visibilidade a esses sujeitos, que valorizam seus saberes, suas histórias de vida e que não desanimam diante de tantos desmandos que têm marcado a educação nos últimos anos. São mãos que ajudam, que mo-

tivam pela prática a escrita de um novo e lindo capítulo na história da EJAI, historicamente negligenciado no Brasil.

O presente livro, nos toca profundamente, nos emociona porque é construído de histórias vividas no chão da EJAI. Histórias de anúncios, de denúncias que se cruzam. História atravessadas por lutas, por persistências e por resistências. De profissionais que seguem esperando porque acreditaram que era possível. É possível. O teu legado, Freire, tem mostrado isso e nos inspira na jornada, na recriação de caminhos possíveis para fazer frente aos muitos desafios que se fazem presentes na educação brasileira e, de modo especial, na EJAI. Como acertadamente, disse Heloísa de Jesus Muniz: “Em meio a tantos fins, você, seu legado, é sinônimo de recomeços, disso não há dúvidas!”

Nesse sentido, espera-se que este livro possa tocar estudantes das licenciaturas, professores da EJAI dos diversos segmentos, gestores e coordenadores pedagógicos e demais interessados na EJAI, a seguir esperando, recriando, dando visibilidade a um projeto de educação libertadora como o vivenciado e ensinado por Paulo Freire, eterno Patrono da Educação Brasileira.

Aqui não pretendemos finalizar o diálogo, pois esses anúncios finais, são, na realidade, um convite ao recomeço de novos escritos...

Vamos continuar semeando e esperando, Mestre!

Maria Eurácia Barreto de Andrade
Sineide Cerqueira Estrala
(Organizadoras)



O principal foco desta obra é apresentar um panorama dos saberes e das experiências desenvolvidas, denunciando e enunciando questões forjadas no cotidiano pedagógico dos autores no campo da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Nesse sentido, a presente obra agrega dezesseis capítulos compostos pelas cartas pedagógicas que abordam importantes ponderações relacionadas à modalidade em pauta no seu movimento político, conceitual, bem como seus processos de construção.

